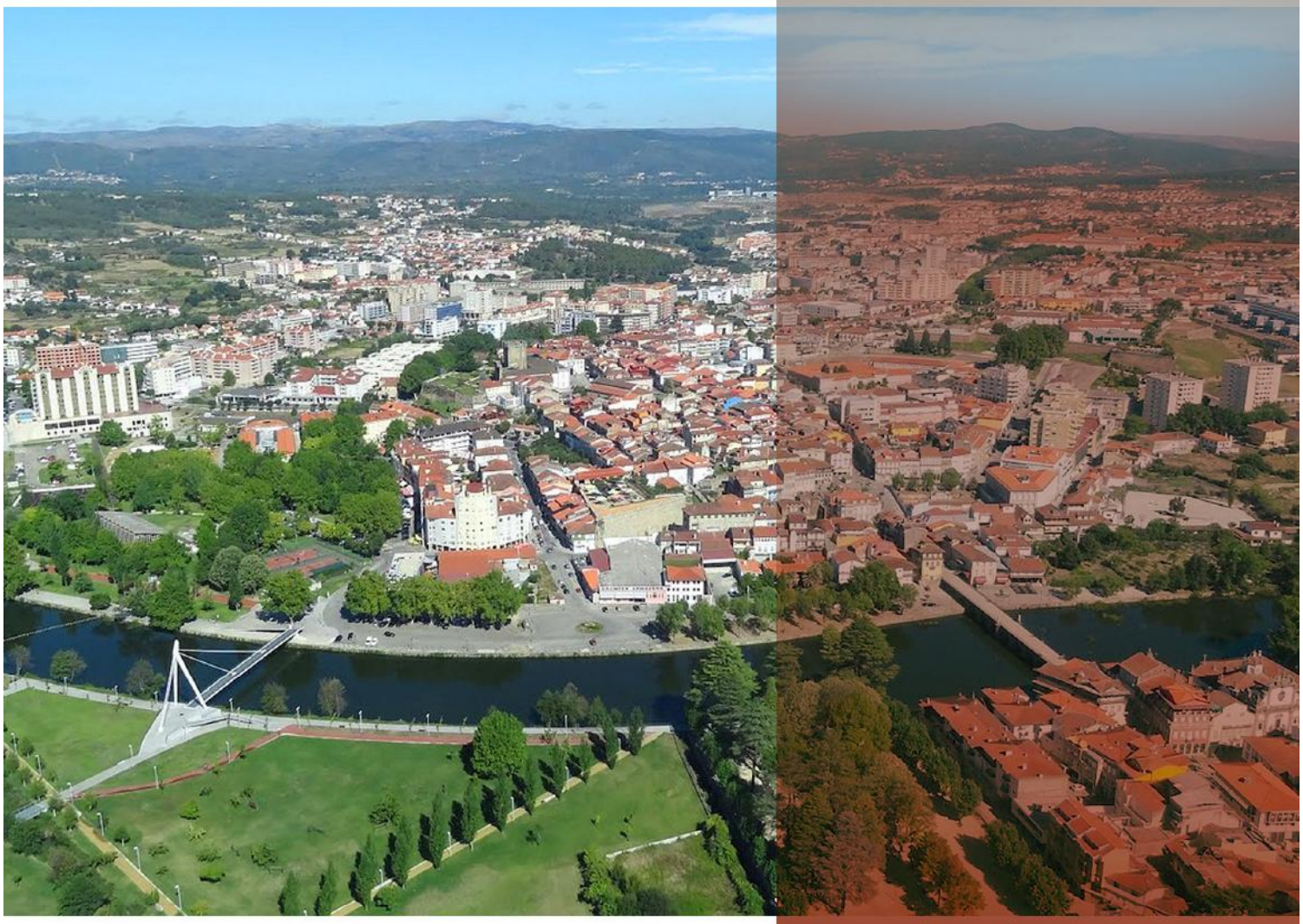
REVISÃO DO PLANO DIRETOR MUNICIPAL DE CHAVES

Estudo Prévio

Estudos de Caraterização

1-População e Habitação



Novembro 2015

GIPP, Lda.

revisão pdm plano diretor municipal de CHAVES

ÍNDICE

ÍNDICE DE QUADROS 2

ÍNDICE DE GRÁFICOS 3

ÍNDICE DE FIGURAS 3

1. INTRODUÇÃO 5

2. POPULAÇÃO 6

2.1. EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE NO MUNICÍPIO DE CHAVES 6

2.2. MUDANÇAS NA ESTRUTURA ETÁRIA E ESPACIAL DA POPULAÇÃO RESIDENTE 13

3. HABITAÇÃO 28

3.1. MUDANÇAS NAS FAMÍLIAS 28

3.2. PARQUE HABITACIONAL 31

3.3. RELAÇÃO DAS FAMÍLIAS COM OS ALOJAMENTOS 35

3.4. PROBLEMAS E NECESSIDADES DE HABITAÇÃO 39

3.5. SITUAÇÃO DAS FREGUESIAS: OS DIFERENTES CONTEXTOS HABITACIONAIS DE CHAVES 45

3.6. POPULAÇÃO, RESIDÊNCIA E COESÃO SOCIAL E TERRITORIAL 59

4. NOTAS CONCLUSIVAS 70

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 2.1 | População residente no município de Chaves (1940-2011) ... 6
Quadro 2.2 | Variação da população nos diversos contextos de Chaves (2001-2011) ... 7
Quadro 2.3 | Saldo natural e saldo migratório (município de Chaves, 1991-2010) ... 8
Quadro 2.4 | Indicadores demográficos: mortalidade e fecundidade ... 9
Quadro 2.5 | Saldo migratório: variação da população jovem ... 10
Quadro 2.6 | Taxa de desemprego (sentido lato) da população jovem, em 2011 ... 10
Quadro 2.7 | Saldo migratório: o papel do retorno dos emigrantes ... 11
Quadro 2.8 | População que residiu pelo menos um ano no estrangeiro, por ano de chegada ... 11
Quadro 2.9 | Projeções de população (estudos do PDM de 1995) ... 12
Quadro 2.10 | Projeções de população revistas ... 12
Quadro 2.11 | Estrutura etária da população (Chaves) ... 14
Quadro 2.12 | Indicadores da estrutura etária ... 14
Quadro 2.13 | População segundo a dimensão dos lugares (Chaves, 1981-2011) ... 15
Quadro 2.14 | População, segundo a dimensão dos lugares e a idade (Chaves, 2011) ... 15
Quadro 2.15 | População, segundo a dimensão dos lugares e a idade (Chaves, 1981-2011) ... 16
Quadro 2.16 | Informação sobre os lugares (Chaves, 2011) ... 17
Quadro 2.17 | Dimensão média dos lugares com menos de 2000 habitantes (2011) ... 18
Quadro 2.18 | Informação demográfica das freguesias: população e envelhecimento ... 19
Quadro 2.19 | Informação demográfica das freguesias: estrutura etária ... 20
Quadro 2.20 | Informação demográfica das freguesias: mobilidade residencial ... 21
Quadro 3.1 | Variação do número de famílias (Chaves, 1940-2011) ... 28
Quadro 3.2 | Dimensão média da família (Chaves, 1940-2011) ... 29
Quadro 3.3 | Famílias, segundo o número de pessoas na família ... 30
Quadro 3.4 | Variação do tipo de família (Chaves, 2001-2011) ... 30
Quadro 3.5 | Parque habitacional, segundo a forma de ocupação (Chaves) ... 32
Quadro 3.6 | Parque habitacional, segundo a forma de ocupação (%) ... 32
Quadro 3.7 | População residente em alojamentos coletivos (Chaves, 1981-2011) ... 32
Quadro 3.8 | População residente em alojamentos coletivos em percentagem da população residente (2011) ... 32
Quadro 3.9 | Idade e ocupação dos alojamentos clássicos (Chaves, 2011) ... 33
Quadro 3.10 | Idade dos alojamentos clássicos (2011), em % do edificado ... 33
Quadro 3.11 | Renovação do parque habitacional/mudanças de uso ... 34
Quadro 3.12 | Alojamentos clássicos vagos segundo a época de construção (Chaves) ... 35
Quadro 3.13 | Variação do número de alojamentos vagos (Chaves, 2001-2011) ... 35
Quadro 3.14 | Regime de ocupação dos alojamentos clássicos ... 36
Quadro 3.15 | Regime de ocupação dos alojamentos clássicos (arrendatário, subarrendatário e outros) ... 36
Quadro 3.16 | Entidade proprietária (alojamentos clássicos ocupados como residência habitual) ... 36
Quadro 3.17 | Entidade proprietária (outra entidade) ... 37
Quadro 3.18 | Mobilidade residencial: população residente por migrações (relativamente a 31/12/2005) ... 38
Quadro 3.19 | Mobilidade residencial: importância do parque existente ... 38
Quadro 3.20 | Informação dos mercados de habitação ... 39
Quadro 3.21 | Indicadores de problemas de habitação (Chaves, 1981-2011) ... 40
Quadro 3.22 | Indicadores de problemas de habitação (em %, comparação com outros contextos) ... 41
Quadro 3.23 | Problemas habitacionais segundo o tipo de família ... 41
Quadro 3.24 | Estado de conservação dos edifícios (Chaves, 2011) ... 43
Quadro 3.25 | Edifícios com necessidade de reparação (%) ... 43
Quadro 3.26 | Contributos para uma perspetiva quantitativa do parque habitacional ... 44
Quadro 3.27 | Situação das freguesias: dinâmica demográfica e habitacional ... 47
Quadro 3.28 | Situação das freguesias: ocupação dos alojamentos (%) ... 48
Quadro 3.29 | Situação das freguesias: incidência de problemas habitacionais ... 49
Quadro 3.30 | População idosa e isolamento ... 60
Quadro 3.31 | Famílias, segundo o número de pessoas com atividade económica ... 61
Quadro 3.32 | Atividade e desemprego ... 63

Quadro 3.33 | Qualificações 66
Quadro 3.34 | Nacionalidade 67
Quadro 3.35 | População com pelo menos uma dificuldade (2011) 68

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 2.1 | População residente no município de Chaves (1940-2011) 7
Gráfico 2.2. | Saldo natural em Chaves (1991-2012) 8
Gráfico 2.3 | Taxa de fecundidade geral 9
Gráfico 2.4 | Pirâmides etárias de Chaves (1981 e 2011) 13
Gráfico 3.1 | Variação do número de famílias (Chaves, 1940-2011) 28
Gráfico 3.2 | Valor de avaliação bancária da habitação (€/m^2) 39

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 2.1 | Lugares, segundo a dimensão populacional 23
Figura 2.2 | Ano de recenseamento com a população máxima (freguesia) 24
Figura 2.3 | Variação da população residente (2001-2011, %) 24
Figura 2.4 | Índice de envelhecimento, por freguesia (2011) 25
Figura 2.5 | População com 75 e mais anos em % da população residente (2011) 25
Figura 2.6 | População residente que habitava noutra freguesia em 2005 (%) 26
Figura 2.7 | População residente que residiu no estrangeiro e chegou depois de 2000 (%) 26
Figura 2.8 | População que residiu no estrangeiro (% da população residente) 27
Figura 3.1 | Freguesias, segundo o tipo de dinâmica demográfica recente 50
Figura 3.2 | Alojamentos clássicos de residência habitual (2011, em % do total) 51
Figura 3.3 | Alojamentos clássicos de uso sazonal ou secundário (2011, em % do total) 51
Figura 3.4 | Alojamentos clássicos vagos (2011, em % do total) 52
Figura 3.5 | Alojamentos clássicos vagos no mercado: para venda ou arrendamento (2011, em % do total) 52
Figura 3.6 | Alojamentos clássicos vagos construídos antes de 1960 (2011, em % do total de alojamentos vagos) 53
Figura 3.7 | Alojamentos clássicos vagos, por lugar (2011, em % do total de alojamentos vagos) 53
Figura 3.8 | Alojamentos clássicos construídos antes de 1945 (2011, em % do total) 54
Figura 3.9 | Alojamentos clássicos construídos depois de 2001 (2011, em % do total) 54
Figura 3.10 | Alojamentos clássicos ocupados pelo proprietário, com encargos (2011, em % do total) 55
Figura 3.11 | Alojamentos clássicos ocupados pelo proprietário, sem encargos (2011, em % do total) 55
Figura 3.12 | Alojamentos clássicos propriedade de outros familiares (2011, em % do total) 56
Figura 3.13 | Mobilidade residencial: percentagem da população que mudou de residência nos últimos cinco anos 56
Figura 3.14 | Famílias em alojamentos superlotados (2011, em % do total) 57
Figura 3.15 | Alojamentos com problemas de equipamento (eletricidade, retrete, água ou banho) (2011, em % do total) 58
Figura 3.16 | Edifícios com necessidades de reparação (médias ou grandes) ou muito degradados (2011, em % do total) 58
Figura 3.17 | População com 65 e mais anos em alojamentos com uma só pessoa (2011, em % do total de idosos) 60
Figura 3.18 | Famílias sem ativos (2011,em % do total de famílias) 61
Figura 3.19 | Pensionistas e reformados, por lugar (2011, em % da população residente) 62
Figura 3.20 | Taxa de atividade, por freguesia (2011) 63
Figura 3.21 | Taxa de desemprego, por freguesia (2011) 64
Figura 3.22 | População empregada no setor primário (2011, em % do total da população empregada) 64
Figura 3.23 | População empregada no setor secundário (2011, em % do total da população empregada) 65
Figura 3.24 | População empregada no setor terciário (2011, em % do total da população empregada) 65
Figura 3.25 | População que atingiu o nível superior (2011, em % do total da população residente) 66
Figura 3.26 | Taxa de analfabetismo, por freguesia (2011) 67

Figura 3.27 | População residente de nacionalidade portuguesa (2011, em % da população residente) 68
Figura 3.28 | População residente com pelo menos uma dificuldade (2011, em % da população residente) 69

1. INTRODUÇÃO

Este estudo da População e Habitação visa apoiar a revisão do Plano Diretor Municipal de Chaves. Procede a uma caraterização do município, identificando as suas principais dinâmicas e necessidades, conferindo particular atenção ao modo como estas se relacionam com o território e à formulação de desafios estratégicos a que o Plano Diretor Municipal deve responder.

O estudo encontra-se organizado em três partes principais. A primeira parte foca a evolução da população residente, as mudanças na sua estrutura etária e espacial e suas perspetivas futuras. Na segunda parte, analisam-se as dinâmicas, os problemas e as necessidades habitacionais no município. Numa terceira parte, apresentam-se outras caraterísticas da população residente que se consideram relevantes para a análise da coesão social e territorial e para outros estudos temáticos de caraterização.

Em termos metodológicos, utiliza-se a informação publicada pelo INE, em especial os Recenseamentos da População e Habitação, nas suas diversas desagregações geográficas, que constituem uma base de dados diversificados muito relevante para o planeamento.

2. POPULAÇÃO

2.1. EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE NO MUNICÍPIO DE CHAVES

De acordo com o Recenseamento da População e Habitação, o município de Chaves tinha, em 2011, 41 243 habitantes. Em termos históricos e quantitativos (ver Quadro 2.1 e Gráfico 2.1), depois de uma forte mudança nos anos 60, em que o município regista uma perda de mais de 12 000 habitantes, mais de 20% da sua população, sucedem-se décadas de relativa estabilidade no número de habitantes, alternando períodos de crescimento e períodos de decrescimento.

Entre 2001 e 2011, a população do município diminui, tendência que, segundo as Estimativas Anuais da População Residente, publicadas pelo INE, terá continuado. De facto, essas estimativas apontam para uma população residente, em 2013, de 40 672 habitantes, o que constitui o valor mais baixo das últimas décadas.

No Quadro 2.2, compara-se a variação da população em Chaves com a variação da população em outros espaços de referência. De uma forma geral, verifica-se que a diminuição da população é, em Chaves, menos acentuada que nos seus espaços mais imediatos do Alto Tâmega e de Alto Trás-os-Montes. No entanto, se restringirmos a análise aos centros urbanos de maior dimensão, verifica-se uma tendência de decréscimo da população da cidade de Chaves que contrasta com o registado noutros centros. A reflexão sobre o crescimento e a dimensão da cidade constitui, assim, um tópico relevante para o planeamento territorial do município.

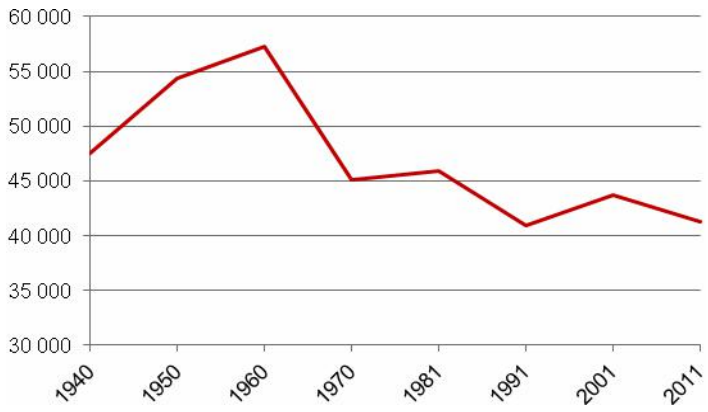
O Quadro 2.2 é também útil para identificar algumas dimensões relevantes para o planeamento do território flaviense: uma cidade de quase 20000 habitantes, uma eurocidade, em projeto, com mais de 30000 habitantes, um município com cerca de 40000 habitantes e um espaço transfronteiriço de interação potencial próxima com mais de 140000 habitantes, segundo os estudos do observatório ESPON, que, com base em critérios associados sobretudo à proximidade física, procuram definir unidades relevantes do ponto de vista da construção de uma Europa mais policêntrica.

Quadro 2.1 | População residente no município de Chaves (1940-2011)

Ano	População
1940	47 527
1950	54 406
1960	57 243
1970	45 061
1981	45 883
1991	40 940
2001	43 667
2011	41 243

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Gráfico 2.1 | População residente no município de Chaves (1940-2011)



Quadro 2.2 | Variação da população nos diversos contextos de Chaves (2001-2011)

	2001	2011	Variação (%)
Chaves - município	43 667	41 243	-5,6
Alto Tâmega	104 768	94 143	-10,1
Alto Trás-os-Montes	223 333	204 381	-8,5
Ourense e Alto Trás-os-Montes	561 779	533 078	-5,1
Região Norte	3 687 293	3 689 609	0,1
Chaves (cidade*)	20 188	18 491	-8,4
Verin	12 917	14 466	12,0
Chaves (cidade*) + Verin	33 105	32 957	-0,4
Horizonte Estratégico Urbano Potencial**		aprox. 142 000	
População ATM e Douro (lugares com mais de 10 000 habitantes)	67 187	94 074	40,0

Fontes: INE Portugal e INE Espanha

* INE - lugares com mais de 10 000 habitantes

** Nordregio (2005), ESPON 1.1.1 - Potentials for polycentric development in Europe - Project report, http://www.espon.eu

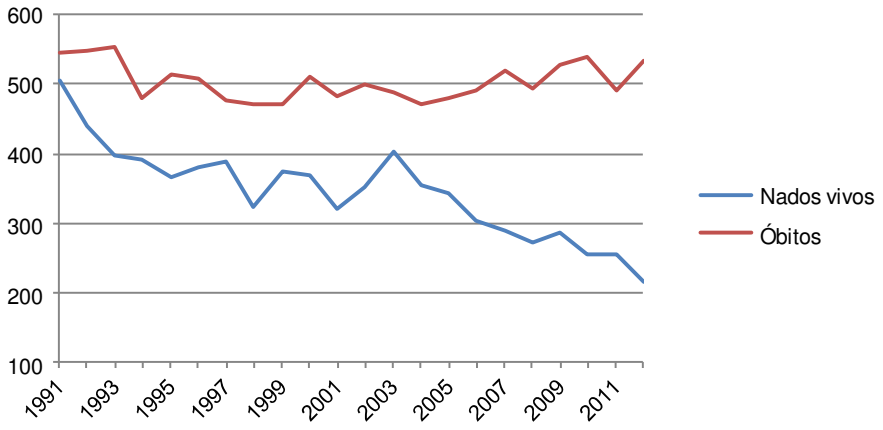
É importante explicar a evolução da população residente, considerando as grandes componentes da variação da população: a fecundidade e os nascimentos, a mortalidade e os óbitos e as migrações.

Verifica-se que as duas últimas décadas foram sempre marcadas pela existência de um saldo natural, correspondente à diferença entre nascimentos e óbitos, negativo (ver quadro 3 e figura 2). Nos anos 90, esse saldo negativo foi compensado pela existência de um saldo migratório positivo; na última década, um saldo natural ainda mais negativo foi agravado por um saldo migratório também negativo.

O agravamento verificado no saldo natural, que explica a parte mais importante da variação populacional entre 2001 e 2011, deveu-se à relativa estabilidade no número de óbitos e a uma acentuada diminuição no número de nascimentos. A título de exemplo, refira-se que o número de nascimentos em 2011 é cerca de metade do número de nascimentos verificado vinte anos antes, em 1991, e que o valor de 2012 (215 nascimentos) é ainda mais baixo.

Por outro lado, no que diz respeito ao saldo migratório, as estimativas publicadas anualmente pelo INE situam em 2003 o início de uma situação, em Chaves, de saldo migratório negativo.

Gráfico 2.2. | Saldo natural em Chaves (1991-2012)



Quadro 2.3 | Saldo natural e saldo migratório (município de Chaves, 1991-2010)

	Nados vivos	Óbitos	Saldo natural	Saldo migratório	Variação da população
1991-2000	3 936	5 081	-1 145	3 872	2 727
2001-2010	3 185	4 996	-1 811	- 613	-2 424

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação e Estatísticas Demográficas

O Quadro 2.4 apresenta alguns indicadores demográficos gerais, comparando o caso de Chaves com Alto Trás-os-Montes, a região Norte e Portugal. Deve ter-se em conta que as diferenças verificadas nos valores da taxa bruta de mortalidade (relação entre o número de óbitos e a população residente) estão relacionadas com as diferenças na estrutura etária das populações. Já

no que diz respeito à fecundidade (ver gráfico 3), a informação existente retrata duas mudanças estruturais muito significativas. Por um lado, verifica-se o decréscimo importante da fecundidade, que em Chaves é mais acentuado que nos outros espaços analisados no quadro.

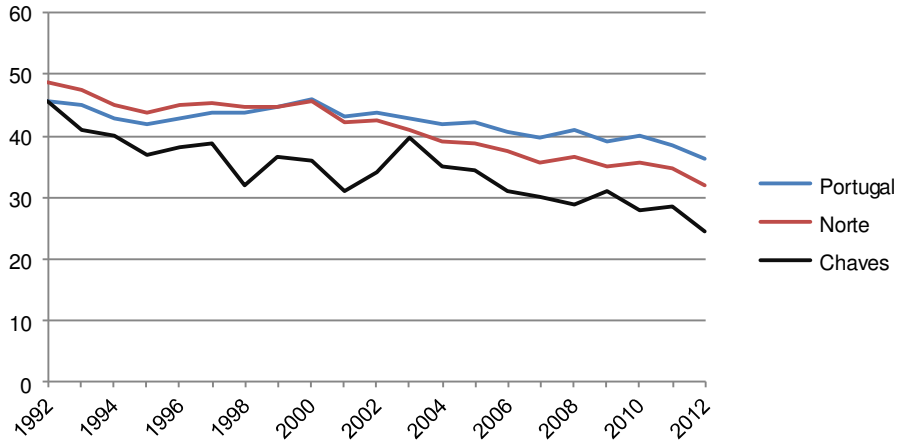
Por outro lado, verificam-se alterações nas taxas de fecundidade dos diversos grupos etários: se, no início da última década, encontramos, em Chaves, as taxas de fecundidade mais elevadas no escalão etário dos 25 aos 29 anos, no final da década as taxas mais elevadas dizem já respeito ao grupo etário dos 30 aos 34 anos.

Quadro 2.4 | Indicadores demográficos: mortalidade e fecundidade

	Taxa bruta de mortalidade (‰)				Taxa de fecundidade geral (‰)			
	Portugal	Norte	Alto Trás-os-Montes	Chaves	Portugal	Norte	Alto Trás-os-Montes	Chaves
1992	10,1	8,9	12,7	13,2	45,5	48,6	42,9	45,5
2000	10,2	8,6	12,7	11,8	45,9	45,5	37,3	36,0
2001	10,1	8,7	13,1	11,1	43,0	42,3	33,9	31,1
2002	10,2	8,6	13,3	11,5	43,6	42,6	34,6	34,2
2010	10,0	8,7	13,8	13,0	40,0	35,8	29,4	27,9
2011	9,7	8,6	13,1	11,9	38,6	34,6	29,1	28,5
2012	10,2	9,0	14,5	13,0	36,3	31,9	27,7	24,5

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas

Gráfico 2.3 | Taxa de fecundidade geral



Como se disse anteriormente, estas mudanças estruturais explicam a parte mais importante da variação populacional entre 2001 e 2011. Importa, no entanto, perceber também os diversos fenómenos associados às migrações da população. Vimos já que, no passado recente,

alternaram situações com saldo migratório positivo e situações com saldo migratório negativo. Uma análise mais pormenorizada sugere a existência de diferentes facetas deste fenómeno.

O Quadro 2.5 baseia-se em informação relacionada com os grupos etários e começa por comparar duas situações: a estrutura etária da população retratada pelos Censos 2011 e uma situação hipotética que resultaria do envelhecimento da população existente em 2001. Os valores negativos encontrados nos escalões etários dos jovens adultos são indicadores de movimentos de saída das populações, e a mesma situação teria sido encontrado se analisássemos períodos anteriores. A sobreposição destes dados com outra informação relacionada com o emprego parece evidenciar a importância que a problemática da inserção profissional dos jovens adultos pode adquirir na maior ou menor intensidade dos processos de migração. O Quadro 2.6 apresenta informação da taxa de desemprego, em sentido lato, para alguns grupos etários, mas outros dados dos Censos 2011 parecem reforçar esta hipótese de análise: por exemplo, o valor da população residente que, em 2011, saía para estudar ou trabalhar fora do município era significativamente maior que o valor da população que, na mesma data, trabalhava ou estudava em Chaves, residindo noutros municípios.

Quadro 2.5 | Saldo migratório: variação da população jovem

Grupos etários	População (2011)	População hipotética	Diferença
15 a 19	2 090	2 007	83
20 a 24	2 163	2 512	- 349
25 a 29	2 180	3 107	- 927
30 a 34	2 528	3 144	- 616
35 a 39	2 658	2 834	- 176

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Nota: População hipotética - população residente que resultaria da manutenção da população de 2001, "dez anos mais velha"

Quadro 2.6 | Taxa de desemprego (sentido lato) da população jovem, em 2011

Grupos etários	Portugal	Norte	Alto Trás-os-Montes	Chaves
Total	13,2	14,5	11,9	14,5
15 a 19	45,3	40,2	49,1	50,0
20 a 24	24,4	23,1	27,4	32,2
25 a 29	14,0	14,1	16,4	18,5
30 a 34	11,1	11,5	11,9	14,3

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Um fenómeno diferente aparece associado a outros grupos etários, remetendo em parte para uma outra problemática: a problemática da atração ou do retorno de emigrantes, nomeadamente de emigrantes no estrangeiro.

Os Quadro 2.7 e Quadro 2.8 apresentam evidências da relevância desta problemática, no caso de Chaves. Salienta-se, em primeiro lugar, a importância da atração de população residente no estrangeiro. Deve dizer-se que esta é mais expressiva em Chaves que nos outros espaços que têm vindo a servir de referência a esta análise (Alto Trás-os-Montes, Norte e Portugal) e mais expressiva em Chaves que nos municípios com os maiores centros urbanos do nordeste português. Salienta-se, também, a percentagem de 30,1% da população residente no município de Chaves que, segundo os Censos 2001, residiu pelo menos um ano no estrangeiro.

A importância deste fenómeno significa que, em muitos casos, a análise da dinâmica e da vitalidade dos territórios não se deve resumir à consideração da população residente. Este aspeto será retomado em ponto posterior, quando se falar da importância do uso secundário da habitação.

Quadro 2.7 | Saldo migratório: o papel do retorno dos emigrantes

Ano	População residente	Proveniente de outro município			
		Total	Total (%)	Portugal	Estrangeiro
2001	43 667	3 241	7,4	1 541	1 700
2011	41 243	2 910	7,1	1 521	1 389

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Quadro 2.8 | População que residiu pelo menos um ano no estrangeiro, por ano de chegada

	Total	% da população residente	Antes de 1971	De 1971 a 1980	De 1981 a 1990	De 1991 a 2000	De 2001 a 2005	De 2006 a 2011
Chaves	12 422	30,1	458	3 327	2 306	3 030	1 453	1 848
Alto Trás-os-Montes	58 370	28,6	2 250	16 552	11 103	13 611	6 323	8 531
Norte	546 994	14,8	25 765	143 782	109 806	121 273	58 261	88 107
Portugal	1 839 269	17,4	80 751	485 074	311 738	391 646	245 390	324 670

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

Em resumo, o estudo da população residente, na perspetiva da sua evolução quantitativa, para além do reconhecimento da existência de uma tendência de diminuição da população residente, permite identificar três aspetos principais que condicionarão, no futuro próximo, essa evolução: a amplitude das transformações estruturais na fecundidade; as oportunidades de inserção dos jovens adultos no mercado de emprego; a continuidade do processo de atração e retorno de população emigrante.

O acompanhamento destes três aspetos constitui uma tarefa essencial da construção e atualização de cenários de evolução da população residente, bem como do acompanhamento das dinâmicas demográficas do município.

Os Quadro 2.9 e Quadro 2.10 apresentam resultados de dois exercícios de cenarização, realizados em momentos diferenciados: os trabalhos, na década de noventa, de elaboração do Plano Diretor Municipal e os presentes trabalhos de revisão desse Plano. No primeiro caso, comparam-se as projeções realizados com a informação dos diversos Recenseamentos da População.

Quadro 2.9 | Projeções de população (estudos do PDM de 1995)

Ano	Cenários				Censos
	I	II	III	IV	
2000	45 865	45 441	45 887	42 410	43 667
2005	45 469	45 791	45 499	40 852	
2010	45 078	46 625	45 115	39 307	41 243
2015	44 632	47 928	44 677	37 728	
2020	44 082	49 711	44 134	36 083	

Quadro 2.10 | Projeções de população revistas

Ano	Cenários			
	I	II	III	IV
2011	41 243	41 243	41 243	41 243
2016	39 932	40 212	40 576	41 323
2021	38 402	38 842	39 556	41 016
2026	36 548	37 242	38 270	40 195

As projeções agora realizadas basearam-se na construção de quatro cenários. Assumiu-se, em todos eles, a continuação das tendências identificadas no passado recente de evolução da mortalidade por grupos etários, que, no essencial, se traduzem pelo aumento da longevidade da população. Identificaram-se duas hipóteses de evolução da fecundidade: uma hipótese de manutenção das taxas de fecundidade verificadas, em Chaves, nos últimos anos e uma hipótese de ligeira recuperação dessas taxas para valores iguais aos da atual média nacional. Finalmente, consideraram-se três possibilidades de evolução do saldo migratório: a continuação de um saldo migratório negativo, da mesma dimensão do verificado na última década, e afetando mais os grupos etários situados entre os 20 e os 39 anos; uma situação de saldo migratório nulo; e uma situação de recuperação do saldo migratório, situado na média do verificado entre 1991 e 2001 e do verificado entre 2001 e 2011.

Assim, o cenário I corresponde à manutenção das atuais taxas de fecundidade muito baixas, conjugadas com um saldo migratório negativo, afetando predominantemente os grupos etários situados entre os 20 e os 39 anos. O cenário II conjuga essas taxas de fecundidade com um saldo migratório nulo. O cenário III assume a hipótese de ligeira recuperação das taxas de fecundidade e de saldo migratório nulo. O cenário IV corresponde à mesma perspetiva de recuperação das taxas de fecundidade, conjugada com um saldo migratório positivo.

A probabilidade da diminuição da população residente constitui a principal leitura dos exercícios de cenarização apresentados no Quadro 2.10, que mostram a influência determinante para esse resultado das atuais transformações demográficas, nomeadamente as relacionadas com a fecundidade.

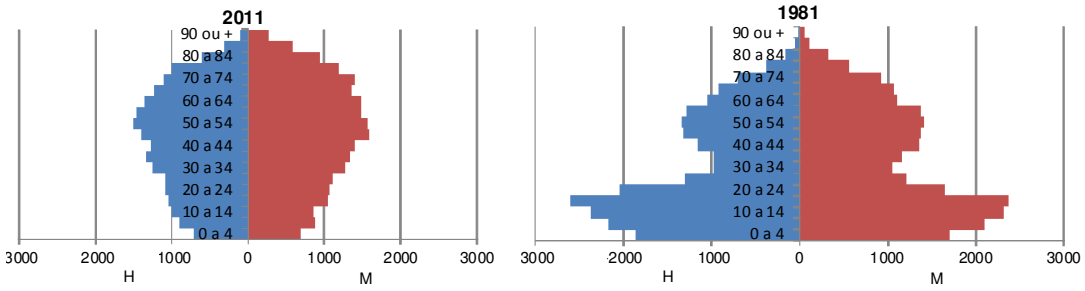
Deve notar-se que se associa muitas vezes a perspetiva da diminuição da população residente ou, como veremos de seguida, a perspetiva do envelhecimento da população, a uma conotação negativa de declínio ou de perda de vitalidade. Não é esse o único entendimento possível deste fenómeno, já que ele encerra, também, desafios importantes em torno da definição de novas qualidades – e, neste caso, de novas qualidades territoriais - a desenvolver.

A análise até agora efetuada privilegiou a questão mais geral da evolução do quantitativo da população residente. Permite traçar um quadro de referência, mas não é ainda suficiente para dar conta de algumas transformações estruturais profundas na realidade demográfica do município: em primeiro lugar, uma transformação muito significativa da estrutura etária da população residente; em segundo lugar, uma transformação igualmente significativa no modelo de povoamento do município, com o aprofundamento de importantes contrastes territoriais que devem ser tidos em conta.

2.2. MUDANÇAS NA ESTRUTURA ETÁRIA E ESPACIAL DA POPULAÇÃO RESIDENTE

A representação das pirâmides etárias do município em 1981 e em 2011 é suficientemente exemplificativa da extensão das mudanças na estrutura etária verificadas nas últimas décadas, e que podemos associar à temática do envelhecimento da população residente (Gráfico 2.4). No caso de 1981, verificamos a existência de uma população mais jovem, na qual também se percebem as marcas da profundidade de anteriores processos migratórios. A pirâmide etária de 2011 é típica de uma situação de duplo envelhecimento, com a diminuição da base da pirâmide e o alargamento do seu topo.

Gráfico 2.4 | Pirâmides etárias de Chaves (1981 e 2011)



A informação subjacente, apresentada de forma resumida nos Quadro 2.11 e Quadro 2.12, é expressiva: a contínua diminuição do número de residentes com menos de 15 anos de idade, que correspondiam, em 1981, a 27% da população residente e correspondem, em 2001, a 12% da população residente no município de Chaves; o contínuo aumento do número de residentes com 65 e mais anos de idade, que significava 12% da população residente em 1981 e passa a significar 24% da população em 2011. Estas mudanças são captadas pela evolução do índice de envelhecimento (o quociente entre o número de pessoas com 65 ou mais anos e o número de pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos).

Verifica-se, ao mesmo tempo, um aumento contínuo da longevidade da população. O índice de longevidade representa a relação entre a população mais idosa (com 75 e mais anos) e a população idosa (com 65 e mais anos).

Verifica-se, finalmente, uma mudança na estrutura da população em idade ativa, com os índices de juventude (relação entre a metade mais jovem e a metade mais idosa da população em idade ativa) e de renovação (relação entre a população que potencialmente está a entrar e a que está a sair do mercado de trabalho) da população ativa a assumirem, em 2011, valores inferiores a 100. Esta mudança deve ser tida em conta na reflexão sobre as dinâmicas económicas e de emprego no município.

Quadro 2.11 | Estrutura etária da população (Chaves)

Ano	População residente			
	Total	0-14 anos	15-64 anos	65 e mais anos
1981	45 883	12 507	28 108	5 268
1991	40 940	8 236	26 297	6 407
2001	43 667	6 269	28 762	8 636
2011	41 243	5 030	26 116	10 097

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Quadro 2.12 | Indicadores da estrutura etária

Ano	Índice de envelhecimento	Índice de longevidade	Índice de dependência	Índice de juventude da pop ativa	Índice de renovação da pop ativa

Chaves	1981	42,1	31,5	63,2	120,2	128,8
	1991	77,8	36,8	55,7	117,5	106,9
	2001	137,8	41,3	51,8	105,0	113,3
	2011	200,7	49,6	57,9	80,1	72,2
Alto Trás-os-Montes	2011	249,2	50,3	64,1	75,7	69,8
Norte	2011	113,3	46,7	47,5	94,7	98,3
Portugal	2011	127,8	47,9	51,3	95,1	94,3

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Estes processos de mudança na estrutura etária da população são acompanhados por processos de mudança no povoamento, isto é na ocupação do território municipal, que podem ser caraterizados a partir da informação constante dos quadros seguintes (Quadro 2.13 a Quadro 2.15).

O primeiro dado a reter desses quadros é o processo de constituição de uma cidade média, que quase duplica a sua dimensão populacional entre 1981 e 2001, embora registando perdas na última década. A sua importância relativa passa de cerca de um quarto da população do município para quase metade dessa população, em contraste com a diminuição da população residente em lugares com menos de 2000 habitantes.

Um segundo dado a reter é a diferença nas caraterísticas demográficas destes dois tipos de espaço, tal como são retratados pelos diversos indicadores escolhidos, como os índices de envelhecimento, de juventude e de renovação da população ativa (Quadro 2.14). Analisando a importância relativa dos diferentes grupos etários, encontram-se as diferenças mais importantes na localização do grupo etário dos 25 aos 39 anos, mais presente na cidade de Chaves, e do grupo etário da população com 65 e mais anos, mais presente nos lugares com menos de 2000 habitantes.

Quadro 2.13 | População segundo a dimensão dos lugares (Chaves, 1981-2011)

	Total	Em lugares até 1999 Habitantes		Em lugares com mais de 10000 Habitantes		População Isolada, Embarcada e Corpo Diplomático	
1981	45 883	34 300	74,8	11 466	25,0	117	0,3
2001	43 667	22 586	51,7	20 188	46,2	893	2,0
2011	41 243	22 371	54,2	18 491	44,8	381	0,9

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Quadro 2.14 | População, segundo a dimensão dos lugares e a idade (Chaves, 2011)

	Total	Em lugares até 1999 Habitantes		Em lugares com mais de 10000 Habitantes		População Isolada, Embarcada e Corpo Diplomático	
0-14 anos	5 030	2 416	10,8	2 540	13,7	74	19,4
15-24 anos	4 253	2 156	9,6	2 058	11,1	39	10,2

25-39 anos	7 366	3 360	15,0	3 933	21,3	73	19,2
40-64 anos	14 497	7 958	35,6	6 417	34,7	122	32,0
65 e mais anos	10 097	6 481	29,0	3 543	19,2	73	19,2
Total	41 243	22 371	100,0	18 491	100,0	381	100,0
Índice de longevidade	49,6	49,3		50,3		38,4	
Índice de envelhecimento	200,7	268,3		139,5		98,6	
Índice de dependência	57,9	66,0		49,0		62,8	
Índice de juventude da população ativa	80,1	69,3		93,4		91,8	
Índice de renovação da população ativa	72,2	61,4		85,7		77,8	

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

A terceira conclusão a reter tem a ver com a transformação dessas caraterísticas (Quadro 2.15). Por exemplo, em 1981 a percentagem da população com menos de 15 anos era maior no conjunto dos lugares com menos de 2000 habitantes que na cidade de Chaves. Em 2001 e 2011, a situação é a oposta.

Finalmente, sublinha-se a variação da população isolada, que aumenta num primeiro momento até 2011 e diminui posteriormente. Embora a pequena dimensão desta categoria torne menos pertinente a sua comparação com as duas categorias de espaço, assinale-se, mesmo assim, a maior presença, em termos relativos, na população dispersa, dos grupos etários com menos de 15 anos.

Quadro 2.15 | População, segundo a dimensão dos lugares e a idade (Chaves, 1981-2011)

	Total		Em lugares até 1999 Habitantes		Em lugares com mais de 10000 habitantes		População Isolada, Embarcada e Corpo Diplomático	
Chaves (1981)	45 883	100,0	34 300	100,0	11 466	100,0	117	100,0
0 a 15 anos	12 507	27,3	9 535	27,8	2 934	25,6	38	32,5
15 a 25 anos	8 662	18,9	6 397	18,7	2 240	19,5	25	21,4
25 a 65 anos	19 446	42,4	14 164	41,3	5 238	45,7	44	37,6
65 ou mais anos	5 268	11,5	4 204	12,3	1 054	9,2	10	8,5
Chaves (2001)	43 667	100,0	22 586	100,0	20 188	100,0	893	100,0
0 a 15 anos	6 269	14,4	2 874	12,7	3 226	16,0	169	18,9
15 a 25 anos	6 251	14,3	2 957	13,1	3 149	15,6	145	16,2
25 a 65 anos	22 511	51,6	11 256	49,8	10 785	53,4	470	52,6
65 ou mais anos	8 636	19,8	5 499	24,3	3 028	15,0	109	12,2
Chaves (2011)	41 243	100,0	22 371	100,0	18 491	100,0	381	100,0
0 a 15 anos	5 030	12,2	2 416	10,8	2 540	13,7	74	19,4
15 a 25 anos	4 253	10,3	2 156	9,6	2 058	11,1	39	10,2
25 a 65 anos	21 863	53,0	11 318	50,6	10 350	56,0	195	51,2
65 ou mais anos	10 097	24,5	6 481	29,0	3 543	19,2	73	19,2

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

A análise precedente baseou-se em duas categorias principais: a cidade e os lugares com menos de 2000 habitantes. No entanto, esta última categoria encerra realidades distintas entre si, tanto do ponto de vista da dimensão populacional de cada agregado como do ponto de vista da respetiva dinâmica. Por isso, os quadros seguintes procuram desenvolver informação mais desagregada e mais representativa da diversidade de contextos territoriais de Chaves.

Não é fácil, do ponto de vista metodológico, encontrar informação comparável, por lugar, nos diversos Recenseamentos da População e, por isso, referem-se, sobretudo, nos quadros 16 e 17, os dados mais recentes, de 2011. Essa informação permite sublinhar, em primeiro lugar, a heterogeneidade dos 131 lugares do município e, em segundo lugar, a sua dimensão média, quando comparada com a que se verifica em outros espaços de referência.

Verifica-se (Quadro 2.16) que um quinto da população do município reside nos 95 lugares com menos de 200 habitantes, Cerca de 35% da população do município reside nos 35 lugares com dimensão entre os 200 e os 2000 habitantes, enquanto os residentes na cidade de Chaves correspondem a cerca de 45% da população do município.

Verifica-se, ao mesmo tempo, que a dimensão média dos lugares com menos de 2000 habitantes é de 172 habitantes, valor que é superior ao valor médio encontrado em Portugal, no Norte e em Alto-Trás-os-Montes (Quadro 2.17).

Uma análise mais pormenorizada que incorporasse informação referente a outros anos, que não é possível, como foi referido, para todos os 131 casos estudados com base nos Censos de 2011, permitiria concluir que, embora a população residente nos lugares com menos de 2000 habitantes tenha vindo a diminuir, não se verifica sempre em todos estes lugares uma situação de perda populacional. A análise da informação existente por freguesia poderá ajudar a reforçar esta conclusão.

Quadro 2.16 | Informação sobre os lugares (Chaves, 2011)

Dimensão do lugar (habitantes)	Nº lugares	População	
Dispersa		381	0,9
0-50	29	821	2,0
51-100	33	2 405	5,8
101-200	33	4 645	11,3
201-400	22	5 906	14,3
401-800	10	5 434	13,2
801-1250	3	3 160	7,7
mais de 1250	1	18 491	44,8
Total	131	41 243	100,0

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

Quadro 2.17 | Dimensão média dos lugares com menos de 2000 habitantes (2011)

	Portugal	Norte	Alto Trás-os-Montes	Chaves
Dimensão média dos lugares com menos de 2000 habitantes	152	112	122	172

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

Apresentam-se, por isso, nos quadros e figuras seguintes, dados apurados por freguesia, referentes à variação da população residente e ao ano censitário em que se registou a população máxima na freguesia, à composição etária da população residente, e à capacidade de atração de população, medida pela percentagem da população que residia em 2005 noutra freguesia, noutro município ou no estrangeiro e à percentagem da população que residiu no estrangeiro pelo menos 1 ano. Este conjunto de dados permite, em síntese, distinguir vários contextos, segundo a sua situação demográfica.

Da referência ao ano em que registou o máximo da população residente decorrem três situações diferenciadas:

- Um conjunto de freguesias em crescimento, em que o valor máximo da população foi atingido em 2011. Integram este grupo as seguintes freguesias: Outeiro Seco, Vale de Anta, Vila Verde da Raia e União das freguesias de Santa Cruz/Trindade e Sanjurge. Em conjunto, estas freguesias correspondiam, em 2011, a 16,7% da população residente no município;
- Um conjunto de freguesias em que o valor máximo da população foi atingido em 2001, e que registaram perdas populacionais na última década. Integram este grupo as seguintes freguesias: Santa Maria Maior, União das freguesias da Madalena e Samaiões e Vilar de Nantes. Em conjunto, estas freguesias correspondiam, em 2011, a 40,7% da população residente no município;
- Finalmente, as restantes freguesias, com valores máximos da população entre 1950 e 1960 e atingidas por processos mais profundos de perda populacional. Este grupo, o maior do ponto de vista do número de freguesias, integrava situações diferentes, no que diz respeito à intensidade das perdas populacionais verificadas, ao envelhecimento e à capacidade de atração da população. Em conjunto, estas freguesias correspondiam, em 2011, a 42,6% da população residente no município. De notar que dez destas freguesias perderam, entre 2001 e 2011, 20% ou mais da sua população: Tronco, São Vicente, Lama de Arcos, Nogueira da Montanha, Sanfins, Santa Leocádia, União das freguesias de Travancas e Roriz, União das freguesias de Calvão e Soutelinho da Raia, Cimo de Vila da Castanheira e União das

freguesias de Loivos e Póvoa de Agrações. Nestas freguesias em perda demográfica mais intensa residia, em 2011, aproximadamente 10% da população do município.

A situação dos dois primeiros grupos de freguesias coloca a questão das dinâmicas e da forma da expansão urbana do município, isto é da relação entre o processo de estruturação da cidade de Chaves, com perdas populacionais em algumas freguesias e ganhos populacionais em outras, e os seus espaços mais imediatos.

Por outro lado, evidencia-se a intensidade das situações de declínio demográfico e de envelhecimento (ver, por exemplo, a Figura 2.4) de uma parte significativa das freguesias do município. No entanto, a verificação deste intenso declínio não significa a ausência de dinamismos, como a análise dos indicadores relacionados com a mobilidade residencial e com a atração de nova população residente pode comprovar (ver, a este propósito, os dados do Quadro 2.20 e as Figura 2.6 e Figura 2.7).

Quadro 2.18 | Informação demográfica das freguesias: população e envelhecimento

Freguesia	População residente (2011)	Variação da população (%)		Ano do máximo da população	Índice de envelhecimento
		1991-2001	2001-11		
Águas Frias	746	-5,2	-16,8	1960	342,0
Anelhe	476	0,7	-11,5	1950	129,3
Bustelo	519	4,9	0,4	1960	176,2
Cimo de Vila da Castanheira	479	-20,8	-20,8	1960	385,4
Curalha	469	10,7	-9,5	1950	179,7
Ervededo	646	-3,8	-12,7	1960	384,7
Faiões	873	-6,8	-0,8	1960	192,6
Lama de Arcos	316	-15,7	-25,6	1950	483,3
Mairos	344	-16,1	-4,2	1950	417,9
Moreiras	273	-21,6	-11,4	1950	225,6
Nogueira da Montanha	529	-18,9	-23,7	1960	385,7
Oura	602	-14,9	-7,7	1950	230,1
Outeiro Seco	938	31,1	14,7	2011	132,8
Paradela	262	9,7	-17,6	1960	315,4
Planalto de Monforte (União das freguesias de Oucidres e Bobadela)	299	-16,5	-16,9	1960	573,9
Redondelo	527	-10,2	-12,2	1960	202,8
Sanfins	236	-31,9	-23,4	1960	433,3
Santa Leocádia	324	-22,8	-22,7	1960	530,4
Santa Maria Maior	11 788	28,4	-3,8	2001	141,2
Santo António de Monforte	454	0,0	-10,8	1960	307,7
Santo Estêvão	607	2,6	-4,0	1950	213,4
São Pedro de Agostém	1 419	-2,2	-6,2	1960	139,4
São Vicente	227	-27,4	-27,5	1960	1642,9

Freguesia	População residente (2011)	Variação da população (%)		Ano do máximo da população	Índice de envelhecimento
		1991-2001	2001-11		
Tronco	218	0,3	-33,1	1960	621,4
União das freguesias da Madalena e Samaiões	2 900	29,3	-13,6	2001	216,7
União das freguesias das Eiras, São Julião de Montenegro e Cela	970	3,7	-10,3	1950	320,0
União das freguesias de Calvão e Soutelinho da Raia	503	-8,5	-21,7	1960	651,5
União das freguesias de Loivos e Póvoa de Agrações	739	-19,9	-19,9	1960	284,8
União das freguesias de Santa Cruz/Trindade e Sanjurge	3 430	31,1	14,7	2011	112,3
União das freguesias de Soutelo e Seara Velha	515	-5,9	-9,8	1960	386,0
União das freguesias de Travancas e Roriz	566	-23,6	-22,5	1960	472,9
Vale de Anta	1 543	12,0	28,6	2011	126,2
Vidago (União das freguesias de Vidago, Arcossó, Selhariz e Vilarinho das Paranheiras)	1 991	-11,1	-4,4	1960	236,0
Vila Verde da Raia	993	1,3	16,1	2011	200,9
Vilar de Nantes	2 084	31,2	-1,6	2001	175,7
Vilarelho da Raia	558	-14,0	-9,9	1960	1238,1
Vilas Boas	195	-20,7	-10,6	1950	225,0
Vilela do Tâmega	409	-10,2	-9,3	1960	226,1
Vilela Seca	276	-16,8	-14,6	1960	475,0

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Quadro 2.19 | Informação demográfica das freguesias: estrutura etária

Freguesia	% População com idades…			Índice de dependência	Índice de longevidade
	0-14 anos	65 e mais anos	75 e mais anos		
Águas Frias	9,2	31,6	15,4	69,2	48,7
Anelhe	17,2	22,3	8,6	65,3	38,7
Bustelo	12,1	21,4	10,8	50,4	50,5
Cimo de Vila da Castanheira	8,6	33,0	17,1	71,1	51,9
Curalha	12,6	22,6	10,2	54,3	45,3
Ervededo	9,1	35,1	17,2	79,4	48,9
Faiões	12,4	23,8	10,8	56,7	45,2
Lama de Arcos	7,6	36,7	17,7	79,5	48,3
Mairos	8,1	34,0	18,9	72,9	55,6
Moreiras	14,3	32,2	13,2	87,0	40,9
Nogueira da Montanha	7,9	30,6	13,4	62,8	43,8
Oura	12,1	27,9	13,6	66,8	48,8
Outeiro Seco	12,7	16,8	9,7	41,9	57,6
Paradela	9,9	31,3	13,4	70,1	42,7

Freguesia	% População com idades…			Índice de dependência	Índice de longevidade
	0-14 anos	65 e mais anos	75 e mais anos		
Planalto de Monforte (União das freguesias de Oucidres e Bobadela)	7,7	44,1	24,1	107,6	54,5
Redondelo	13,5	27,3	14,2	68,9	52,1
Sanfins	8,9	38,6	18,6	90,3	48,4
Santa Leocádia	7,1	37,7	18,5	81,0	49,2
Santa Maria Maior	13,6	19,3	10,1	49,1	52,6
Santo António de Monforte	8,6	26,4	12,1	53,9	45,8
Santo Estêvão	13,5	28,8	12,0	73,4	41,7
São Pedro de Agostém	14,3	19,9	10,3	52,1	51,6
São Vicente	3,1	50,7	25,1	116,2	49,6
Tronco	6,4	39,9	17,9	86,3	44,8
União das freguesias da Madalena e Samaiões	11,8	25,5	12,0	59,3	47,1
União das freguesias das Eiras, São Julião de Montenegro e Cela	9,3	29,7	14,1	63,9	47,6
União das freguesias de Calvão e Soutelinho da Raia	6,6	42,7	19,9	97,3	46,5
União das freguesias de Loivos e Póvoa de Agrações	10,7	30,4	15,0	69,9	49,3
União das freguesias de Santa Cruz/Trindade e Sanjurge	14,5	16,3	7,0	44,4	43,0
União das freguesias de Soutelo e Seara Velha	8,3	32,2	16,3	68,3	50,6
União das freguesias de Travancas e Roriz	8,5	40,1	21,2	94,5	52,9
Vale de Anta	15,8	20,0	10,4	55,7	52,3
Vidago (União das freguesias de Vidago, Arcossó, Selhariz e	12,0	28,3	15,4	67,6	54,3
Vila Verde da Raia	11,5	23,1	10,8	52,8	46,7
Vilar de Nantes	12,6	22,2	11,3	53,3	50,9
Vilarelho da Raia	3,8	46,6	24,6	101,4	52,7
Vilas Boas	12,3	27,7	13,8	66,7	50,0
Vilela do Tâmega	11,2	25,4	10,5	57,9	41,3
Vilela Seca	8,7	41,3	18,1	100,0	43,9

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Quadro 2.20 | Informação demográfica das freguesias: mobilidade residencial

Freguesia	% População que residia noutra freguesia (em 2005)	% População que residiu no estrangeiro pelo menos 1 ano	
		Total	Ano de chegada posterior a 2000
Águas Frias	9,5	30,7	8,0
Anelhe	4,0	23,3	5,9

Freguesia	% População que residia noutra freguesia (em 2005)	% População que residiu no estrangeiro pelo menos 1 ano	
		Total	Ano de chegada posterior a 2000
Bustelo	15,2	41,8	12,3
Cimo de Vila da Castanheira	4,6	23,0	7,1
Curalha	5,1	16,8	3,4
Ervededo	14,9	44,6	15,8
Faiões	11,8	30,1	6,9
Lama de Arcos	9,8	15,2	4,1
Mairos	10,8	30,8	9,9
Moreiras	8,8	34,4	8,4
Nogueira da Montanha	8,7	39,7	13,6
Oura	10,0	36,9	9,8
Outeiro Seco	11,4	25,6	6,2
Paradela	5,3	27,5	7,3
Planalto de Monforte (União das freguesias de Oucidres e Bobadela)	6,7	38,1	14,4
Redondelo	7,6	32,3	9,5
Sanfins	9,3	36,4	10,6
Santa Leocádia	4,6	31,2	10,5
Santa Maria Maior	16,3	25,9	7,3
Santo António de Monforte	11,2	31,9	8,4
Santo Estêvão	12,4	39,7	9,1
São Pedro de Agostém	9,1	28,0	6,3
São Vicente	7,5	30,4	6,6
Tronco	6,0	28,9	7,3
União das freguesias da Madalena e Samaiões	15,3	29,6	7,4
União das freguesias das Eiras, São Julião de Montenegro e Cela	6,4	32,3	8,6
União das freguesias de Calvão e Soutelinho da Raia	9,5	42,5	11,3
União das freguesias de Loivos e Póvoa de Agrações	6,9	36,7	10,4
União das freguesias de Santa Cruz/Trindade e Sanjurge	19,0	32,2	7,6
União das freguesias de Soutelo e Seara Velha	8,3	42,5	13,8
União das freguesias de Travancas e Roriz	7,8	32,7	11,0
Vale de Anta	20,2	25,5	4,5
Vidago (União das freguesias de Vidago, Arcossó, Selhariz e Vilarinho das Paranheiras)	10,2	28,2	8,0
Vila Verde da Raia	17,2	33,3	10,9
Vilar de Nantes	11,7	28,0	5,8
Vilarelho da Raia	12,7	55,7	13,3
Vilas Boas	3,6	28,2	7,2
Vilela do Tâmega	8,8	37,7	8,1
Vilela Seca	12,0	51,1	11,2

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

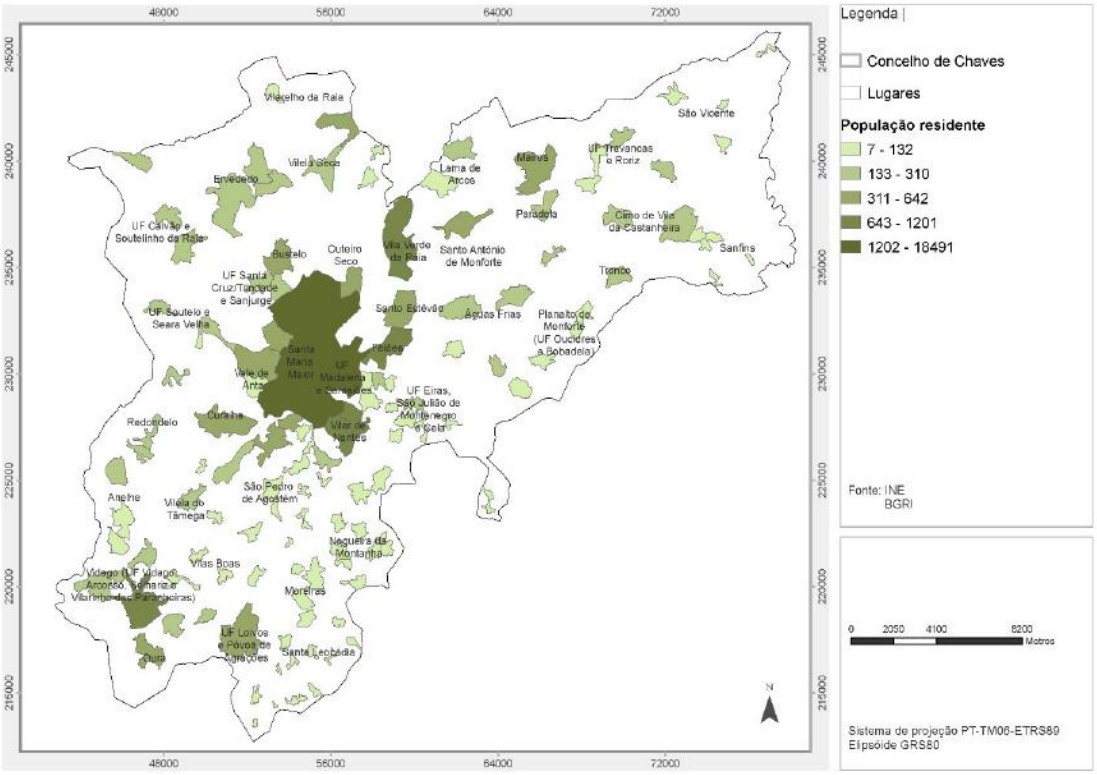


Figura 2.1 | Lugares, segundo a dimensão populacional

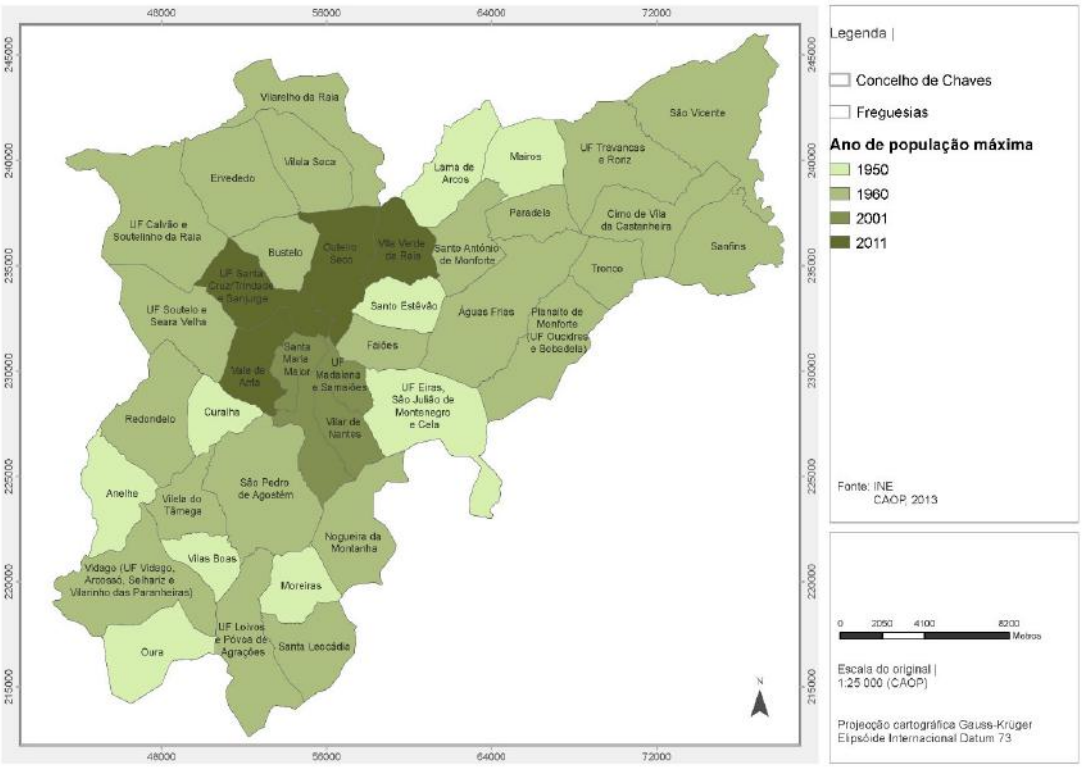


Figura 2.2 | Ano de recenseamento com a população máxima (freguesia)

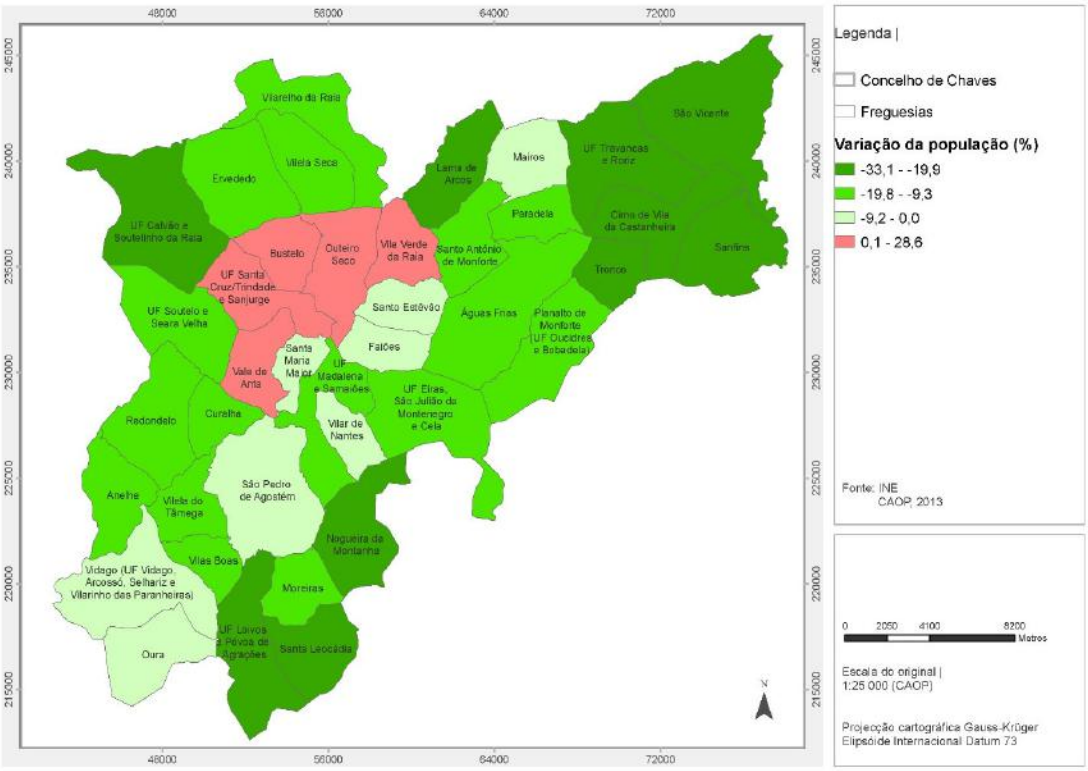


Figura 2.3 | Variação da população residente (2001-2011, %)

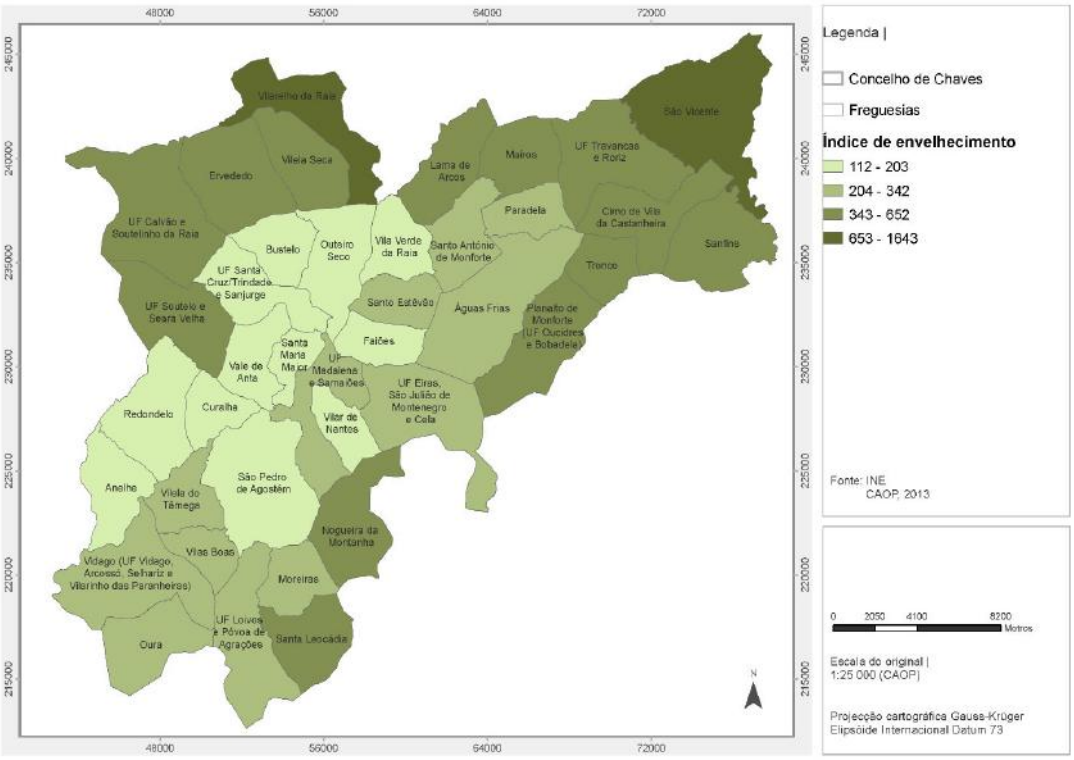


Figura 2.4 | Índice de envelhecimento, por freguesia (2011)

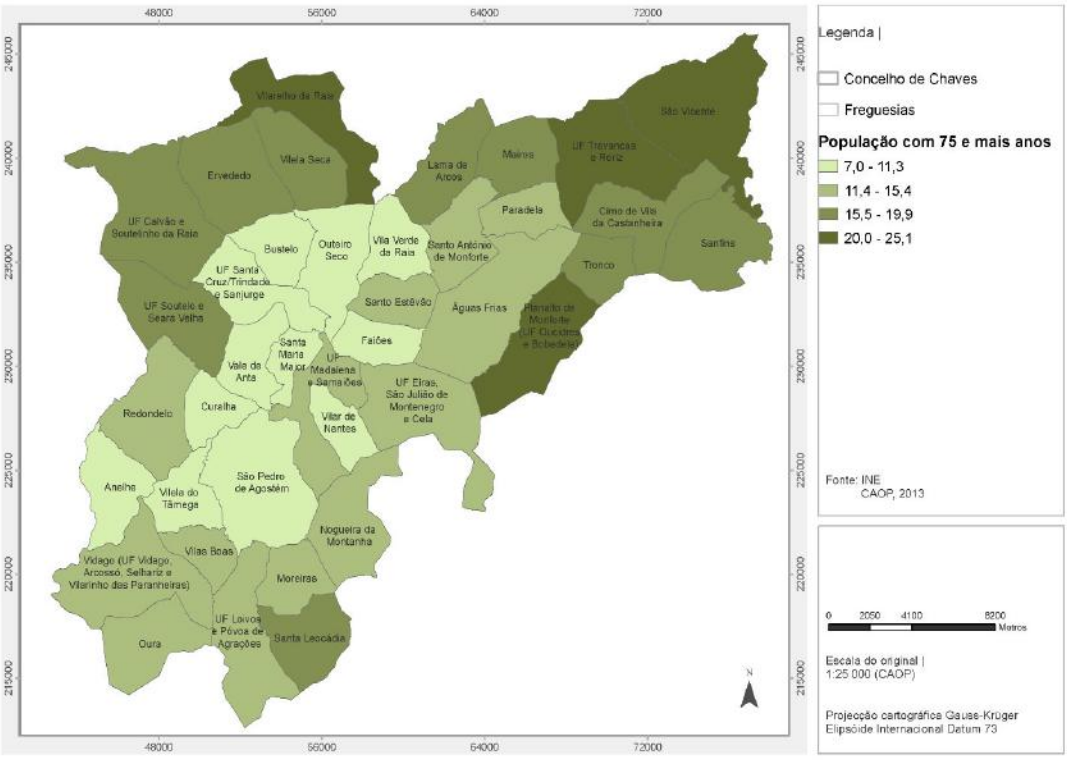


Figura 2.5 | População com 75 e mais anos em % da população residente (2011)

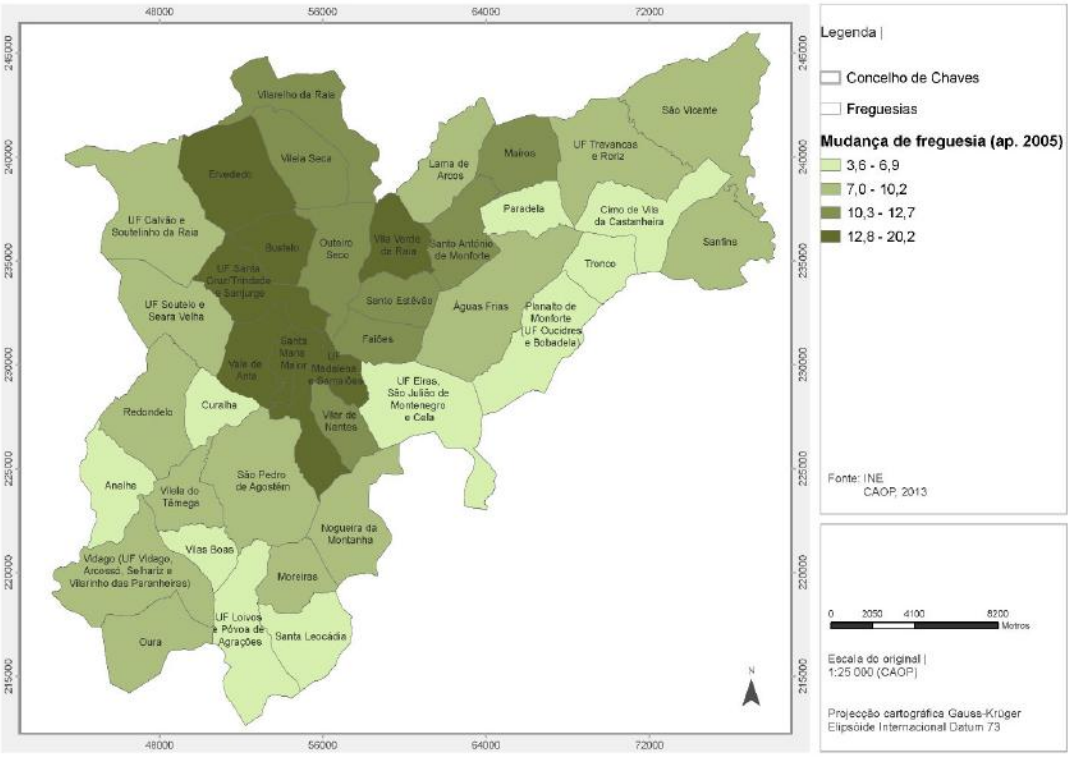


Figura 2.6 | População residente que habitava noutra freguesia em 2005 (%)

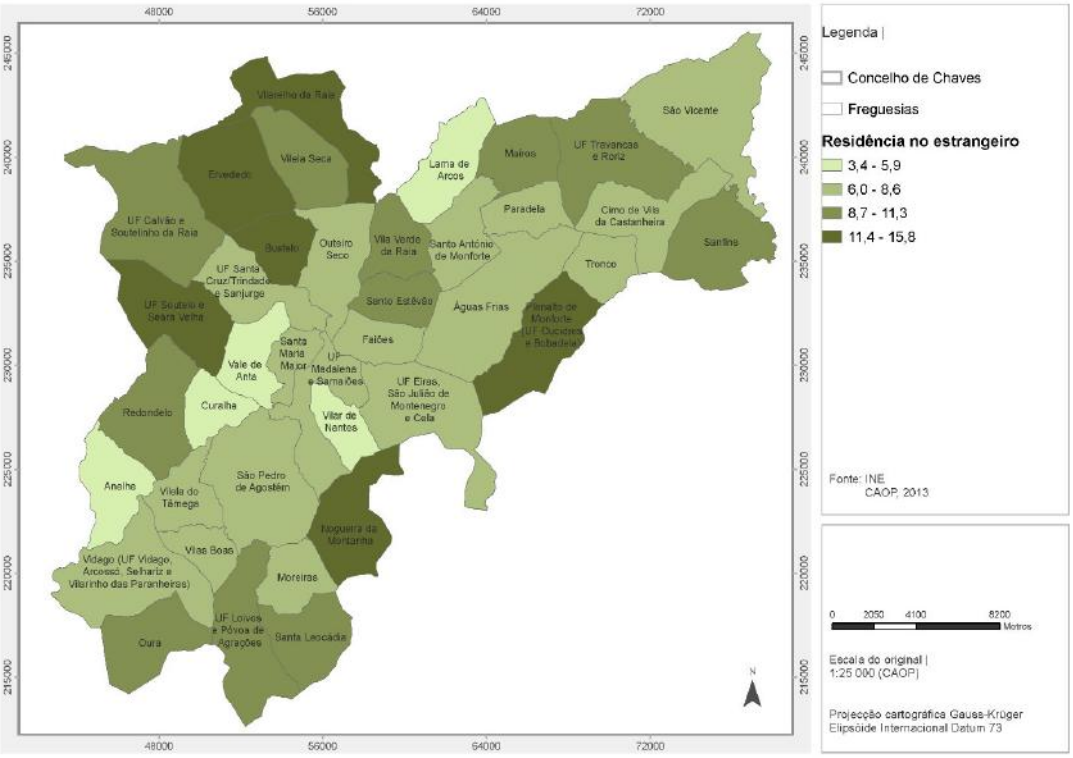


Figura 2.7 | População residente que residiu no estrangeiro e chegou depois de 2000 (%)

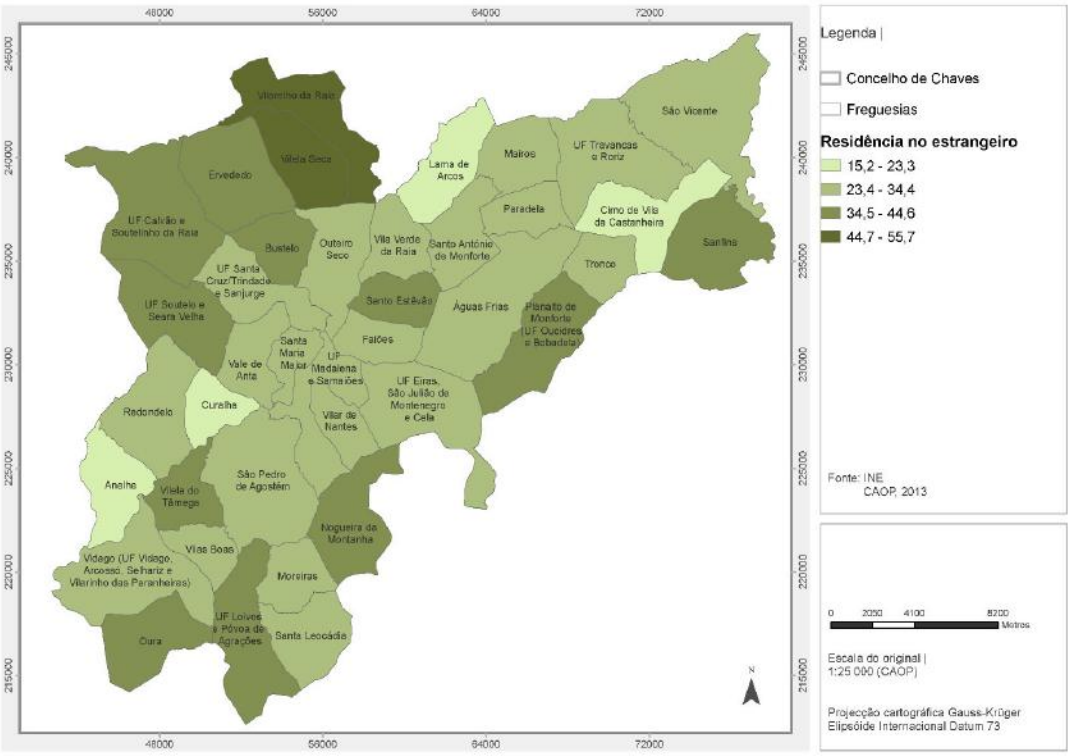


Figura 2.8 | População que residiu no estrangeiro (% da população residente)

3. HABITAÇÃO

3.1. MUDANÇAS NAS FAMÍLIAS

A situação, as dinâmicas e as necessidades de habitação não podem ser compreendidas partindo exclusivamente da referência ao estudo da população residente, uma vez que remetem para a questão das famílias e da organização da vida familiar. Por isso, o estudo da habitação pressupõe o conhecimento das dinâmicas familiares.

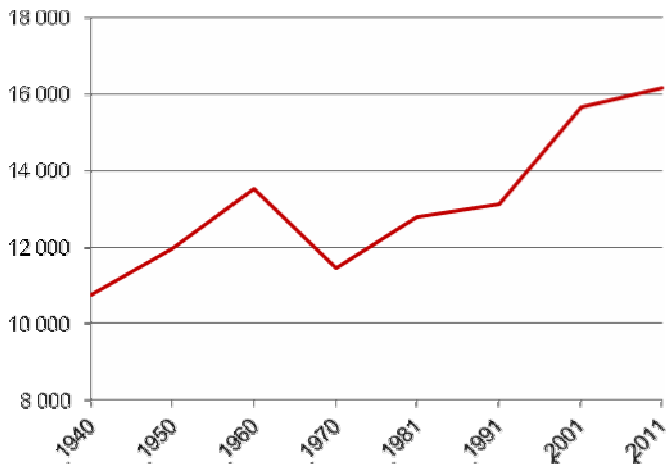
O Quadro 3.1 e o Gráfico 3.1 permitem traçar, desde logo, uma diferença entre a evolução da população residente e a evolução das famílias. No caso do município de Chaves, a tendência de diminuição da população residente, verificada na última década, é acompanhada pelo aumento do número de famílias, que atinge o seu valor máximo, precisamente, em 2011.

Quadro 3.1 | Variação do número de famílias (Chaves, 1940-2011)

Ano	Famílias
1940	10 753
1950	11 950
1960	13 507
1970	11 448
1981	12 780
1991	13 128
2001	15 661
2011	16 163

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Gráfico 3.1 | Variação do número de famílias (Chaves, 1940-2011)



Este fenómeno deve-se à existência de mudanças na dimensão e composição das famílias, e que os Quadro 3.2 a Quadro 3.4 permitem analisar mais pormenorizadamente. Essa mudança está associada, de uma forma geral, à diminuição da dimensão média da família (Quadro 3.2), de que uma das consequências, que veremos adiante, é a perspetiva do crescimento do número de famílias e correspondentes necessidades de habitação, mesmo num contexto de perda demográfica. Essa diminuição resulta do decréscimo generalizado do número de famílias com 5 ou mais pessoas (Quadro 3.3), e do aumento sobretudo do número de famílias com uma ou duas pessoas, que duplicou entre 1981 e 2011. No município de Chaves, em 2011, 21,5% das famílias eram compostas por uma pessoa, valor semelhante ao verificado na média nacional. O correspondente valor em 1981 era de 13,3%.

O Quadro 3.4 permite pormenorizar esta análise, introduzindo uma referência ao tipo de família clássica. Assim, no caso das famílias compostas por uma pessoa, verifica-se uma diminuição do número de famílias de uma pessoa com idade entre 15 e 24 anos e um aumento das famílias de uma pessoa de outros grupos etários. Verifica-se, também, a importância das famílias de uma pessoa do sexo feminino, com 65 ou mais anos, que representam 43% do total das famílias de uma pessoa.

Quando se analisam as famílias de duas pessoas, de novo se verifica uma diminuição das famílias em que pelo menos um dos membros tem entre 15 e 24 anos e um aumento das famílias de duas pessoas de outros grupos etários,

Assinala-se, por fim, o aumento do número de famílias monoparentais e a diminuição das famílias de duas e de três ou mais pessoas com crianças.

Quadro 3.2 | Dimensão média da família (Chaves, 1940-2011)

Ano	Dimensão média da família
1940	4,4
1950	4,6
1960	4,2
1970	3,9
1981	3,6
1991	3,1
2001	2,8
2011	2,6

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Quadro 3.3 | Famílias, segundo o número de pessoas na família

	Ano	Total	1	2	3	4	5	6	7	8	9 ou mais
Chaves	1981	12 780	1 701	2 722	2 386	2 399	1 565	918	552	263	274
	1991	13 127	1 898	3 403	2 922	2 827	1 241	516	190	81	49
	2001	15 661	2 777	4 734	3 718	3 048	948	294	91	34	17
	2011	16 163	3 476	5 553	3 766	2 500	635	184	29	13	7
Chaves	2011	100	21,5	34,4	23,3	15,5	3,9	1,1	0,2	0,1	0,0
Alto Trás-os-Montes		100	22,8	35,6	21,7	14,5	3,7	1,2	0,3	0,1	0,1
Norte		100	17,2	29,3	26,3	19,3	5,5	1,8	0,4	0,1	0,1
Portugal		100	21,4	31,6	23,9	16,6	4,5	1,4	0,4	0,1	0,1

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Quadro 3.4 | Variação do tipo de família (Chaves, 2001-2011)

Tipo de família (na base da estrutura etária e número de crianças)	2001	2011
Total	15 654	16 149
Uma pessoa do sexo masculino com idade entre 15 e 24 anos	40	32
Uma pessoa do sexo masculino com idade entre 25 e 64 anos	553	708
Uma pessoa do sexo masculino com 65 ou mais anos	383	484
Uma pessoa do sexo feminino com idade entre 15 e 24 anos	60	36
Uma pessoa do sexo feminino com idade entre 25 e 64 anos	570	726
Uma pessoa do sexo feminino com 65 ou mais anos	1 171	1 489
Uma pessoa do sexo masculino com 15 ou mais anos, com 1 ou mais pessoas de idade inferior a 15 anos	17	23
Uma pessoa do sexo feminino com 15 ou mais anos, com 1 ou mais pessoas de idade inferior a 15 anos	164	215
Duas pessoas, ambas com idade entre 15 e 24 anos	65	44
Duas pessoas, ambas com idade entre 25 e 64 anos	1 580	1 986
Duas pessoas, uma com idade entre 15 e 24 e outra de 25 a 64 anos	327	287
Duas pessoas, ambas ou pelo menos uma com 65 ou mais anos	2 631	3 054
Duas pessoas, ambas com 15 ou mais anos, com outras de idade inferior a 15 anos	2 536	2 204
Uma pessoa de idade inferior a 15 anos	1 429	1 362
Duas pessoas de idade inferior a 15 anos	980	756
Três pessoas de idade inferior a 15 anos	112	77
Quatro ou mais pessoas de idade inferior a 15 anos	15	9
Três ou mais pessoas com 15 ou mais anos	5 557	4 861
Sem outras pessoas de idade inferior a 15 anos	3 850	3 634
Uma pessoa de idade inferior a 15 anos	1 314	975
Duas pessoas ou mais de idade inferior a 15 anos	393	252

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

3.2. PARQUE HABITACIONAL

Os Quadro 3.5 e Quadro 3.6 apresentam informação sobre o parque habitacional de Chaves. O primeiro dado a reter é a expansão quantitativa do parque habitacional. Entre 1981 e 2011, a população residente diminui 10%; o número de famílias aumenta 26%; o número de alojamentos aumenta 66%. Em termos absolutos, nesse período, há mais 3383 famílias e mais 11220 alojamentos, o que quer dizer que o número de alojamentos por família passa de 1,34 para 1,75.

Um segundo aspeto a reter é a não coincidência entre as dinâmicas demográficas e as dinâmicas de expansão do parque habitacional: a década em que se registe o menor aumento no número de famílias é precisamente a década em que se regista a maior expansão do parque habitacional, isto é o período que corresponde aos anos 80.

Um terceiro aspeto a reter decorre da comparação entre o número de alojamentos clássicos construídos depois de 2001 e ocupados como residência habitual de famílias (2483) e a variação do número de famílias clássicas verificada no mesmo período (502). Esta diferença indicia a presença de processos (e necessidades) de mobilidade residencial das famílias no parque habitacional.

Finalmente, um quarto conjunto de aspetos a sublinhar prende-se com o aumento da habitação de residência secundária e com a grande variação que se verifica no número dos alojamentos vagos. Segundo os dados dos Censos 2011, existe uma percentagem comparativamente muito elevada de alojamentos vagos, que será analisada em ponto posterior deste estudo.

Os Quadro 3.7 e Quadro 3.8 completam a informação sobre o parque habitacional, apresentando dados sobre a população residente em alojamentos coletivos. Trata-se de um valor pequeno, correspondente a 1,8% da população residente, mas um valor crescente e mais elevado que em outros contextos, para o que contribuiu a variação dos alojamentos de convivência associados ao apoio social, cuja importância pode ser aferida, analisando a situação de Chaves e comparando-a com outros espaços de referência.

Quadro 3.5 | Parque habitacional, segundo a forma de ocupação (Chaves)

	Total (N.º)	Residência habitual (n.º)	Residência secundária (N.º)	Vagos (n.º)	Residência habitual (%)	Residência secundária (%)	Vagos (%)
1981	17 093	12 574	3 083	1 436	73,6	18,0	8,4
1991	22 371	12 796	5 552	4 023	57,2	24,8	18,0
2001	25 067	15 438	7 346	2 283	61,6	29,3	9,1
2011	28 313	16 118	8 171	4 024	56,9	28,9	14,2
1981-91	5 278	222	2 469	2 587			
1991-01	2 696	2 642	1 794	-1 740			
2001-11	3 246	680	825	1 741			
Construídos após 2001	4 233	2 483	1 358	392	58,7	32,1	9,3

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Quadro 3.6 | Parque habitacional, segundo a forma de ocupação (%)

	Residência habitual	Residência secundária	Vagos
Chaves	56,9	28,9	14,2
Alto Trás-os-Montes	53,9	36,9	9,2
Norte	71,5	17,6	11,0
Portugal	68,1	19,3	12,5

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Quadro 3.7 | População residente em alojamentos coletivos (Chaves, 1981-2011)

Ano	População residente	em alojamentos coletivos	em estabelecimentos hoteleiros e similares	em alojamentos de convivência	(em alojamentos de apoio social)
1981	45 883	82	38	44	
1991	40 940	459	47	412	
2001	43 667	522	16	506	322
2011	41 243	752	41	711	605

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Quadro 3.8 | População residente em alojamentos coletivos em percentagem da população residente (2011)

	em alojamentos coletivos	em estabelecimentos hoteleiros e similares	no total de alojamentos de convivencia	em alojamentos de apoio social (% aloj. convivência)
Chaves	1,8	0,1	1,7	85,1
Alto Trás-os-Montes	2,2	0,1	2,1	81,1
Norte	0,9	0,1	0,9	73,1
Portugal	1,2	0,1	1,2	74,8

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

A análise da época de construção dos alojamentos permite continuar a caraterização do parque habitacional do município. Os dados apresentados os Quadro 3.9 e Quadro 3.10 evidenciam a presença, em Chaves, de uma maior proporção dos alojamentos mais antigos e, também, a intensidade dos processos de construção verificados na década de oitenta.

Comparando os dados sobre a idade dos alojamentos em 2011 com a informação dos alojamentos existentes em 2001, é possível estimar o número dos alojamentos que deixaram de integrar o parque habitacional do município, seja por motivos de demolição ou de mudança de uso. O correspondente valor, quase 1000 alojamentos numa década, é, em percentagem, superior à média nacional, embora inferior à média regional (Quadro 3.11).

Quadro 3.9 | Idade e ocupação dos alojamentos clássicos (Chaves, 2011)

Época de construção	Total geral	Alojamentos clássicos ocupados			Alojamentos clássicos vagos
		Total	Residência habitual	Uso sazonal ou secundário	
Total	28 313	24 289	16 118	8 171	4 024
Até 1919	1 631	1 107	746	361	524
1919 - 1945	1 558	1 044	599	445	514
1946 - 1960	1 887	1 387	853	534	500
1961 - 1970	2 470	2 021	1 327	694	449
1971 - 1980	4 774	4 189	2 979	1 210	585
1981 - 1990	6 042	5 408	3 624	1 784	634
1991 - 1995	2 912	2 690	1 746	944	222
1996 - 2000	2 806	2 602	1 761	841	204
2001 - 2005	2 359	2 219	1 489	730	140
2006 - 2011	1 874	1 622	994	628	252

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

Quadro 3.10 | Idade dos alojamentos clássicos (2011), em % do edificado

Época de construção	Chaves	Alto Trás-os-Montes	Norte	Portugal
Até 1919	5,8	4,9	4,4	4,3
1919 - 1945	5,5	6,0	5,5	6,4
1946 - 1960	6,7	7,7	7,4	9,2
1961 - 1970	8,7	10,3	9,7	11,1
1971 - 1980	16,9	18,8	15,8	16,8
1981 - 1990	21,3	20,0	18,7	17,3
1991 - 1995	10,3	9,2	10,0	8,6
1996 - 2000	9,9	8,3	11,8	10,1
2001 - 2005	8,3	8,8	10,5	9,9
2006 - 2011	6,6	6,0	6,2	6,3

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

Quadro 3.11 | Renovação do parque habitacional/mudanças de uso

	Chaves	Alto Trás-os-Montes	Norte	Portugal
Alojamentos clássicos (2001)	25 067	137 430	1 605 157	5 019 425
Alojamentos clássicos (2011)	28 313	150 273	1 846 589	5 859 540
Alojamentos construídos entre 2001 e 2011	4 233	22 151	308 966	952 546
Alojamentos demolidos ou com mudança de uso	987	9 308	67 534	112 431
(em % dos alojamentos clássicos em 2001)	3,9	6,8	4,2	2,2

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Como foi referido, o período entre 2001 e 2011 foi caracterizado por um aumento significativo do número de alojamentos vagos. Por isso, é importante uma caraterização mais pormenorizada desta situação, tanto do ponto de vista da compreensão dos processos em, curso, como da discussão das possibilidades da sua reversão, isto é das possibilidades de utilização dos alojamentos vagos.

Sublinha-se, em primeiro lugar, a dimensão do fenómeno, que atinge, segundo os Censos 2011, mais de 14% dos alojamentos do município. Sublinha-se, também, a sua variedade: dos 4024 alojamentos vagos, 1188 (isto é, 30%) encontravam-se disponíveis no mercado, quer para venda quer para arrendamento e, por isso, eram mais imediatamente mobilizáveis. O significado deste número pode ser aferido pela sua comparação com a variação do número de famílias na última década, muito inferior: 502.

Os alojamentos vagos disponíveis para venda e para arrendamento têm características diferentes. Cerca de 20% dos alojamentos que se encontravam para venda tinham sido construídos nos últimos cinco anos, correspondendo predominantemente a alojamentos novos que não tinham sido vendidos no mercado. Por seu lado, apenas 3% dos alojamentos disponíveis para arrendamento tinham sido construídos nesses últimos cinco anos, o que quer dizer que a atual oferta de arrendamento mobilizava alojamentos relativamente mais antigos.

A informação do Quadro 3.12 permite, também, verificar a extensão do esvaziamento do parque habitacional mais antigo: cerca de um terço dos alojamentos existentes construídos antes de 1945 encontrava-se vago. Numa parte posterior deste estudo, serão apresentadas as diferenças na incidência espacial deste fenómeno.

Quadro 3.12 | Alojamentos clássicos vagos segundo a época de construção (Chaves)

Época de construção	Total Geral	Alojamentos clássicos vagos					Vagos (% do total)
		Total	Para Venda	Para Aluguer	Para Demolição	Outros	
Total	28 313	4 024	681	507	196	2 640	14,2
Até 1919	1 631	524	40	29	42	413	32,1
1919 - 1945	1 558	514	47	17	63	387	33,0
1946 - 1960	1 887	500	70	20	28	382	26,5
1961 - 1970	2 470	449	48	49	17	335	18,2
1971 - 1980	4 774	585	104	101	27	353	12,3
1981 - 1990	6 042	634	98	148	16	372	10,5
1991 - 1995	2 912	222	41	54	1	126	7,6
1996 - 2000	2 806	204	52	47	1	104	7,3
2001 - 2005	2 359	140	42	29	1	68	5,9
2006 - 2011	1 874	252	139	13	0	100	13,4

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

Quadro 3.13 | Variação do número de alojamentos vagos (Chaves, 2001-2011)

	Total	Para Venda	Para Aluguer	Para Demolição	Outros
2001	2 283	358	364	170	1 391
2011	4 024	681	507	196	2 640

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

3.3. RELAÇÃO DAS FAMÍLIAS COM OS ALOJAMENTOS

O município de Chaves carateriza-se pela grande importância, acima da média nacional e da média da região Norte, dos alojamentos ocupados pelo proprietário. Mas a manutenção dessa dominância não significa a inexistência de processos de mudança, que devem ser analisados e tidos em conta.

Observando em conjunto os Quadro 3.14 a Quadro 3.17, verifica-se a existência das seguintes mudanças principais. Aumenta o número de alojamentos ocupados pelo proprietário, mas diminui pela primeira vez, tal como de resto se registou na média nacional, o número de alojamentos ocupados pelo proprietário sem encargos pela compra. Em contrapartida, o aspeto mais dinâmico tem a ver com a importância crescente do crédito à aquisição da habitação.

Diminui, ligeiramente, o número de alojamentos arrendados e, nestes, verificam-se mudanças nas entidades proprietárias do setor público, com a responsabilidade crescente do município no setor do alojamento social.

Finalmente, regista-se um aumento significativo do número de situações que não configuram acesso à propriedade nem arrendamento, associadas predominantemente ao acesso a alojamentos propriedade de familiares, ascendentes ou descendentes.

Quadro 3.14 | Regime de ocupação dos alojamentos clássicos

	Ano	Total	Ocupante proprietário			Arrendatário ou subarrendatário	Outra situação
			Total	Com encargos	Sem encargos		
Chaves	1981	12 574	9 699	244	9 455	2 875	
	1991	12 796	10 020	1 172	8 848	2 776	
	2001	15 438	13 022	1 825	11 197	2 057	359
	2011	16 118	13 276	3 198	10 078	1 996	846
Chaves	2011		82,4	19,8	62,5	12,4	5,2
Alto Trás-os-Montes			86,0	17,3	68,7	9,2	4,8
Norte			72,2	29,9	42,3	20,4	7,4
Portugal			73,2	31,4	41,8	19,9	6,8

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Quadro 3.15 | Regime de ocupação dos alojamentos clássicos (arrendatário, subarrendatário e outros)

	Ano	Arrendatário ou subarrendatário					Outra situação
		Total	Prazo certo	Duração indeterminada	Renda social ou apoiada	Subarrendamento	
Chaves	1981				2 875		
	1991				2 776		
	2001	2 057	635	1 243	150	29	359
	2011	1 996	636	1 169	164	27	846
Chaves	2011	12,4	3,9	7,3	1,0	0,2	5,2
Alto Trás-os-Montes		9,2	2,5	5,7	0,9	0,2	4,8
Norte		20,4	5,9	12,2	1,9	0,3	7,4
Portugal		19,9	6,3	11,5	1,7	0,4	6,8

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Quadro 3.16 | Entidade proprietária (alojamentos clássicos ocupados como residência habitual)

	Ano	Total	Ocupante Proprietário			Outra Entidade
			Total	Com encargos	Sem encargos	
Chaves	2001	15 438	13 022	1 825	11 197	2 416
	2011	16 118	13 276	3 198	10 078	2 842
Chaves	2011	100	82,4	19,8	62,5	17,6
Alto Trás-os-Montes		100	86,0	17,3	68,7	14,0
Norte		100	72,2	29,9	42,3	27,8
Portugal		100	73,2	31,4	41,8	26,8

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Quadro 3.17 | Entidade proprietária (outra entidade)

	Ano	Total	Ascendentes ou Descendentes	Particulares ou Empresas Privadas	Empresas Públicas	Estado, Institutos Públicos, Segurança Social, ISFL	Autarquias Locais	Cooperativas de Habitação
Chaves	2001	2 416	285	1 805	10	198	87	31
	2011	2 842	653	1 911	9	29	235	5
Chaves	2011	17,6	4,1	11,9	0,1	0,2	1,5	0,0
Alto Trás-os-Montes		14,0	3,6	8,7	0,0	0,3	1,2	0,0
Norte		27,8	6,5	18,1	0,1	0,6	2,5	0,1
Portugal		26,8	5,5	18,0	0,2	0,8	2,1	0,1

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

Em termos prospetivos, a questão que estes dados colocam é a possibilidade de manutenção dos principais fatores de mudança na relação entre as famílias e os alojamentos: o sistema de crédito à aquisição de habitação, a capacidade de utilização da propriedade de familiares, e o envolvimento acrescido do município no alojamento social.

As mudanças no regime de ocupação dos alojamentos envolveram, também, como referido anteriormente, processos de mudança de residência que associamos à designação de mobilidade residencial das famílias.

Os Censos 2011 contêm informação sobre as pessoas que alteraram a residência, provenientes da mesma freguesia, ou de outra freguesia do mesmo município, ou de outro município, ou do estrangeiro (Quadro 3.18 e Quadro 3.19).

A situação de Chaves não é radicalmente distinta da verificada noutros espaços: é um pouco menor a proporção de pessoas que mudaram de residência na mesma freguesia; é um pouco maior a percentagem de pessoas que mudaram de residência vindas de outra freguesia do município; é menor a capacidade de atração de residentes vindos de outros municípios portugueses; é maior a capacidade de atração de residentes vindos do estrangeiro, tal como foi referido na parte do estudo referente às dinâmicas demográficas.

Quadro 3.18 | Mobilidade residencial: população residente por migrações (relativamente a 31/12/2005)

	Total	Ainda não tinha nascido	Sem alteração de residência	Com alteração de residência	Dentro da mesma freguesia	De outra freguesia do mesmo município	De outro município	Do estrangeiro
Chaves	41 243	1 468	31 493	8 282	2 823	2 549	1 521	1 389
Chaves		3,6	76,4	20,1	6,8	6,2	3,7	3,4
Alto Trás-os-Montes		3,3	78,4	18,3	7,8	3,8	3,6	3,1
Norte		4,6	74,7	20,7	8,1	6,1	5,0	1,5
Portugal		4,8	72,2	23,1	8,8	5,8	6,4	2,0

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

Quadro 3.19 | Mobilidade residencial: importância do parque existente

	Chaves	Alto Trás-os-Montes	Norte	Portugal
População que mudou de residência depois de 2005	20,1	18,3	20,7	23,1
Alojamentos clássicos de residência habitual construídos entre 2006 e 2011 (em % do total)	6,2	6,0	5,5	5,5

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

Uma parte significativa destes processos de mobilidade residencial envolve os mercados de venda e arrendamento. No caso do arrendamento, embora se verifique, entre 2001 e 2011, uma diminuição do número de alojamentos arrendados, verifica-se também que mais de metade dos contratos existentes em 2011 tinham sido celebrados depois de 2005.

O Quadro 3.20 e a Gráfico 3.2 apresentam alguma informação disponível sobre a evolução de rendas, encargos e preços de habitação, tendo por base os dados dos Censos 2011 e os resultados do Inquérito à Avaliação Bancária na Habitação. Verifica-se, em geral, que os valores referentes ao município de Chaves se situam em valores abaixo da média nacional, embora não exatamente da mesma forma nos mercados de arrendamento, em que a distância no dinamismo é mais notória em Chaves, e nos mercados de compra de habitação. Evidencia-se uma tendência de crescimento nominal dos preços, interrompida, no entanto, pelo atual período de crise. Tomando como referência os principais centros urbanos do Douro e Alto-Trás-os-Montes, a dinâmica dos preços aproxima-se, no caso de Chaves, da que se verifica em Bragança.

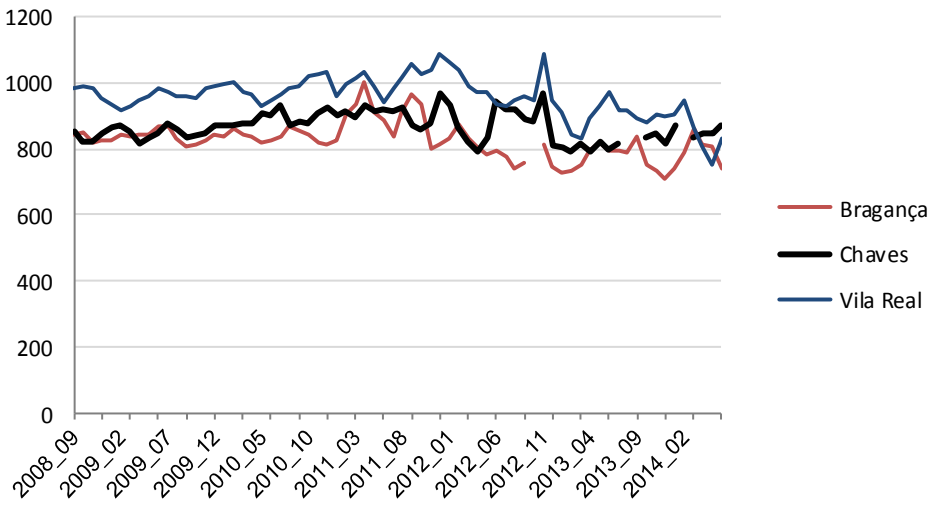
Quadro 3.20 | Informação dos mercados de habitação

	Renda média			Encargos médios	
	2001	2011	2011 (a)	2001	2011
Chaves	140	199	250	280	354
Alto Trás-os-Montes	138	194	240	265	348
Norte	114	197	291	303	374
Portugal	123	235	351	291	395
Chaves (% Portugal)	114	85	71	96	90

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

(a) Contratos celebrados depois de 2005

Gráfico 3.2 | Valor de avaliação bancária da habitação (€/m²)



3.4. PROBLEMAS E NECESSIDADES DE HABITAÇÃO

Os Quadro 3.21 e Quadro 3.22 pretendem identificar e contextualizar os principais problemas habitacionais do município. Analisa-se a sua evolução, nos últimos trinta anos, bem como a sua especificidade face à situação verificada em outros espaços de referência. O conhecimento dos problemas é fundamental para a discussão e quantificação das necessidades habitacionais no município.

Apresentam-se e comparam-se vários indicadores de problemas: os alojamentos não clássicos, isto é os espaços habitacionais que não podem verdadeiramente ser qualificados como alojamento; os alojamentos superlotados; os alojamentos sem instalações de água, retrete, banho ou aquecimento; os edifícios com necessidades de reparação; os problemas de acessibilidade

física aos alojamentos; os problemas relacionados com o crédito à habitação (analisam-se aqui, devido ao tipo de informação disponível, os casos do crédito vencido, mas não os casos de esforço excessivo com as despesas com a habitação); os pedidos de habitação social, como indicador de carência sentida pelas famílias; e, finalmente, os casos de partilha de alojamento por mais que uma família (embora se discuta se todos os casos de partilha do alojamento correspondem efetivamente a situações indesejadas).

Os Quadro 3.21 e Quadro 3.22 permitem quantificar os problemas habitacionais do município e dele decorrem três conclusões principais. Em primeiro lugar, comparando os diferentes períodos analisados, verifica-se a existência de um contexto de melhoria generalizada das condições de habitação, que é muito acentuada no que diz respeito ao equipamento ou infraestruturas dos alojamentos, mas que carateriza também os outros problemas analisados.

Em segundo lugar, fica evidenciada a relevância das questões relacionadas com o estado de conservação dos edifícios: estas questões não só correspondem a valores elevados, em termos absolutos, face a outros problemas verificados em Chaves, como também correspondem a valores percentuais mais elevados que os verificados em todos os outros espaços de referência.

Quadro 3.21 | Indicadores de problemas de habitação (Chaves, 1981-2011)

		1981	1991	2001	2011
Famílias em alojamentos não clássicos		137		101	5
	%	1,1		0,6	0,0
Famílias em alojamentos sobrelotados		2 865		1 788	1 049
	%	22,7		11,5	6,5
Alojamentos de residência habitual sem instalações (1)			3 771	1 821	350
	%		29,5	11,7	2,2
Alojamentos de residência habitual sem instalações (2)				2 191	676
	%			14,1	4,2
Edifícios com necessidades de reparação				9 085	7 720
	%			44,3	34,2
Edifícios com necessidades de reparação (médias ou grandes) ou muito degradados				5 120	3 915
	%			25,0	17,3
Edifícios sem entrada acessível à circulação em cadeira de rodas (3)					479
	%				65,8
Rácio de crédito vencido das famílias (4)					1,4
Pedidos registados de habitação (social)					78
Famílias com ocupação partilhada		116		222	48
	%	0,9		1,4	0,3

Fontes: INE, Recenseamentos da População e Habitação e Inquérito à Caracterização da Habitação Social; Banco de Portugal

(1) água, retrete ou instalações de banho

(2) aquecimento, água, retrete ou instalações de banho

(3) Edifícios construídos estruturalmente para possuir 3 ou mais alojamentos

(4) setembro de 2013

Quadro 3.22 | Indicadores de problemas de habitação (em %, comparação com outros contextos)

	Chaves	Alto Trás-os-Montes	Norte	Portugal
Famílias em alojamentos não clássicos	0,0	0,1	0,1	0,2
Famílias em alojamentos sobrelotados	6,5	6,7	11,9	11,6
Alojamentos de residência habitual sem instalações (1)	2,2	2,7	2,5	2,0
Alojamentos de residência habitual sem instalações (2)	4,2	3,8	13,4	15,3
Edifícios com necessidades de reparação	34,2	31,6	29,2	27,2
Edifícios com necessidades de reparação (médias ou grandes) ou muito degradados	17,3	13,9	12,1	11,3
Edifícios sem entrada acessível à circulação em cadeira de rodas (3)	65,8	72,8	62,1	64,1
Rácio de crédito vencido das famílias (4)	1,4	1,4	2,1	2,2
Famílias com ocupação partilhada	0,3	0,4	1,2	1,9

Fontes: INE, Recenseamentos da População e Habitação e Inquérito à Caracterização da Habitação Social; Banco de Portugal

(1) água, retrete ou instalações de banho

(2) aquecimento, água, retrete ou instalações de banho

(3) Edifícios construídos estruturalmente para possuir 3 ou mais alojamentos

(4) setembro de 2013

Finalmente, em terceiro lugar, fica clara a necessidade de atenção a novas exigências qualitativas, como por exemplo as relacionadas com a acessibilidade física aos alojamentos (mas provavelmente também as questões, que aqui não foram quantificadas, associadas ao desempenho energético dos edifícios).

O Quadro 3.23 permite concluir que existem problemas de habitação com intensidade diferente para tipos diferentes de famílias. Veja-se como os problemas de superlotação dos alojamentos tendem a atingir mais as famílias com mais crianças e as famílias monoparentais. Isto quer dizer que existem dificuldades específicas de alguns tipos de família em aceder a soluções habitacionais adequadas, que devem ser tidas em conta na elaboração de estratégias futuras.

Quadro 3.23 | Problemas habitacionais segundo o tipo de família

	Famílias	Ocupação partilhada (n.º e %)		Alojamento superlotado (n.º e %)		Alojamento não clássico
Total	16 149	48	0,3	1 049	6,5	5
Uma pessoa do sexo masculino com idade entre 15 e 24 anos	32	2	6,3	2	6,3	0
Uma pessoa do sexo masculino com idade entre 25 e 64 anos	708	10	1,4	45	6,4	1
Uma pessoa do sexo masculino com 65 ou mais anos	484	1	0,2	22	4,6	1
Uma pessoa do sexo feminino com idade entre 15 e 24 anos	36	2	5,6	3	8,3	0
Uma pessoa do sexo feminino com idade entre 25 e 64 anos	726	9	1,2	26	3,6	0
Uma pessoa do sexo feminino com 65 ou mais anos	1 489	1	0,1	34	2,3	0

	Famílias	Ocupação partilhada (n.º e %)		Alojamento superlotado (n.º e %)		Alojamento não clássico
Uma pessoa do sexo masculino com 15 ou mais anos, com 1 ou mais pessoas de idade inferior a 15 anos	23	1	4,3	2	8,7	0
Uma pessoa do sexo feminino com 15 ou mais anos, com 1 ou mais pessoas de idade inferior a 15 anos	215	0	0,0	39	18,1	0
Duas pessoas, ambas com idade entre 15 e 24 anos	44	0	0,0	6	14,0	1
Duas pessoas, ambas com idade entre 25 e 64 anos	1 986	7	0,4	19	1,0	0
Duas pessoas, uma com idade entre 15 e 24 e outra de 25 a 64 anos	287	0	0,0	20	7,0	0
Duas pessoas, ambas ou pelo menos uma com 65 ou mais anos	3 054	4	0,1	49	1,6	1
Duas pessoas, ambas com 15 ou mais anos, com outras de idade inferior a 15 anos	2 204	9	0,4	236	10,7	1
Uma pessoa de idade inferior a 15 anos	1 362	5	0,4	103	7,6	0
Duas pessoas de idade inferior a 15 anos	756	3	0,4	105	13,9	1
Três pessoas de idade inferior a 15 anos	77	0	0,0	23	29,9	0
Quatro ou mais pessoas de idade inferior a 15 anos	9	1	11,1	5	55,6	0
Três ou mais pessoas com 15 ou mais anos	4 861	2	0,0	546	11,2	0
Sem outras pessoas de idade inferior a 15 anos	3 634	1	0,0	273	7,5	0
Uma pessoa de idade inferior a 15 anos	975	1	0,1	172	17,6	0
Duas pessoas ou mais de idade inferior a 15 anos	252	0	0,0	101	40,1	0

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

Justifica-se uma atenção especial às questões relacionadas com o estado de conservação dos edifícios (Quadro 3.24 e Quadro 3.25), uma vez que este é o problema habitacional mais generalizado no município de Chaves. O problema é mais intenso em Chaves que na média nacional, conclusão que continua a ser válida se comparamos os dados segundo cada época de construção dos alojamentos.

Existe uma relação entre a idade dos edifícios e o seu estado de conservação. Mais de metade dos edifícios construídos até 1970 apresenta, segundo os Censos 2011, necessidades de reparação. Mais de um quarto dos edifícios construídos antes de 1945 tem necessidade de grandes reparações ou encontra-se em estado classificado como muito degradado, o que, conjugado com a análise anterior da extensão do número de alojamentos vagos neste grupo, faz pressupor uma dificuldade de intervenção muito significativa, requerendo uma atenção cuidada no âmbito do planeamento municipal.

Por sua vez, o facto de os problemas de conservação dos edifícios se registarem num contexto marcado pela dominância do acesso à propriedade dos alojamentos tem consequências importantes em termos das possíveis estratégias e instrumentos de reabilitação habitacional.

Quadro 3.24 | Estado de conservação dos edifícios (Chaves, 2011)

Ano de construção	Total	Sem necessidade de reparação	Com necessidade de reparação	Pequenas reparações	Reparações médias	Grandes reparações	Muito degradado
Total	22 603	14 380	7 720	4 308	2 307	1 105	503
antes de 1919	1 575	449	919	380	326	213	207
1919-1945	1 508	389	1 001	342	380	279	118
1946-1960	1 845	549	1 222	556	410	256	74
1961-1970	2 283	1 036	1 214	654	409	151	33
1971-1980	3 975	2 491	1 443	898	419	126	41
1981-1990	4 320	3 219	1 075	806	219	50	26
1991-1995	1 958	1 535	422	323	85	14	1
1996-2000	2 003	1 762	239	214	24	1	2
2001-2005	1 884	1 764	120	89	23	8	0
2006-2011	1 252	1 186	65	46	12	7	1

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

Quadro 3.25 | Edifícios com necessidade de reparação (%)

Ano de construção	Chaves			Portugal		
	Sem necessidade de reparação	Médias, grandes ou muito degradados	Grandes ou muito degradados	Sem necessidade de reparação	Médias, grandes ou muito degradados	Grandes ou muito degradados
Total	63,6	17,3	7,1	71,1	11,3	4,4
antes de 1919	28,5	47,4	26,7	37,5	38,8	21,8
1919-1945	25,8	51,5	26,3	41,2	32,1	15,0
1946-1960	29,8	40,1	17,9	50,8	21,5	7,7
1961-1970	45,4	26,0	8,1	60,8	13,6	3,9
1971-1980	62,7	14,7	4,2	72,2	7,4	1,8
1981-1990	74,5	6,8	1,8	80,8	4,0	0,8
1991-1995	78,4	5,1	0,8	86,1	2,5	0,6
1996-2000	88,0	1,3	0,1	90,4	1,6	0,4
2001-2005	93,6	1,6	0,4	94,4	1,0	0,3
2006-2011	94,7	1,6	0,6	96,0	1,1	0,4

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

O Quadro 3.26 conclui esta parte de análise geral, à escala do município, com o esboço de uma perspetiva quantitativa do parque habitacional, desenvolvida em quatro pontos principais. Numa

primeira parte, apresentam-se os valores das chamadas carências quantitativas estáticas, que resultam da diferença entre o número de famílias clássicas e o número de alojamentos clássicos de residência habitual. Trata-se de um valor consideravelmente inferior ao do número de alojamentos vagos disponíveis no mercado.

Em segundo lugar, apresentam-se estimativas da variação do número de famílias no período entre 2011 e 2026. Estas estimativas baseiam-se na análise de oito cenários de evolução, resultantes da combinação entre as projeções demográficas realizadas e duas hipóteses para a redução da dimensão das famílias (1,2 e 1,3). Assumiu-se a continuação do processo de diminuição dessa dimensão, atendendo às mudanças sociais e demográficas verificadas, nomeadamente o envelhecimento da população, o aumento da população em famílias de uma pessoa e a diminuição do número de crianças por família. O limiar mínimo definido dessa maneira corresponde já à contração do número de famílias.

Em terceiro lugar, referem-se fatores que podem fazer diminuir a pressão habitacional, isto é, a necessidade de construção de novos alojamentos para fazer face a novas procuras de habitação, que remetem para a problemática da possível utilização dos alojamentos vagos e da existência de estratégias orientadas para essa utilização. Escolheu-se, neste caso, o número de alojamentos vagos no mercado, representando os alojamentos vagos mais imediatamente mobilizáveis. Referem-se, ao mesmo tempo, fatores que, em sentido contrário, podem fazer aumentar a pressão habitacional, escolhendo-se indicadores relacionados com a possível necessidade de substituição de alojamentos existentes: os edifícios muito degradados, os alojamentos vagos mais antigos e um indicador das mudanças de uso e demolições verificadas na década de 2001 a 2011.

Finalmente, o Quadro 3.26 apresenta informação da dinâmica construtiva recente, isto é, da capacidade de fazer face às procuras de habitação.

Quadro 3.26 | Contributos para uma perspetiva quantitativa do parque habitacional

Famílias clássicas (2011)		16 163
Alojamentos clássicos de residência habitual (2011)		16 118
	diferença	45
Variação do número de famílias clássicas (2001-2011)		502
Variação do número de famílias (2011-2026): limiar mínimo		- 259
Variação do número de famílias (2011-2026): valor intermédio		635
Variação do número de famílias (2011-2026): limiar máximo		2 121
Alojamentos vagos no mercado (2011)		1 188
Demolições/mudanças de uso (2001-2011)		987
Edifícios muito degradados ou com necessidade de grandes reparações		1 608
Alojamentos vagos construídos antes de 1945		1 038

Alojamentos familiares clássicos construídos entre 2001 e 2011	4 233
Alojamentos nas licenças para construção nova (média de 2010 a 2012)	54
Licenças para ampliações, alterações e reconstruções (média de 2010 a 2012)	9

Fontes: Recenseamentos da População e Habitação, Revisão do Plano Diretor Municipal de Chaves e Inquérito aos Projetos de Obras de Edificação e de Demolição de Edifícios

Os três aspetos condicionantes da evolução da situação – a acompanhar pelas dinâmicas de planeamento municipal – são, então, **a extensão das mudanças na estrutura familiar** (que, em si mesmas, geram também novas necessidades qualitativas), **a maior ou menor capacidade de mobilização dos alojamentos vagos disponíveis** e a **maior ou menor capacidade de indução de dinâmicas de reabilitação do edificado**.

3.5. SITUAÇÃO DAS FREGUESIAS: OS DIFERENTES CONTEXTOS HABITACIONAIS DE CHAVES

Os processos habitacionais que têm vindo a ser descritos têm uma expressão territorial diferenciada: são diferentes as dinâmicas encontradas, a estrutura e ocupação do parque habitacional, as formas de relação das pessoas e das famílias com os alojamentos, a dimensão e o tipo dos problemas. Pode falar-se, por isso, na existência de diferentes contextos habitacionais.

As diferenças nas dinâmicas podem ser observadas recorrendo a indicadores relacionados com a variação do número de famílias, e correspondente variação na pressão habitacional, e a indicadores relacionados com a idade dos alojamentos. Evidenciam-se três situações distintas que nos quadros e figuras seguintes (ver Quadro 3.27 e Figura 3.1) aparecem denominadas como tipos I (caraterizado pela diminuição do número de habitantes e de famílias), II (caracterizado pela diminuição do número de habitantes, mas pelo aumento do número de famílias) e III (as situações mais dinâmicas, caracterizadas simultaneamente pelo aumento do número de habitantes e do número de famílias). O primeiro tipo indicia a presença de fatores regressivos, que, em alguns casos, mas não em todos, foram já acompanhados pela diminuição do número de alojamentos existentes. Por sua vez, é nas freguesias aqui classificadas como de tipo III que se espera existir uma maior pressão habitacional, decorrente de novas necessidades quantitativas.

A ocupação do parque habitacional é, também, muito variável. Como já vimos anteriormente, o município de Chaves carateriza-se, face à média nacional e à média da região Norte, por percentagens mais elevadas dos alojamentos de uso secundário e dos alojamentos vagos. Esta situação marca muito a realidade habitacional de algumas freguesias: segundo a informação dos Censos 2011, em 12 das atuais freguesias do município de Chaves os alojamentos de residência

habitual correspondem a menos de metade dos alojamentos existentes (ver, a este propósito, a informação do Quadro 3.28 e as Figura 3.2 a Figura 3.4).

Este fenómeno suscita dois comentários adicionais. Em primeiro lugar, o reconhecimento da importância quantitativa dos alojamentos de uso secundário, em conjunto com algumas dinâmicas de atração de população vinda do estrangeiro, significa que a análise das localidades não pode basear-se simplesmente em considerações relacionadas com a população residente.

Em segundo lugar, uma análise mais pormenorizada dos alojamentos vagos (ver Quadro 3.28 e Figura 3.5 a Figura 3.7) faz emergir a coexistência de vários processos que explicam o seu aumento. Há, em alguns espaços, situações de alojamentos vagos muito associadas à perda demográfica e aos alojamentos mais antigos. Há, noutros espaços, uma importância maior de alojamentos vagos disponíveis no mercado, que remetem para a problemática da relação entre a oferta mais recente e a procura, sobretudo associada aos processos de reestruturação e expansão da cidade de Chaves. Esta distinção tem implicações importantes em termos das estratégias que podem ser seguidas para a gestão deste problema.

A observação do regime de ocupação dos alojamentos faz sobressair, de novo, diferenças territoriais relevantes (ver, sobretudo, as Figura 3.10 a Figura 3.12). A referência, que atravessa todo o município, à dominância do acesso à propriedade dos alojamentos esconde uma distinção significativa entre formas de acesso quer utilizam o crédito à aquisição de habitação e outras formas de acesso à propriedade. As primeiras encontram a sua expressão máxima nos espaços de dinamismo mais recente, o que quer dizer também que as perspetivas de evolução desta forma de acesso ao alojamento podem condicionar a continuidade desses dinamismos.

Por sua vez, o estudo mais pormenorizado dos problemas de habitação evidencia a existência de diferentes perfis de problemas: os problemas estudados combinam-se de várias formas e com várias intensidades nos diferentes espaços concelhios (ver, a este propósito, o Quadro 3.29 e as Figura 3.14 e Figura 3.16, referentes aos problemas de superlotação, carência de equipamentos e degradação física). Isto significa que é necessário desenvolver respostas diversificadas a estes problemas. A problemática da superlotação remete para a importância do espaço disponível da habitação e da mobilidade residencial; as problemáticas da carência de equipamentos e do estado de conservação remetem para a importância da indução de dinâmicas de reabilitação. Vale a pena referir, ainda, os diferentes espaços problemáticos do ponto de vista do estado de conservação dos edifícios, que excedem em muito a preocupação, tradicional em muitos debates das políticas públicas, com a situação dos centros urbanos.

Quadro 3.27 | Situação das freguesias: dinâmica demográfica e habitacional

	Dinâmica demográfica			Dinâmica habitacional		Mudança de residência
	I	II	III	construídos antes de 1945	construídos após 2001	
Águas Frias	X			14,6	9,9	13,1
Anelhe	X			35,6	16,9	17,0
Bustelo			x	14,1	21,5	21,4
Cimo de Vila da Castanheira	X			0,2	4,2	8,4
Curalha	x			14,1	13,7	9,4
Ervededo	X			41,2	4,8	16,7
Faiões		X		0,2	10,6	17,0
Lama de Arcos	X			7,0	6,0	13,9
Mairos	x			23,0	6,4	15,7
Moreiras	x			38,7	11,6	12,1
Nogueira da Montanha	X			14,4	9,2	11,7
Oura		x		28,5	8,1	17,9
Outeiro Seco			X	2,5	15,2	19,1
Paradela	x			20,8	12,5	14,5
Planalto de Monforte (União das freguesias de Oucidres e Bobadela)	X			25,3	10,5	7,7
Redondelo	X			22,7	11,0	11,0
Sanfins	X			27,0	11,2	9,7
Santa Leocádia	X			28,5	9,9	5,2
Santa Maria Maior		X		13,2	15,2	28,7
Santo António de Monforte		x		14,1	16,7	14,5
Santo Estêvão	X			10,0	12,4	17,0
São Pedro de Agostém		x		15,1	15,2	14,5
São Vicente	X			26,5	8,6	7,9
Tronco	X			13,1	22,0	6,4
União das freguesias da Madalena e Samaiões	X			6,3	8,1	20,6
União das freguesias das Eiras, São Julião de Montenegro e Cela	x			9,0	18,1	7,7
União das freguesias de Calvão e Soutelinho da Raia	X			24,7	12,0	13,7
União das freguesias de Loivos e Póvoa de Agrações	X			13,1	8,9	11,4
União das freguesias de Santa Cruz/Trindade e Sanjurge			X	1,8	25,5	23,9
União das freguesias de Soutelo e Seara Velha	x			23,2	19,6	10,3
União das freguesias de Travancas e Roriz	X			14,8	10,6	9,9
Vale de Anta			X	4,2	37,5	24,4
Vidago (União das freguesias de Vidago, Arcossó, Selhariz e Vilarinho das Paranheiras)		X		15,8	17,2	17,6
Vila Verde da Raia			X	8,3	16,0	22,7
Vilar de Nantes		X		3,9	18,2	15,1
Vilarelho da Raia	x			2,3	18,0	15,4
Vilas Boas		X		11,8	18,4	6,7

Vilela do Tâmega	x	32,9	4,9	15,2
Vilela Seca	x	13,2	11,5	16,7

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação
Situação demográfica I - diminuição da população e do número de famílias
Situação demográfica II - diminuição da população e aumento do número de famílias
Situação demográfica III - aumento da população e do número de famílias

Quadro 3.28 | Situação das freguesias: ocupação dos alojamentos (%)

	Residência habitual	Residência secundária	Vagos	Vagos no mercado
Águas Frias	53,5	31,2	15,3	1,5
Anelhe	52,0	45,0	3,0	0,3
Bustelo	51,3	26,8	22,0	6,8
Cimo de Vila da Castanheira	51,1	45,9	3,0	0,8
Curalha	66,4	33,2	0,4	0,4
Ervededo	40,8	58,0	1,2	1,1
Faiões	69,1	14,6	16,3	2,3
Lama de Arcos	45,3	54,7	0,0	0,0
Mairos	57,4	40,0	2,6	1,7
Moreiras	48,3	25,6	26,0	0,0
Nogueira da Montanha	55,2	30,9	13,8	0,3
Oura	54,5	30,3	15,2	0,8
Outeiro Seco	68,1	5,8	26,1	9,7
Paradela	63,7	32,1	4,2	0,0
Planalto de Monforte (União das freguesias de Oucidres e Bobadela)	46,0	47,0	7,0	0,0
Redondelo	54,6	24,2	21,1	0,0
Sanfins	36,4	39,9	23,8	1,4
Santa Leocádia	53,1	45,0	1,9	0,0
Santa Maria Maior	61,1	20,7	18,2	10,3
Santo António de Monforte	57,7	27,7	14,7	0,8
Santo Estêvão	60,3	28,2	11,6	1,5
São Pedro de Agostém	56,7	29,3	14,1	2,3
São Vicente	36,4	38,3	25,2	2,1
Tronco	44,8	45,7	9,5	1,9
União das freguesias da Madalena e Samaiões	56,9	18,0	25,1	12,4
União das freguesias das Eiras, São Julião de Montenegro e Cela	56,0	32,1	11,9	2,0
União das freguesias de Calvão e Soutelinho da Raia	39,7	42,6	17,7	0,2
União das freguesias de Loivos e Póvoa de Agrações	48,2	40,2	11,5	1,4
União das freguesias de Santa Cruz/Trindade e Sanjurge	61,2	30,9	7,9	2,6
União das freguesias de Soutelo e Seara Velha	54,3	42,8	2,9	0,8
União das freguesias de Travancas e Roriz	48,6	40,7	10,6	0,7
Vale de Anta	66,7	21,5	11,8	3,5

	Residência habitual	Residência secundária	Vagos	Vagos no mercado
Vidago (União das freguesias de Vidago, Arcossó, Selhariz e Vilarinho das Paranheiras)	54,2	37,3	8,6	3,1
Vila Verde da Raia	67,8	24,5	7,7	5,1
Vilar de Nantes	66,0	26,7	7,3	4,3
Vilarelho da Raia	48,6	36,3	15,1	1,1
Vilas Boas	54,6	42,1	3,3	3,4
Vilela do Tâmega	41,7	37,5	20,8	2,2
Vilela Seca	52,0	22,5	25,5	1,3

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

Quadro 3.29 | Situação das freguesias: incidência de problemas habitacionais

	Superlotação	Equipamento	Conservação
Águas Frias	5,4	7,7	63,1
Anelhe	12,8	5,2	50,2
Bustelo	6,9	2,0	10,0
Cimo de Vila da Castanheira	2,4	4,4	12,7
Curalha	3,5	3,5	26,6
Ervededo	3,0	3,0	5,3
Faiões	6,7	6,1	5,3
Lama de Arcos	5,9	4,4	27,5
Mairos	3,7	1,5	28,9
Moreiras	4,3	3,4	42,4
Nogueira da Montanha	5,1	9,3	6,7
Oura	7,3	4,4	22,3
Outeiro Seco	4,5	2,8	12,5
Paradela	7,5	6,5	16,7
Planalto de Monforte (União das freguesias de Oucidres e Bobadela)	8,4	6,1	8,8
Redondelo	7,7	1,0	10,2
Sanfins	11,5	5,8	7,7
Santa Leocádia	6,4	12,8	33,1
Santa Maria Maior	8,5	4,4	14,7
Santo António de Monforte	7,4	5,2	21,5
Santo Estêvão	6,6	3,1	11,3
São Pedro de Agostém	7,6	4,7	14,3
São Vicente	3,5	3,5	22,4
Tronco	4,8	2,9	13,1
União das freguesias da Madalena e Samaiões	7,2	4,3	22,5
União das freguesias das Eiras, São Julião de Montenegro e Cela	4,7	3,1	22,8
União das freguesias de Calvão e Soutelinho da Raia	3,9	2,2	11,0
União das freguesias de Loivos e Póvoa de Agracões	6,4	5,7	18,4

	Superlotação	Equipamento	Conservação
União das freguesias de Santa Cruz/Trindade e Sanjurge	4,7	2,2	13,0
União das freguesias de Soutelo e Seara Velha	1,9	1,9	8,9
União das freguesias de Travancas e Roriz	3,9	6,0	18,8
Vale de Anta	5,4	2,5	5,5
Vidago (União das freguesias de Vidago, Arcossó, Selhariz e Vilarinho das Paranheiras)	6,6	5,4	17,5
Vila Verde da Raia	7,4	5,3	6,5
Vilar de Nantes	3,9	2,6	18,2
Vilarelho da Raia	3,6	3,6	6,6
Vilas Boas	3,6	8,4	15,7
Vilela do Tâmega	5,0	6,3	45,1
Vilela Seca	4,2	5,0	16,0

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

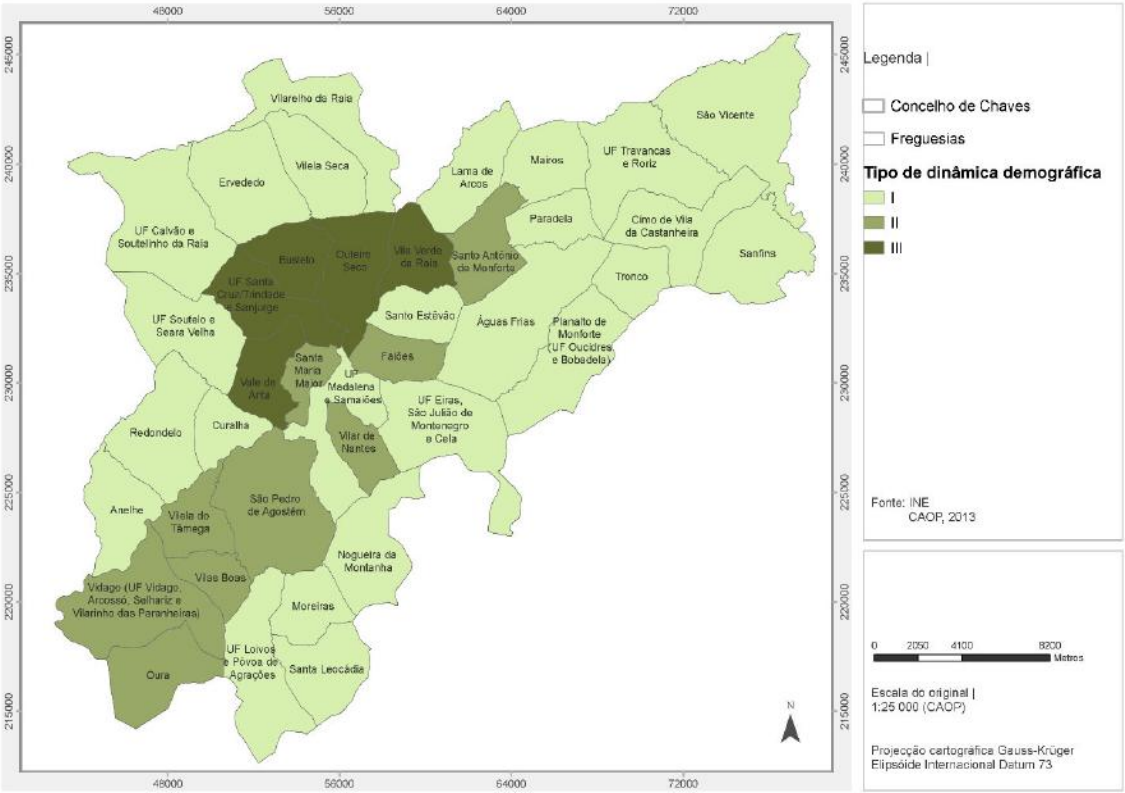


Figura 3.1 | Freguesias, segundo o tipo de dinâmica demográfica recente

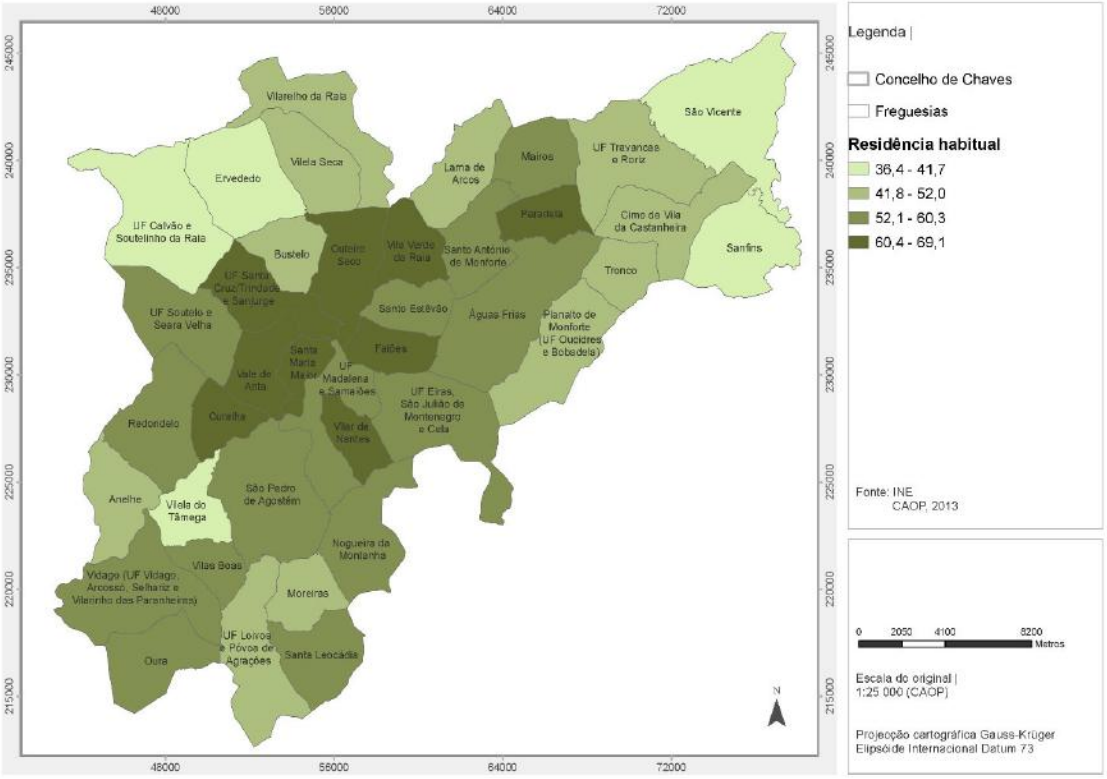


Figura 3.2 | Alojamentos clássicos de residência habitual (2011, em % do total)

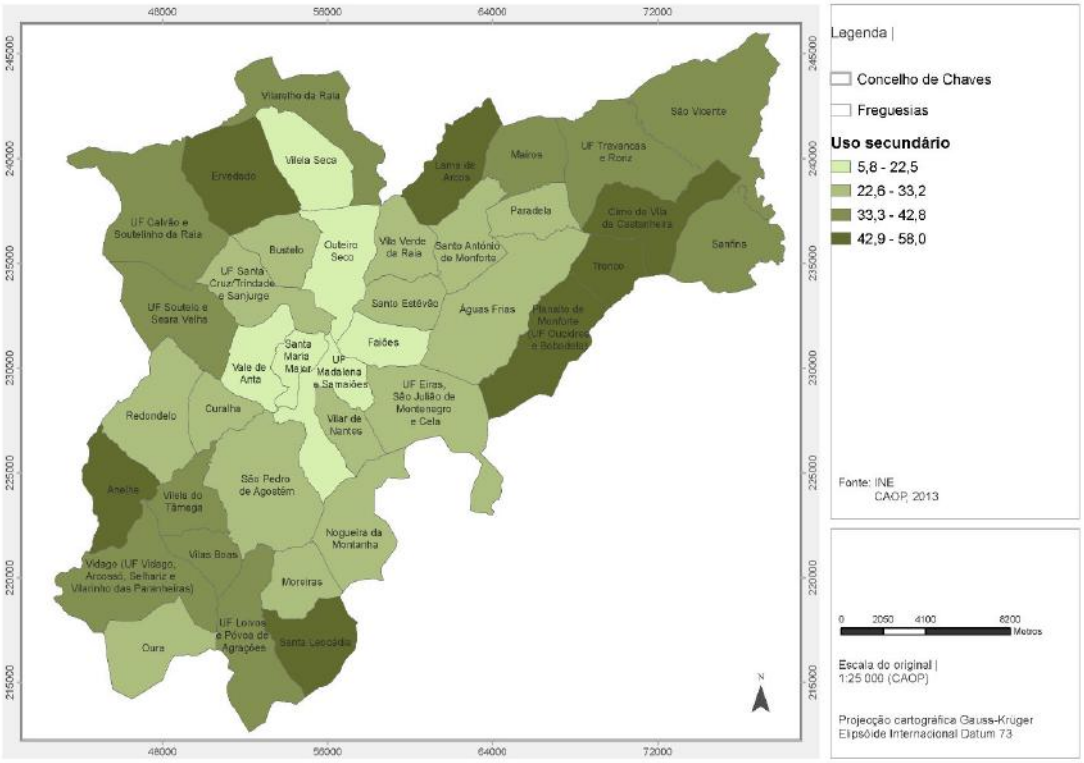


Figura 3.3 | Alojamentos clássicos de uso sazonal ou secundário (2011, em % do total)

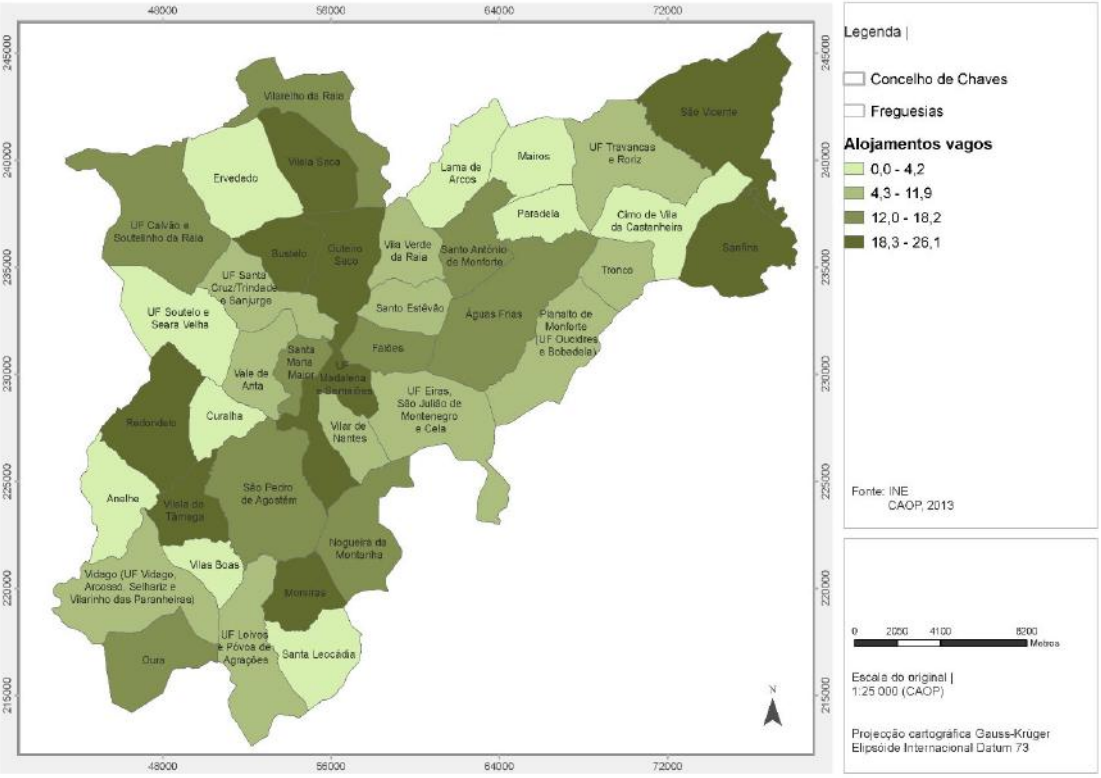


Figura 3.4 | Alojamentos clássicos vagos (2011, em % do total)

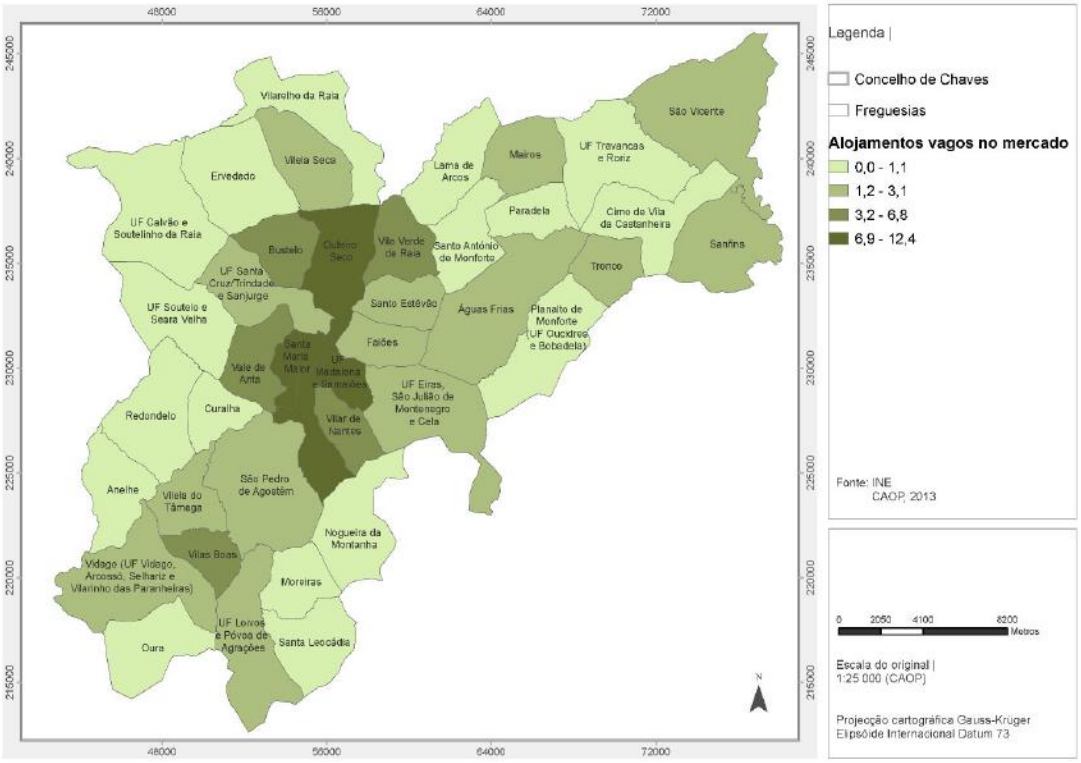


Figura 3.5 | Alojamentos clássicos vagos no mercado: para venda ou arrendamento (2011, em % do total)

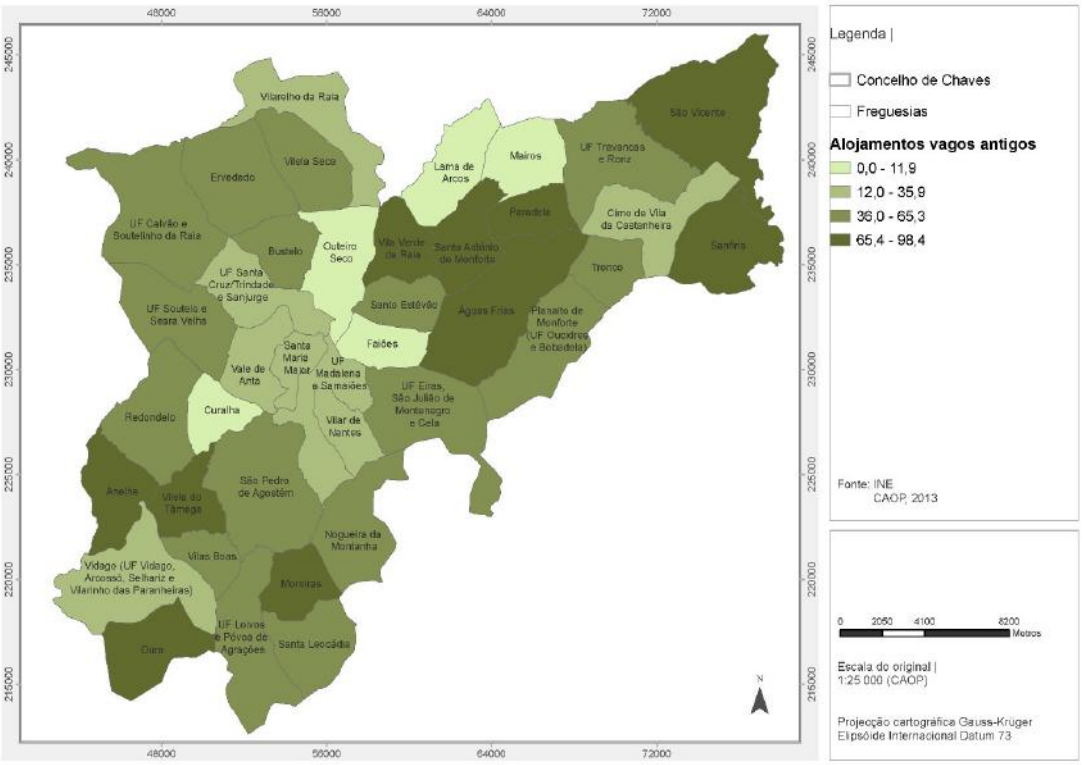


Figura 3.6 | Alojamentos clássicos vagos construídos antes de 1960 (2011, em % do total de alojamentos vagos)

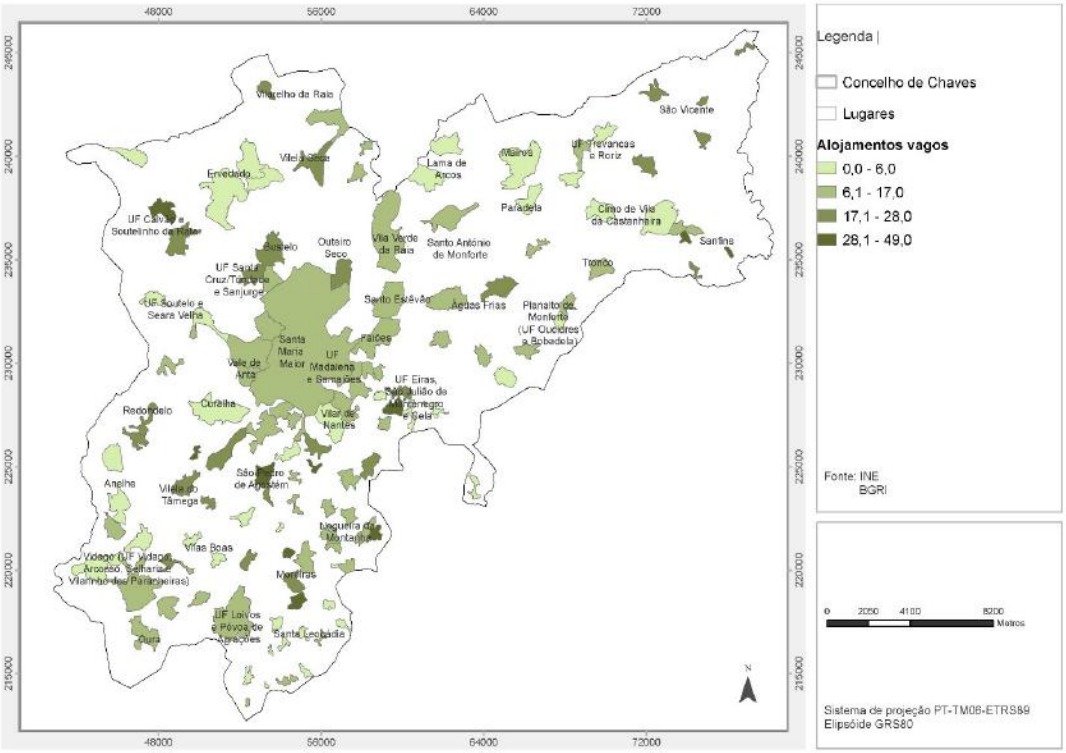


Figura 3.7 | Alojamentos clássicos vagos, por lugar (2011, em % do total de alojamentos vagos)

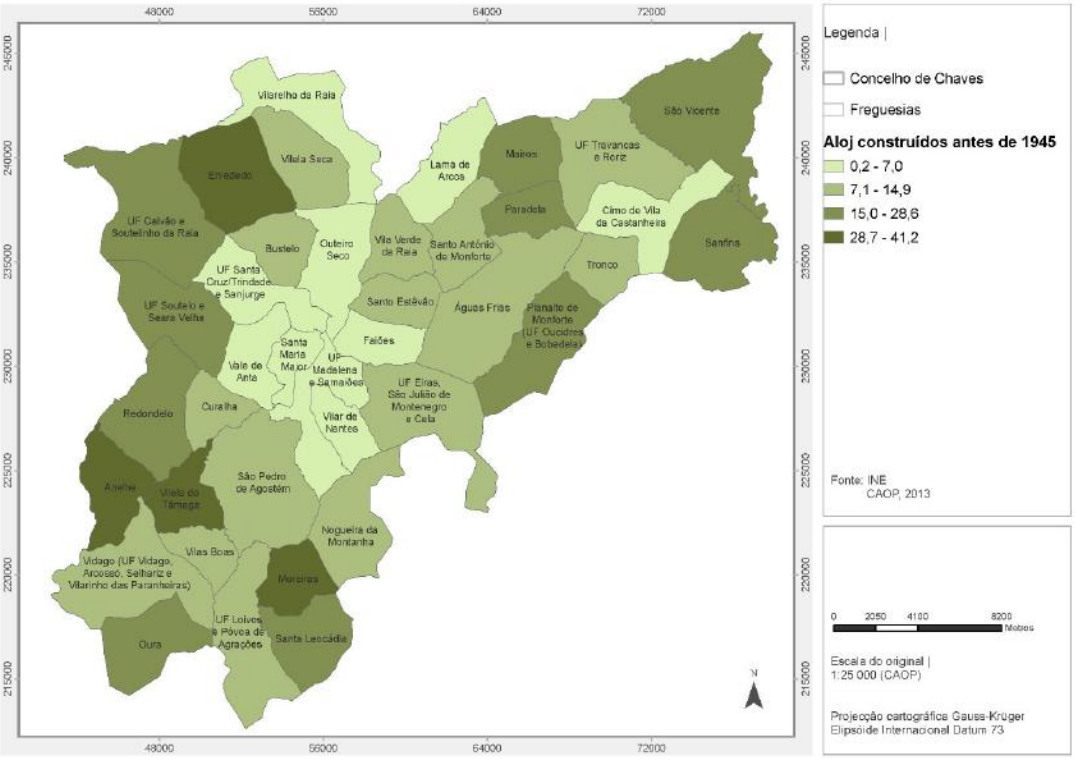


Figura 3.8 | Alojamentos clássicos construídos antes de 1945 (2011, em % do total)

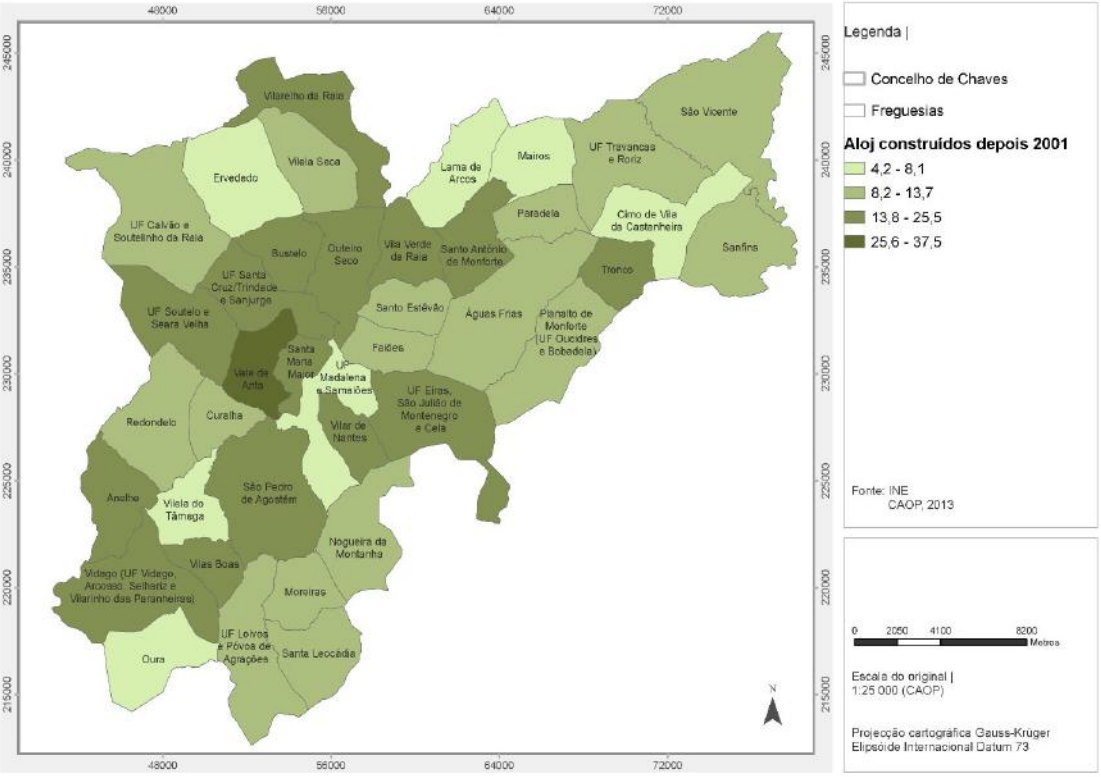


Figura 3.9 | Alojamentos clássicos construídos depois de 2001 (2011, em % do total)

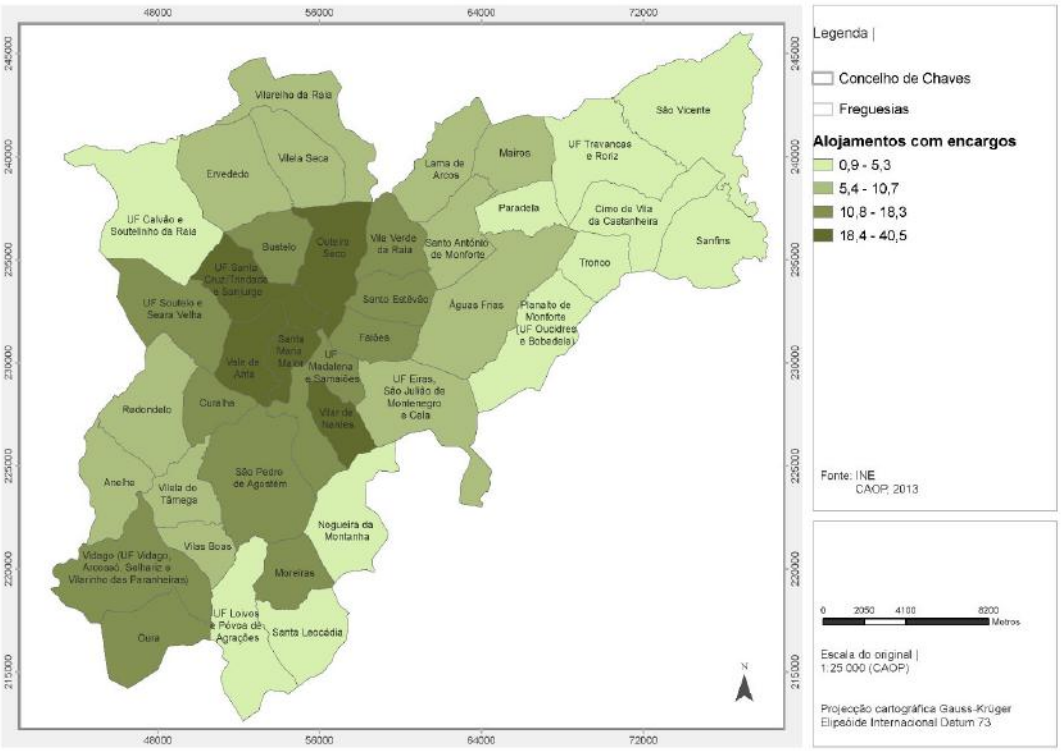


Figura 3.10 | Alojamentos clássicos ocupados pelo proprietário, com encargos (2011, em % do total)

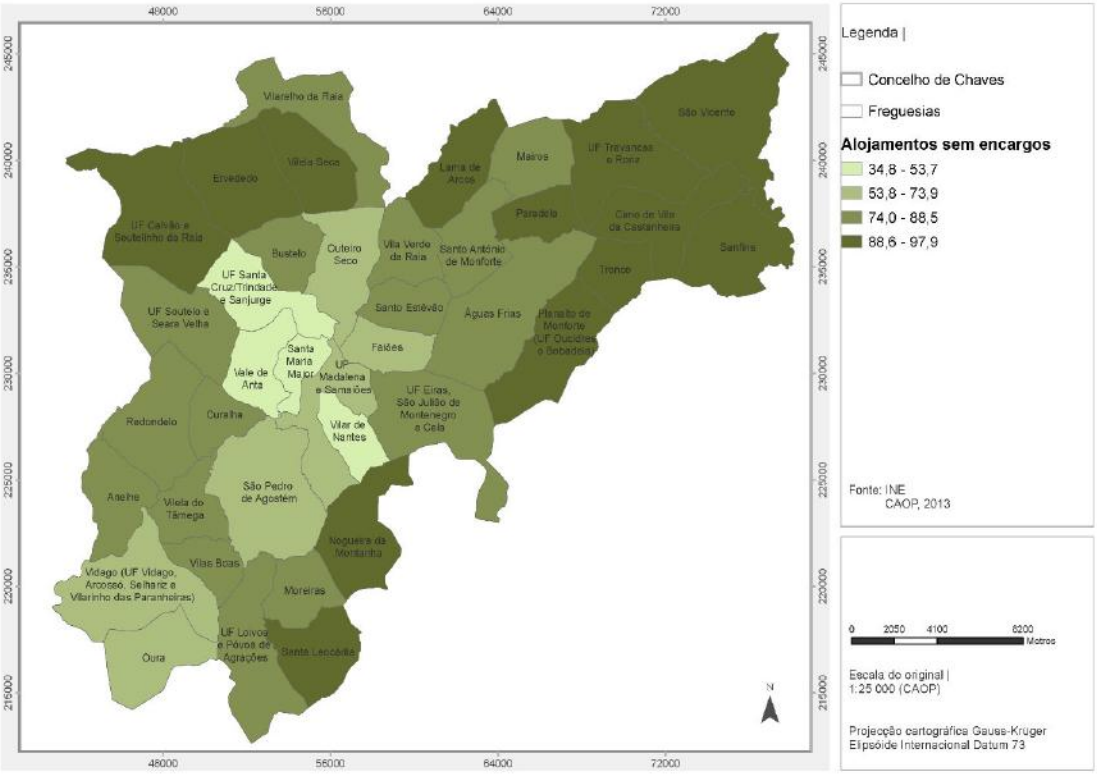


Figura 3.11 | Alojamentos clássicos ocupados pelo proprietário, sem encargos (2011, em % do total)

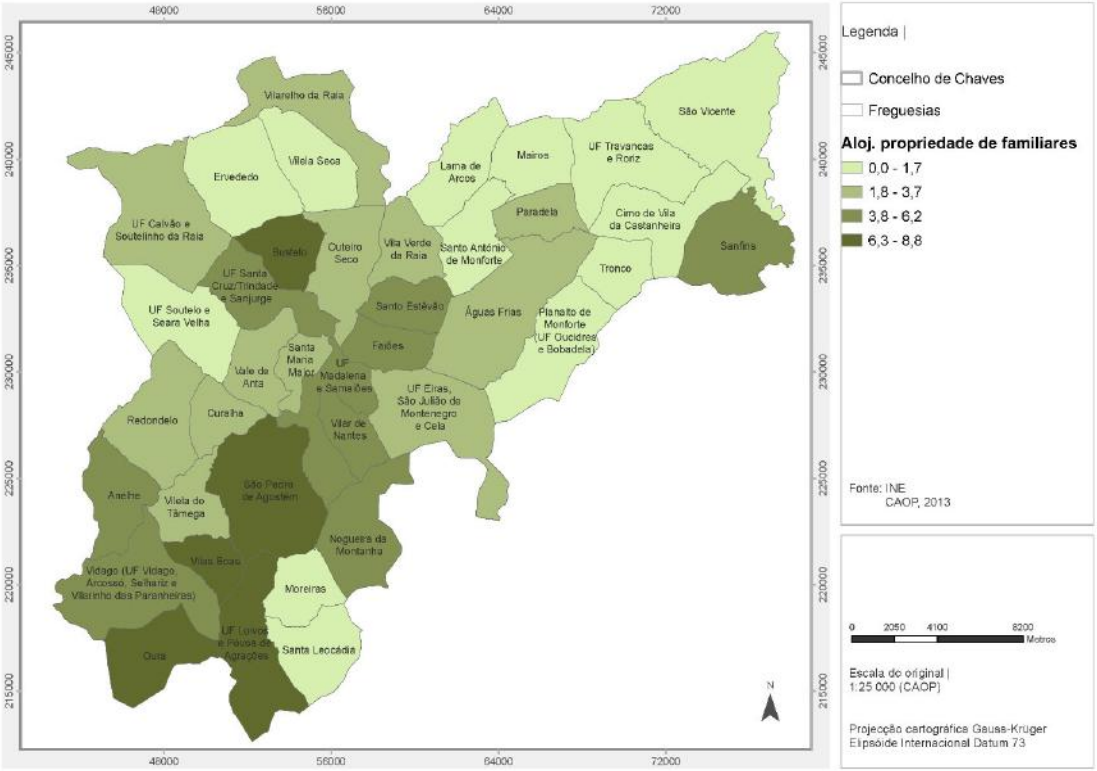


Figura 3.12 | Alojamentos clássicos propriedade de outros familiares (2011, em % do total)

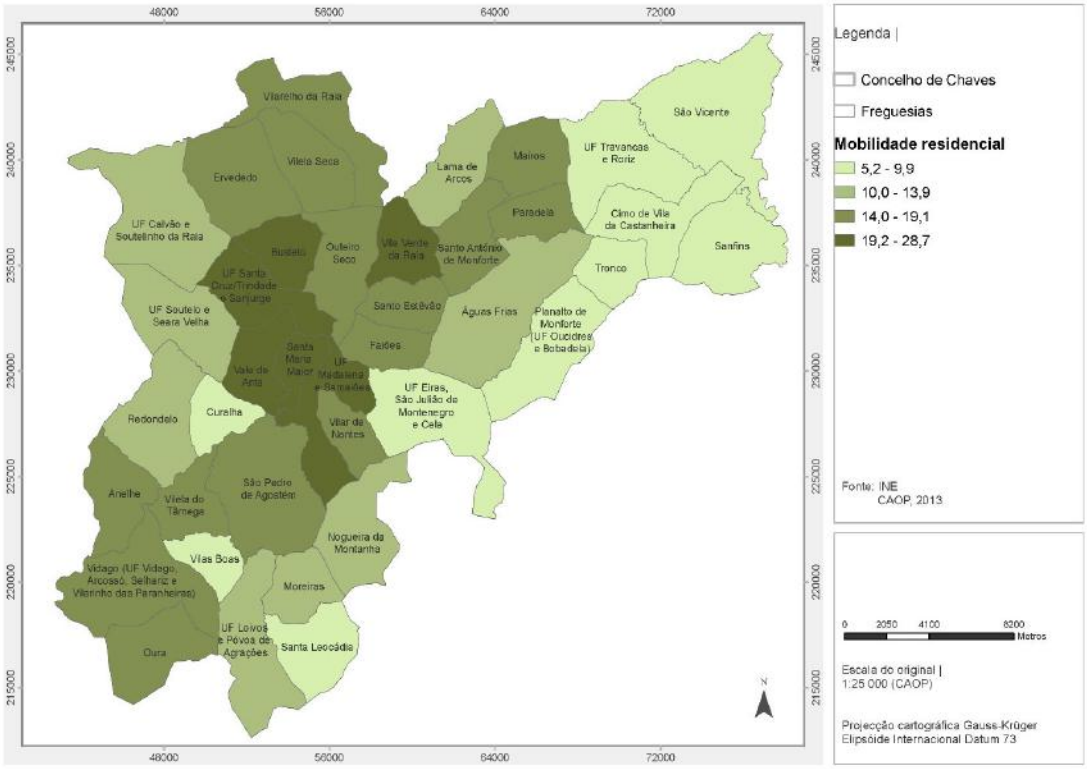


Figura 3.13 | Mobilidade residencial: percentagem da população que mudou de residência nos últimos cinco anos

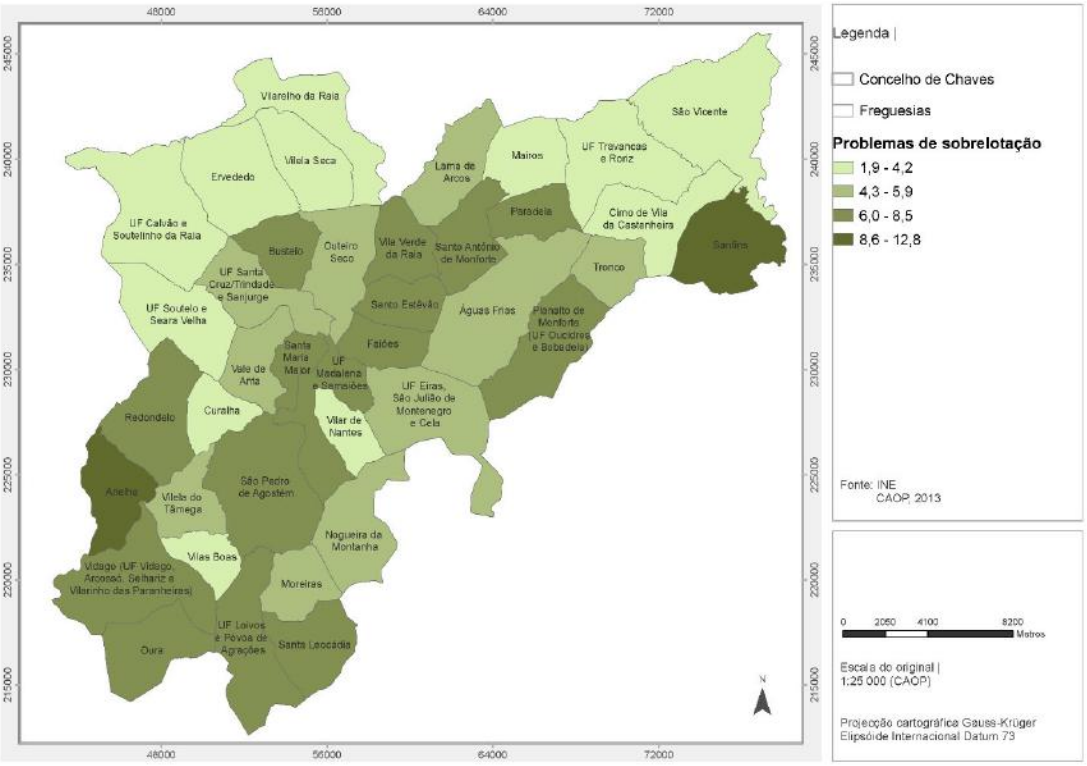


Figura 3.14 | Famílias em alojamentos superlotados (2011, em % do total)

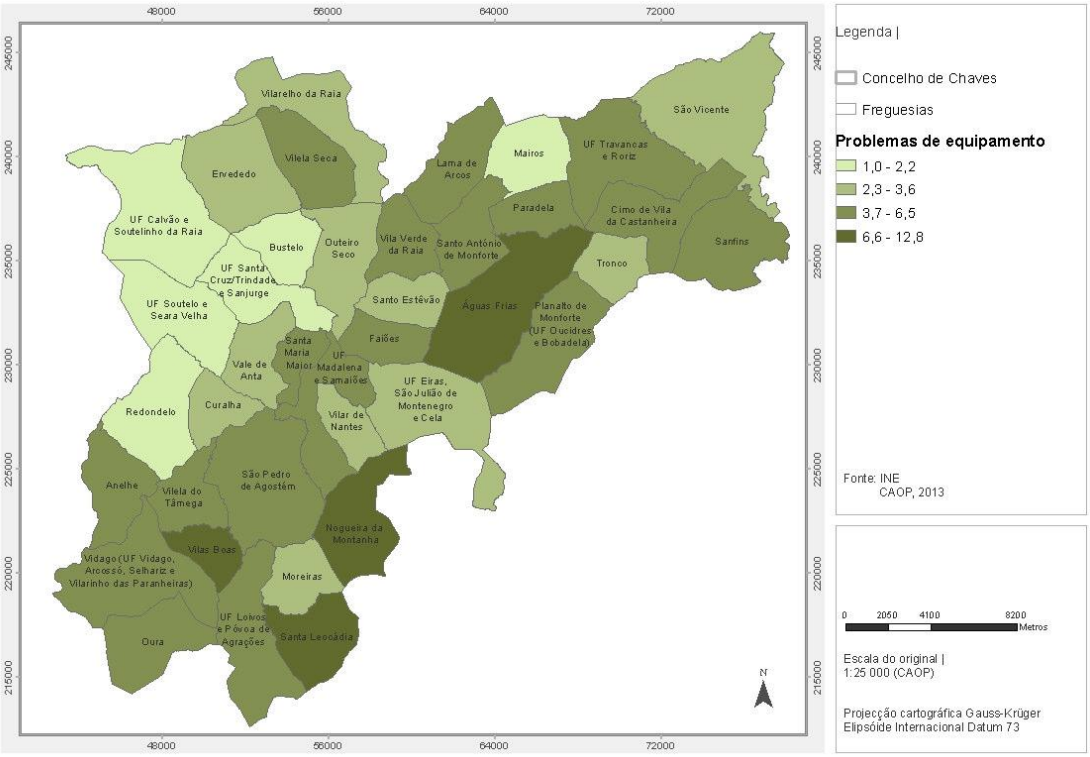


Figura 3.15 | Alojamentos com problemas de equipamento (eletricidade, retrete, água ou banho) (2011, em % do total)

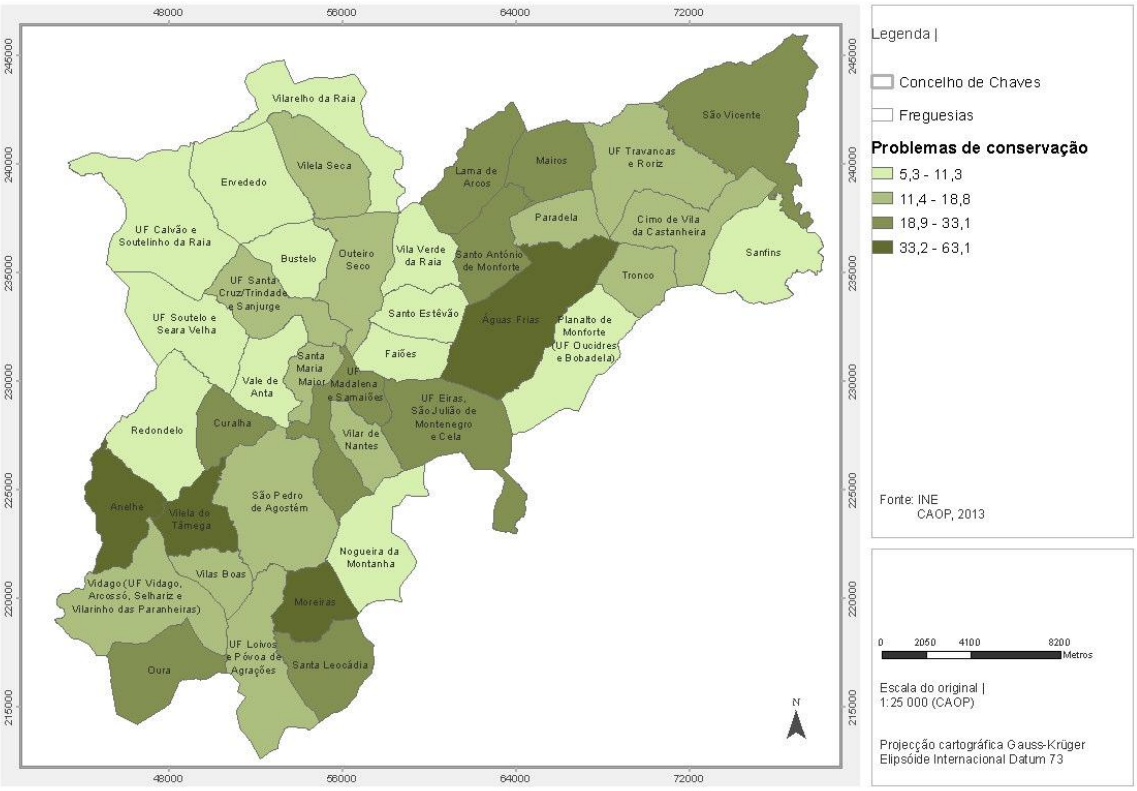


Figura 3.16 | Edifícios com necessidades de reparação (médias ou grandes) ou muito degradados (2011, em % do total)

3.6. POPULAÇÃO, RESIDÊNCIA E COESÃO SOCIAL E TERRITORIAL

Os aspetos que foram objeto deste estudo, a evolução do número de habitantes, as transformações na estrutura etária das populações, as mudanças nas famílias e as dinâmicas e os problemas de habitação, combinam-se com outras características, que devem ser equacionadas e que remetem para a questão geral da coesão social e territorial, que é um valor importante para o planeamento estratégico deste espaço.

Algumas dessas características são retomadas, de forma mais aprofundada, noutros estudos desenvolvidos no âmbito da revisão do Plano Diretor Municipal de Chaves, em especial os que se relacionam com o emprego e as atividades económicos, com os equipamentos coletivos e os serviços públicos, com a mobilidade e com a qualidade urbana. Ficam, no entanto, aqui registadas, na perspetiva da análise das diferenciações espaciais mais relevantes.

Os quadros e figuras seguintes sintetizam informação, proveniente dos Recenseamentos da População e da Habitação, relacionada com dimensões da diversidade e da coesão social: a temática do isolamento da população mais idosa; a relação com a atividade económica e com o emprego; a evolução das qualificações; a integração da população de outras nacionalidades; a situação das pessoas com dificuldades. Todas envolvem a relação das pessoas com o território, desenhando diferentes contextos. Todas elas implicam a reflexão sobre as qualidades territoriais – e as novas qualidades territoriais - que devem ser acauteladas e promovidas.

Aborda-se, em primeiro lugar, a problemática da população idosa e do seu isolamento (Quadro 3.30 e Figura 3.17), que, de acordo com a análise precedente, que sublinhou precisamente a presença de um processo de envelhecimento da população, tenderá a ser cada vez mais relevante. Deve ter-se em conta que a noção de isolamento é aqui aplicada a partir da informação dos Recenseamentos da População e da Habitação sobre as pessoas que habitam alojamentos com uma só pessoa, e, portanto, que outras dimensões relacionadas com as redes de relação social não são consideradas.

A informação recolhida permite chamar a atenção para três aspetos principais: o número de cerca de 2000 alojamentos em Chaves habitados por um idoso isolado; uma situação que, em termos comparativos, não é radicalmente diferente da situação vivida em outros contextos de referência; mas uma situação com importantes diferenciações no território municipal, nas quais o isolamento residencial se conjuga com outras dimensões de afastamento.

Quadro 3.30 | População idosa e isolamento

	População residente	População com 65 e mais anos					
		Total		Vivendo sós ou com outros do mesmo grupo etário		Em alojamentos com uma pessoa	
		n.º	%	n.º	%	n.º	%
Chaves	41 243	10 097	24,5	5 979	59,2	1 971	19,5
Alto Trás-os-Montes	204 381	56 966	27,9	35 033	61,5	11 295	19,8
Norte	3 689 682	631 439	17,1	341 710	54,1	108 189	17,1
Portugal	10 562 178	2 010 064	19,0	1 199 324	59,7	399 174	19,9

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

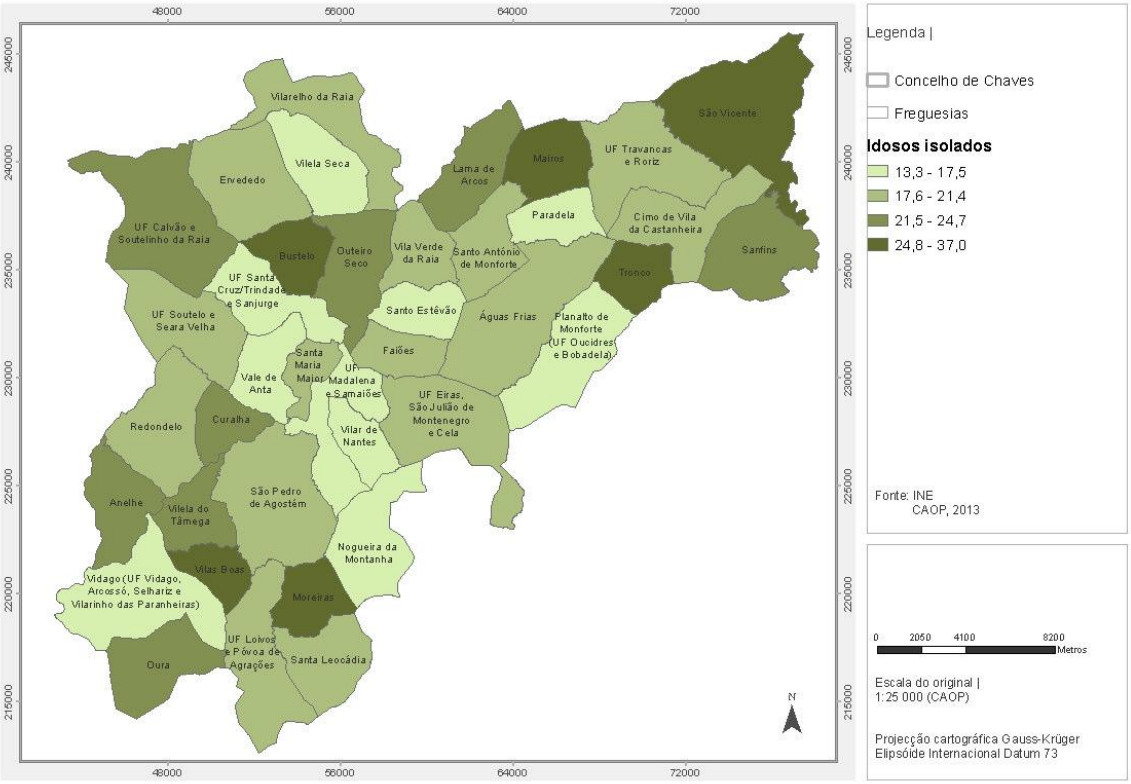


Figura 3.17 | População com 65 e mais anos em alojamentos com uma só pessoa (2011, em % do total de idosos)

A relação com a atividade económica e com o emprego constitui um outro tópico importante da análise das condições de coesão social e territorial. O Quadro 3.31 indica que quase 40% das famílias em Chaves não têm pessoas com atividade económica, que esse valor é comparativamente superior ao verificado na região Norte e na média nacional, embora inferior ao registado no Alto-Trás-os-Montes, e que tende a aumentar. Por sua vez, as Figura 3.18 e Figura 3.19 evidenciam a diferenciação territorial deste fenómeno, que atinge um valor máximo

próximo dos 70%, quando consideradas as freguesias do município. A Figura 3.19 apresenta a importância relativa de pensionistas e reformados, por lugar, verificando-se valores máximos em torno dos 80%.

Quadro 3.31 | Famílias, segundo o número de pessoas com atividade económica

	Total	Nenhuma pessoa ativa		1 pessoa ativa	2 pessoas ativas	3 ou mais pessoas ativas
Chaves (2001)	15 661	5 334	34,1	4 634	4 640	1 053
Chaves (2011)	16 163	6 343	39,2	4 407	4 495	918
Alto Trás-os-Montes	81 245	34 833	42,9	20 949	20 780	4 683
Norte	1 330 892	362 923	27,3	349 358	484 739	133 872
Portugal	4 043 726	1 188 639	29,4	1 118 636	1 393 819	342 632

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

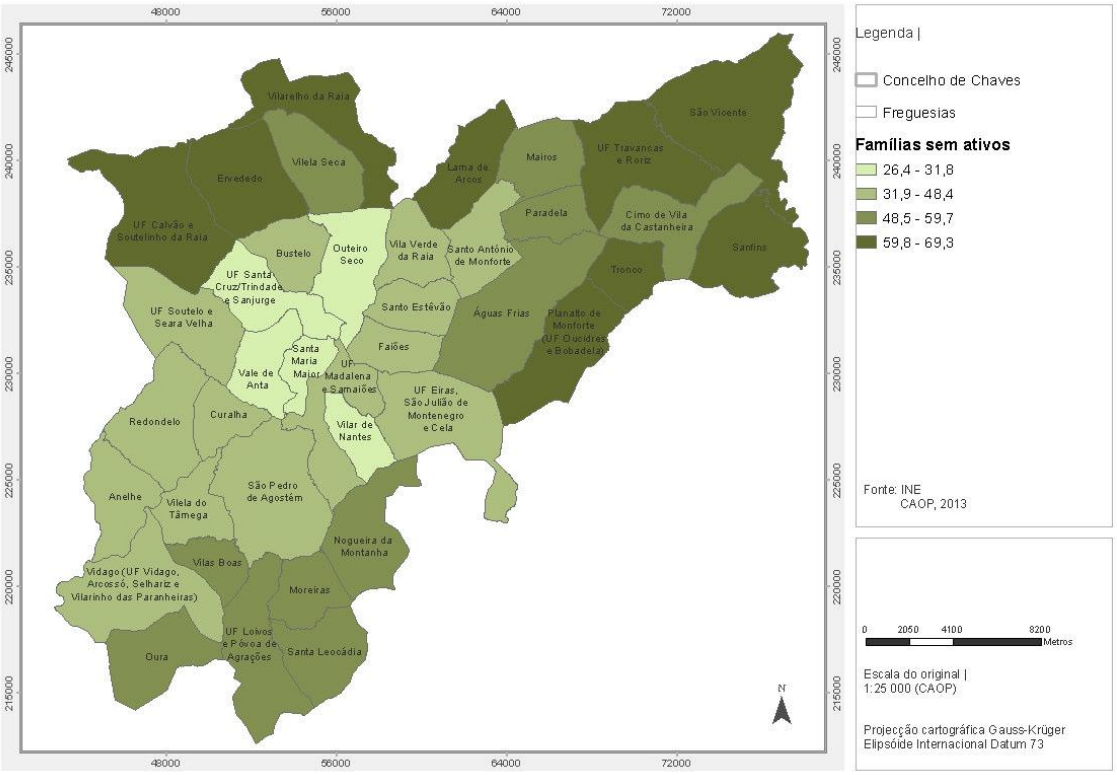


Figura 3.18 | Famílias sem ativos (2011,em % do total de famílias)

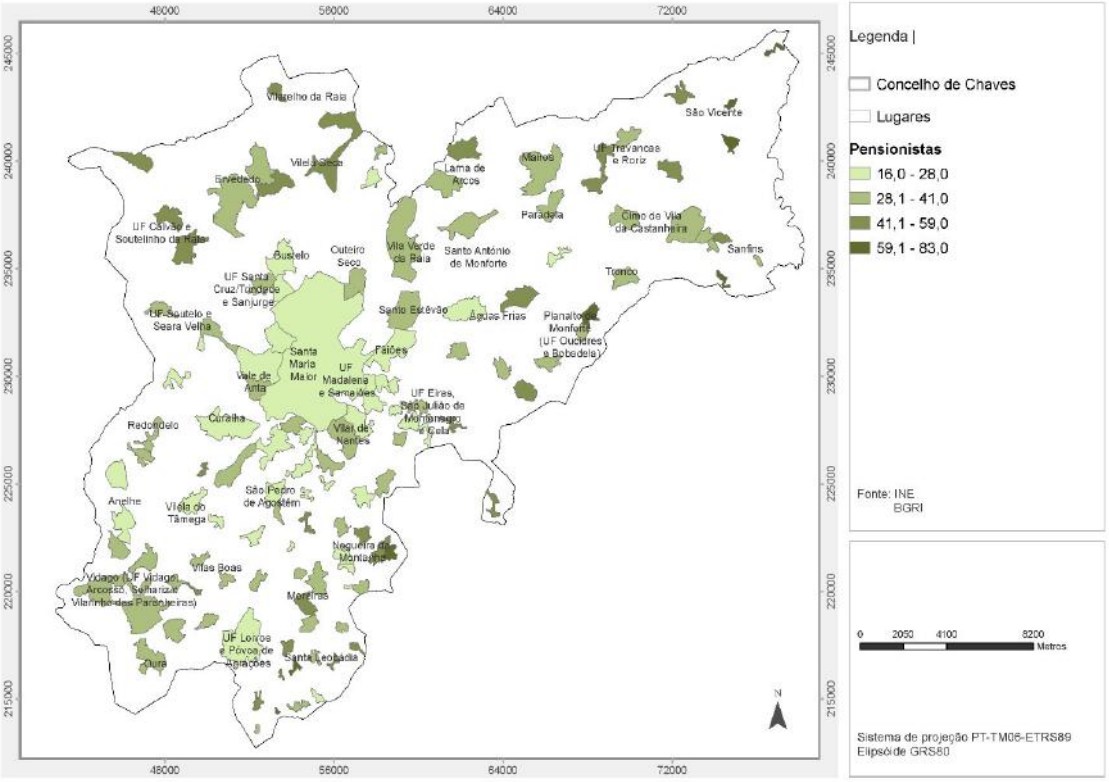


Figura 3.19 | Pensionistas e reformados, por lugar (2011, em % da população residente)

O Quadro 3.32 e as figuras seguintes permitem juntar a este estudo a questão do emprego e do desemprego, que, recorde-se, constituiu já um elemento importante da análise demográfica. O Quadro 3.32 aponta para três conclusões principais: a diminuição da população ativa; a diminuição da população empregada, e, ao mesmo tempo, um processo de recomposição do emprego dos residentes, com quebras nos setores primário e secundário, e um aumento do emprego no setor terciário; finalmente, a presença de uma taxa de desemprego comparativamente elevada.

Por sua vez, a Figura 3.21 retrata a situação das diferentes freguesias, no que diz respeito ao desemprego, com valores máximos muito elevados, enquanto as Figura 3.22 a Figura 3.24 representam a importância relativa dos diversos setores de atividade, analisados com base nos dados dos Recenseamentos da População e habitação referentes aos residentes (e não à localização do emprego). Se, como vimos, existe um processo de recomposição seletiva do emprego, e se, como evidenciam as referidas Figura 3.22 a Figura 3.24, existem diferenças significativas no emprego dos residentes das freguesias, então esses processos afetarão de forma desigual a situação dos diferentes territórios do município.

Quadro 3.32 | Atividade e desemprego

		Chaves (2001)	Chaves (2011)	Alto Trás-os-Montes	Norte	Portugal
População residente		43 667	41 243	204 381	3 689 682	10 562 178
População ativa		17 385	16 363	77 656	1 756 065	5 023 367
População empregada	Total	15 598	13 995	68 441	1 501 883	4 361 187
	Primário	1 959	872	7 725	43 023	133 386
	Secundário	3 628	2 712	13 567	53 848	1 154 709
	Terciário	10 011	10 411	47 149	925 012	3 073 092
	Social	5 181	5 301	25 368	379 768	1 254 273
	Económico	4 830	5 110	21 781	545 244	1 818 819
Desempregados		1 787	2 368	9 215	254 182	662 180
Taxa de atividade		39,8	39,7	38,0	47,6	47,6
Taxa de desemprego		10,3	14,5	11,9	14,5	13,2

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

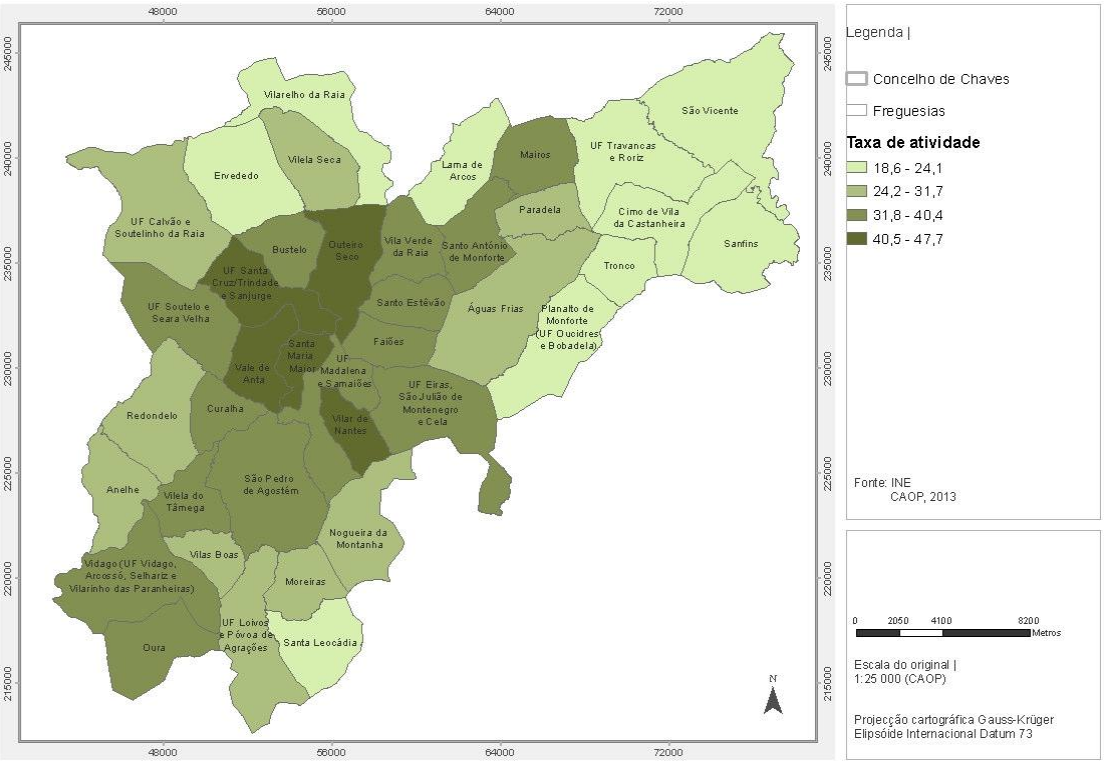


Figura 3.20 | Taxa de atividade, por freguesia (2011)

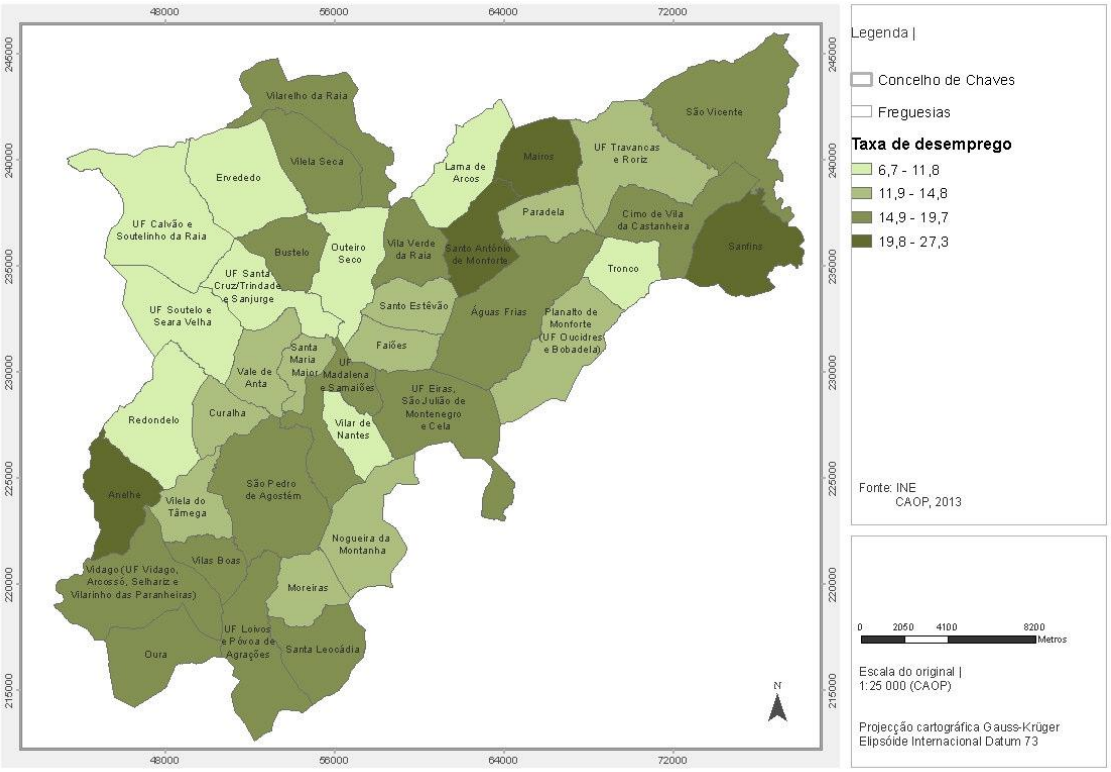


Figura 3.21 | Taxa de desemprego, por freguesia (2011)

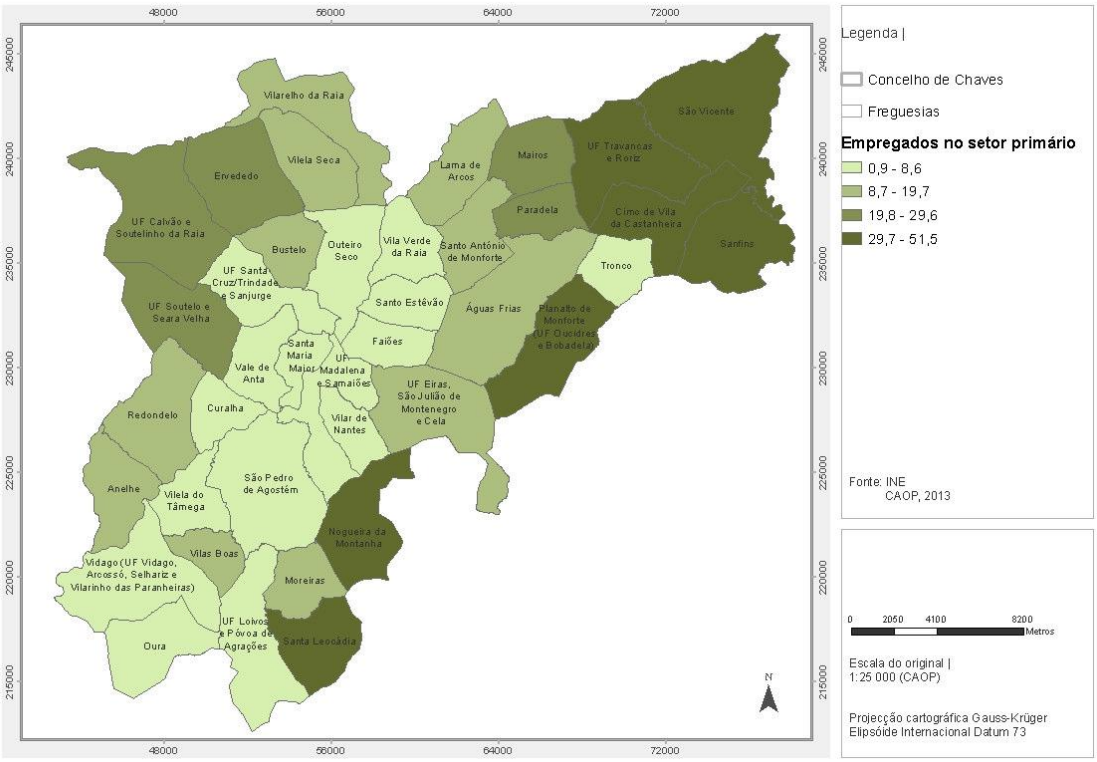


Figura 3.22 | População empregada no setor primário (2011, em % do total da população empregada)

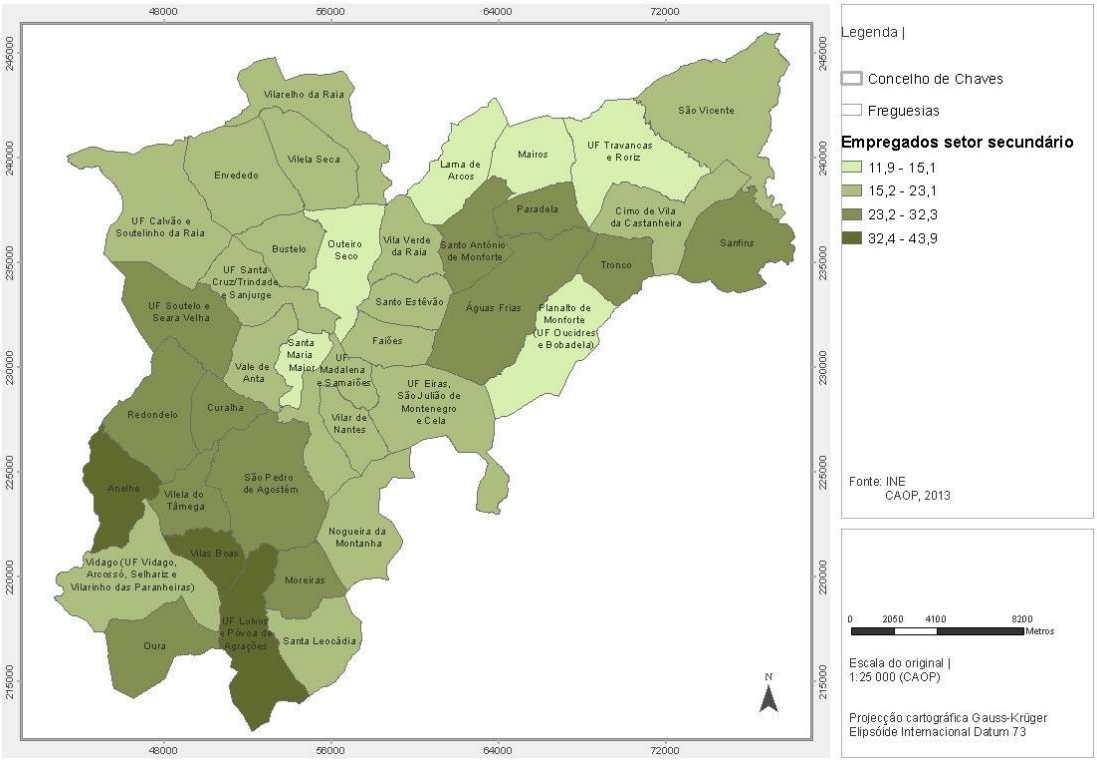


Figura 3.23 | População empregada no setor secundário (2011, em % do total da população empregada)

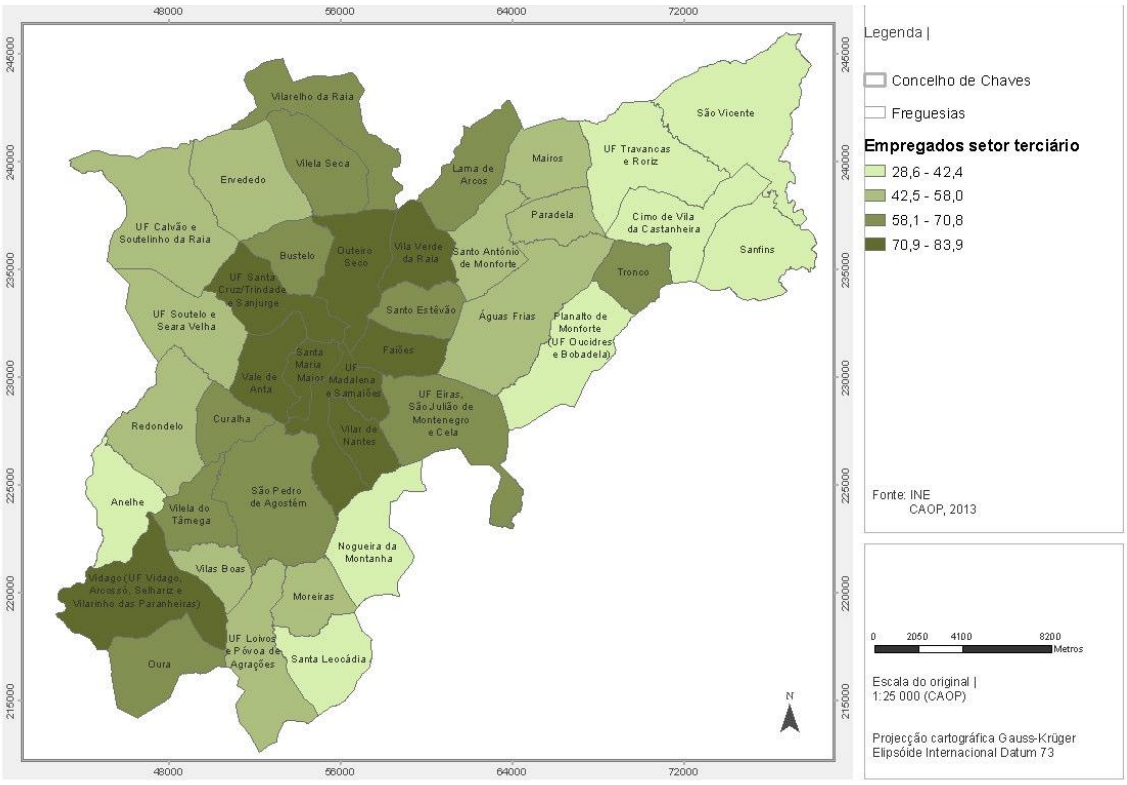


Figura 3.24 | População empregada no setor terciário (2011, em % do total da população empregada)

As qualificações da população residente constituem um outro elemento da coesão social e territorial. O Quadro 3.33 e as Figura 3.25 e Figura 3.26 apresentam a informação disponível nos Recenseamentos da População e da Habitação. Chama-se a atenção para duas conclusões principais: em primeiro lugar, um contexto de melhoria da situação concelhia, entre 2001 e 2011, que constitui uma oportunidade a ter em conta; em segundo lugar, e uma vez mais, a existência de diferenciações no território concelhio.

Quadro 3.33 | Qualificações

Nível de ensino	Chaves (2001)	Chaves (2011)	Alto Trás-os-Montes	Norte	Portugal
População residente	43 667	41 243	204 381	3 689 682	10 562 178
Nenhum	6 918	3 891	24 184	298 201	895 140
Pré-escolar		868	3 886	87 951	261 805
1º Ciclo	16 962	14 606	76 487	1 183 901	3 152 778
2º Ciclo	4 828	3 891	19 773	453 161	1 098 656
3º Ciclo	4 449	5 725	26 484	583 622	1 660 964
Secundário	5 860	6 334	26 955	556 011	1 770 324
Pós-secundário	290	261	1 250	27 976	92 611
Superior	4 360	5 667	25 362	498 859	1 629 900
Analfabetos (mais de 10 anos)	4 979	2 892	19 472	167 451	499 936
Taxa de analfabetismo	12,5	7,6	10,2	5,0	5,2

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

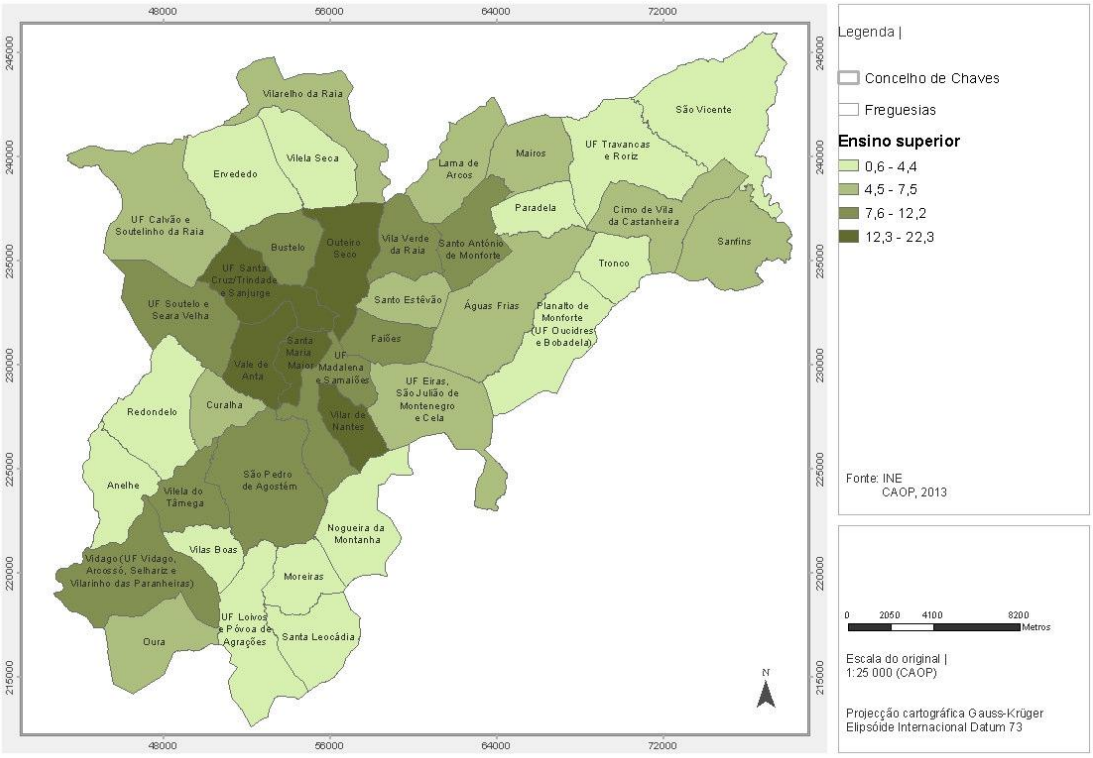


Figura 3.25 | População que atingiu o nível superior (2011, em % do total da população residente)

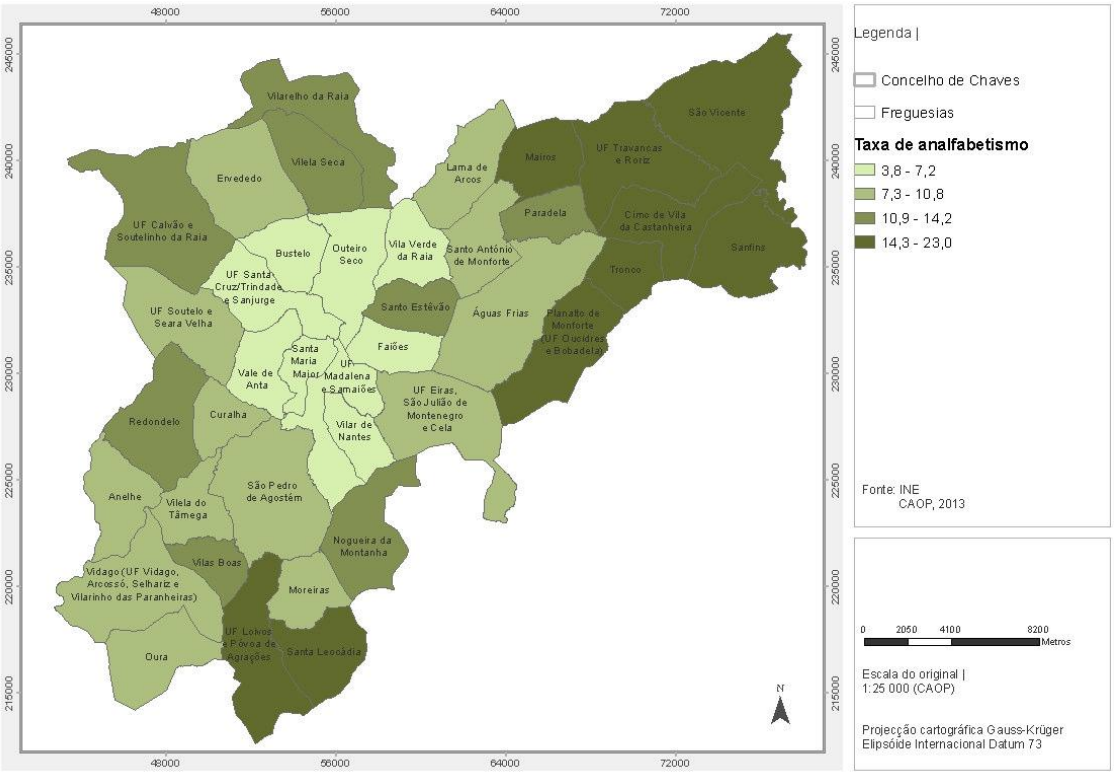


Figura 3.26 | Taxa de analfabetismo, por freguesia (2011)

Apresenta-se, por fim, informação relacionada com outras duas problemáticas da coesão social e territorial: as questões associadas à nacionalidade (Quadro 3.34 e Figura 3.27) e as questões associadas aos residentes com dificuldades (Quadro 3.35 e Figura 3.28). Trata-se obviamente de duas questões muito diferentes, quer na intensidade dos respetivos fenómenos (sublinha-se, por exemplo, a relevância quantitativa da população com dificuldades, com consequências importantes para a necessidade de qualidades urbanas que implica), quer na sua expressão territorial. Mas delas emerge, uma vez mais, a existência de diferentes contextos, que devem ser tidos em conta nas estratégias municipais.

Quadro 3.34 | Nacionalidade

	População residente	Portuguesa		Estrangeira	Dupla nacionalidade	Apátrida
Chaves (2001)	43 667	42 271	96,8			
Chaves (2011)	41 243	39 467	95,7	547	1 227	2
Alto Trás-os-Montes	204 381	197 710	96,7	2 446	4 215	10
Norte	3 689 682	3 582 477	97,1	45 194	61 928	83
Portugal	10 562 178	9 956 911	94,3	359 969	244 745	553

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

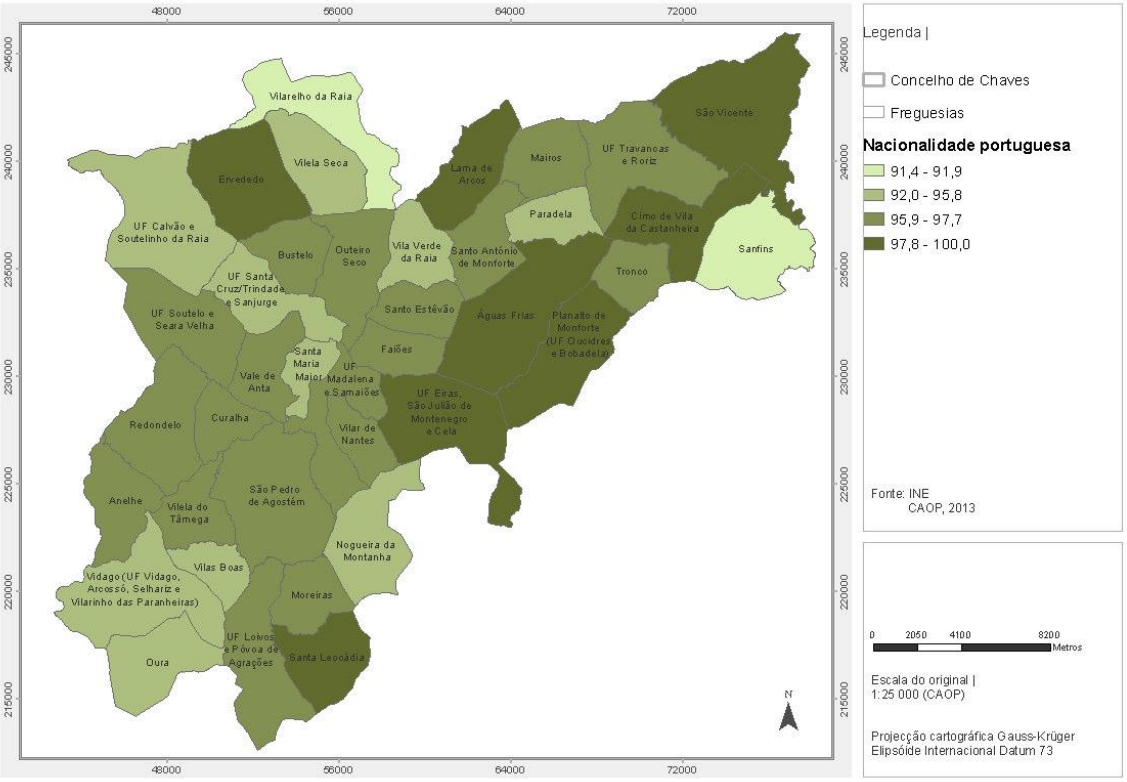


Figura 3.27 | População residente de nacionalidade portuguesa (2011, em % da população residente)

Quadro 3.35 | População com pelo menos uma dificuldade (2011)

	População residente	Com pelo menos uma dificuldade	
Chaves	41 243	7 345	17,8
Alto Trás-os-Montes	204 381	42 694	20,9
Norte	3 689 682	606 285	16,4
Portugal	10 562 178	1 792 719	17,0

Fonte: INE, Recenseamentos da População e Habitação

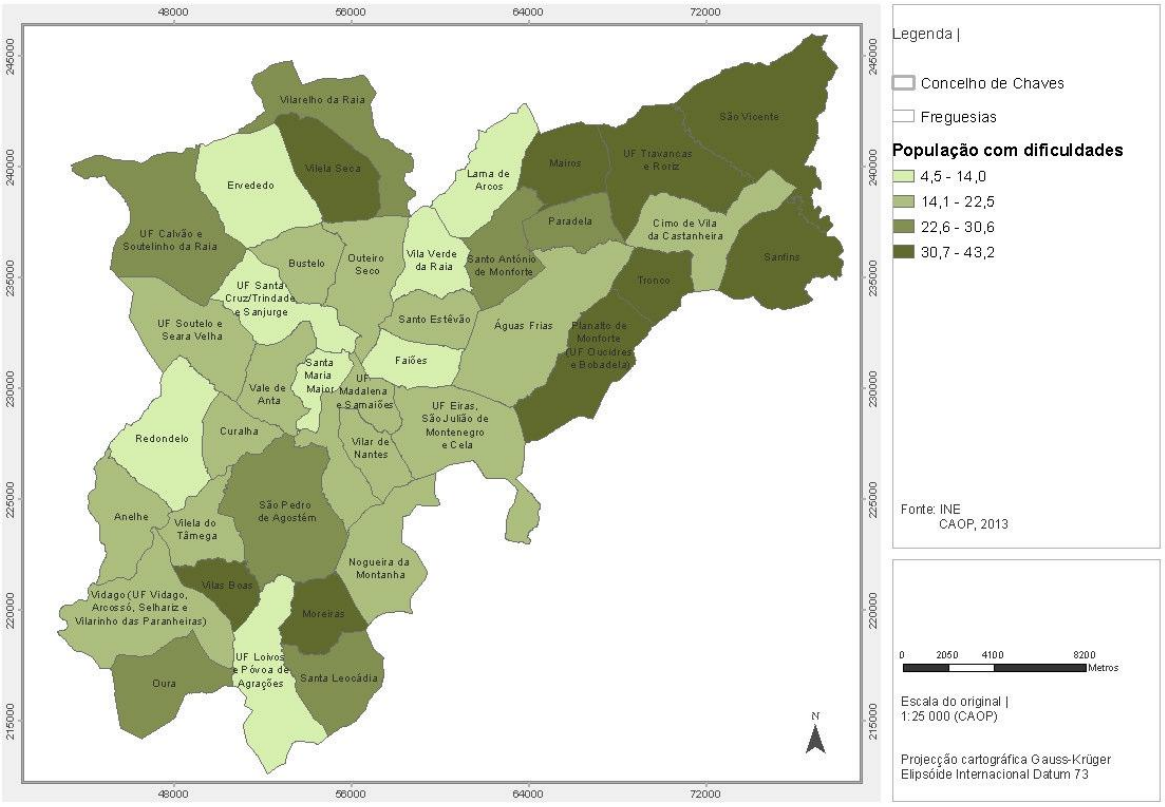


Figura 3.28 | População residente com pelo menos uma dificuldade (2011, em % da população residente)

4. NOTAS CONCLUSIVAS

Sublinham-se, agora, em conclusão, e de uma forma muito resumida, alguns dos principais resultados deste estudo da População e Habitação:

- As dimensões populacionais a ter em conta no processo de planeamento: uma cidade de quase 20000 habitantes, uma eurocidade, em projeto, com mais de 30000 habitantes, um município com cerca de 40000 habitantes e um espaço transfronteiriço de interação potencial próxima com mais de 140000 habitantes;
- A evidência de um contexto estrutural de diminuição da população residente, e a presença de três aspetos principais que condicionarão a sua evolução no futuro: a amplitude das transformações estruturais na fecundidade; as oportunidades de inserção dos jovens adultos no mercado de emprego; a continuidade do processo de atração e retorno de população emigrante;
- A evidência de um contexto de mudança na estrutura etária e espacial da população residente, que origina situações diferenciadas no território municipal, tanto do ponto de vista da variação do número de habitantes como do ponto de vista da variação do número de famílias residentes;
- Um contexto de crescimento moderado do número de famílias, associado às mudanças na sua dimensão e composição, e a não coincidência entre as dinâmicas demográficas e as dinâmicas de expansão do parque habitacional, de que uma das consequências é o aumento do número de alojamentos vagos (que correspondem, no entanto, a diferentes tipos de situação e de processos); a evolução deste contexto será condicionada pela extensão das mudanças na estrutura familiar a maior ou menor capacidade de mobilização dos alojamentos vagos disponíveis e a maior ou menor capacidade de indução de dinâmicas de reabilitação do edificado;
- Um contexto de melhoria generalizada das condições de habitação, mas no qual se evidencia a relevância dos problemas relacionados com o estado de conservação dos edifícios e da necessidade de atenção a novas exigências qualitativas;
- A existência de diferentes perfis espaciais das dinâmicas e dos problemas habitacionais: os problemas estudados combinam-se de várias formas e com várias intensidades nos diferentes espaços concelhios, requerendo estratégias elas próprias diversificadas;
- A associação entre as caraterísticas demográficas e habitacionais e outras dimensões importantes da coesão social e territorial, que aconselham estratégias que relacionam explicitamente o planeamento territorial e as dimensões de coesão ou fragilidade social.

Chaves, outubro 2015